



CABELO, CORPO E IDENTIDADE

*Etnografia sobre a construção da identidade
de mulheres trans e travestis em Manaus*

EDUARDO PEREIRA MONTEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EDUARDO PEREIRA MONTEIRO

CABELO, CORPO E IDENTIDADE:

Etnografia sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flávia Melo da Cunha

Manaus - Amazonas

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EDUARDO PEREIRA MONTEIRO

CABELO, CORPO E IDENTIDADE:

Etnografia sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flávia Melo da Cunha

Manaus - Amazonas

2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- M775c Monteiro, Eduardo Pereira
Cabelo, Corpo e Identidade: etnografia sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus / Eduardo Pereira Monteiro. - 2024.
187 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Flávia Melo da Cunha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus, 2024.
1. Cabelo. 2. Corpo. 3. Identidade. 4. Manaus. 5. Mulheridade. I. Cunha, Flávia Melo da. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título
-

EDUARDO PEREIRA MONTEIRO

CABELO, CORPO E IDENTIDADE:

Etnografia sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social. Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Flávia Melo da Cunha

Data da aprovação: 30 de outubro de 2024

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Flávia Melo – Presidente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profe. Dre. Brune Mantese de Souza – Membro Externo
Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares – Membro Interno
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Manaus - Amazonas

2024

Ao meu querido avô, Sebastião Francisco de Oliveira Monteiro, dedico esta dissertação. Tu és a minha brilhante estrela no céu da noite. Descanse. Que encontre a paz eterna! Sempre te amarei!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, devo agradecer à minha querida mãe, que a vida me deu, por ter investido em meus estudos e por tudo que fez por mim até hoje. Agradeço também e dedico esta dissertação a meu amado avô, Sebastião Francisco de Oliveira Monteiro, que partiu deste mundo ao longo deste processo. Meu único leitor assíduo, o homem que me criou e viveu comigo situações que só ele conhece; sem você, meu avô, meu pai, eu não teria o caráter de um homem formado hoje. Você é meu mundo, meu querido, minha estrela que brilha em minha vida.

Agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Flávia Melo, sob cuja tutela e orientações esta pesquisa foi realizada. Agradeço pela dedicação, colaboração, incentivos e, principalmente, pela confiança e paciência ao longo dos anos de produção deste escrito. Sou grato por todo acolhimento. Os louros desta pesquisa também são seus.

À minha amada amiga Camila Garcia Iribarrem, exímia antropóloga! Uma das mulheres que me inspiram, que segurou e segura minhas mãos em momentos que só nós sabemos. Saiba que te amo, minha cara amiga, você está comigo!

A minhas queridas amigas e companheiras de vida: Samantha Neves Pereira, Samile Magalhães Pereira e Rafaela Cristina de Souza Queiroz, que sempre me ouviram, apoiaram e estiveram ao meu lado nas decisões mais insanas da minha vida. Obrigado por segurarem minhas mãos nos momentos em que perdi meu mundo, por todas as conversas, carinhos e risos... amo-as com todo meu ser.

Aos colegas do PPGAS que estiveram comigo, seja dividindo espaço em sala de aula, em projetos de extensão ou simplesmente apoiando uns aos outros. Assim, sou grato a Rosijane Tukano, Marilene Peres, Melanie Peter, Ozaias Rodrigues, Carlos Calenti, Ingrid Rodrigues, Érica Melo, Flávio Kotiria, Isabella Petry, Laís Oliveira, Tiago Oliveira, Taynara Sanches, Thamires Angelo, Lucillany Carneiro, Maria Auxiliadora, Celeste Alberta, Mário Brunoro e Emily Margarete (Humboldt-Universität zu Berlin).

Aos docentes do PPGAS, agradeço a todos. Em especial, agradeço às professoras doutoras Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, Raquel Wiggers, Ana Carla Bruno e Maria Helena Ortolan. Agradeço especialmente aos professores doutores Thiago Mota Cardoso e Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares.

Aos colegas do laboratório de gestão ambiental e ecologia da Faculdade de Engenharia Florestal, agradeço o carinho das queridas professoras doutoras Rosana Barbosa de Castro Lopes e Flora Magdaline Benitez Romero, por todo acolhimento quando precisei ser ouvido, pelas conversas nos laboratórios e por me deixarem estudar em seus espaços quando necessitei. Agradeço aos alunos integrantes desses dois laboratórios, em especial a Kallyfa Abdon, com quem construí amizade.

Sou extremamente grato às mulheres que participaram desta pesquisa, que pude acompanhar, por todas as conversas, risos, correrias... Sem vocês esse escrito não existiria. Espero que suas histórias sejam conhecidas e reconhecidas.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo investimento financeiro em minhas pesquisas e trabalhos acadêmicos. Também agradeço à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) por todos os ensinamentos, aprendizados, alegrias e tristezas adquiridos nesta trajetória.

À minha médica psiquiatra, Juliana Arioli Ferreira, por cuidar de mim integralmente como ninguém; você é a mulher que me salvou a vida e a minha saúde mental.

Por fim, agradeço a mim, por viver com transtorno bipolar e conseguir me manter estável até aqui. Mesmo medicado, em conflitos com os demônios da depressão bipolar e da hipomania, por ser resistente e resiliente. Eduardo Monteiro, escrevo a você não com egocentrismo e narcisismo, mas para reconhecer que você é um guerreiro. Olhe-se no espelho e veja o que suportou até aqui. A trajetória do mestrado foi árdua, curta, mas pareceu longa; no fim, deu certo. Esta foi mais uma etapa de várias outras.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar a relação entre cabelo, corpo e identidade, e seus modos de interação na formação da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus. Esta etnografia propõe compreender as dimensões representativas, sociais e culturais que o cabelo desempenha, para além de um componente estético acoplado ao corpo. A partir do perfil geracional entre as interlocutoras e seus pertencimentos de classe, foi possível compreender as noções êmicas apresentadas por elas sobre a relação que os fios acima da cabeça assumem na constituição dos marcadores sociais da diferença, como raça, pertencimento social e classe. O corpo também aparece como uma variante êmica nas narrativas das interlocutoras, o que demonstra um desmantelamento das noções estabilizadas sobre o que seja o corpo, o gênero e a identidade. Essas relações apresentadas ao longo da pesquisa possibilita, ainda, compreender os conhecimentos, saberes e práticas distintas que essas mulheres demonstram no cuidado com os cabelos, com o corpo e na manutenção das condições estéticas produzidas no corpo, pelo corpo e para o corpo, além da interface que se apresenta em espaços públicos e privados. Assim, a noção própria de “mulher” e “mulheridade” é constantemente revista e repensada a partir da narrativa de trajetória de vida dessas mulheres, bem como de suas próprias noções sobre isso. Em um primeiro momento, a pesquisa aborda o sexo, gênero e corpo, onde se revisitam essas categorias analíticas e se discute a partir das definições das interlocutoras. Após essa discussão, seguindo os critérios de uma escrita etnográfica densa, detalhada e situada, discuto o cabelo e a feitura do corpo-identidade por meio das narrativas de trajetória das participantes e, com isso, os resultados das observações participantes. O estudo constituiu-se, principalmente, por entrevistas e observação participante em diferentes situações do cotidiano dessas mulheres. Também foram utilizadas redes sociais para levantamento e construção de dados. Por fim, os resultados demonstram como Manaus tem impacto direto nas percepções das noções de gênero e identidade, nos cuidados com o corpo e no cuidado de si, nos modos de sociabilidade, no trânsito pela cidade e nas complexas relações com o cabelo.

Palavras-chave: Cabelo; Corpo; Identidade; Manaus; Mulheridade.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the relationship between hair, body, and identity, and their modes of interaction in the formation of the identity of trans women and travestis in Manaus. This ethnography seeks to understand the representative, social, and cultural dimensions that hair plays, beyond being an aesthetic component attached to the body. Based on the generational profile of the interlocutors and their class affiliations, it was possible to understand the emic notions they presented about the role of the hair on their heads in the constitution of social markers of difference, such as race, social belonging, and class. The body also appears as an emic variant in the narratives of the interlocutors, demonstrating a dismantling of the stabilized notions of what the body, gender, and identity are. These relationships presented throughout the research also make it possible to understand the knowledge, skills, and distinct practices that these women demonstrate in caring for their hair, their bodies, and maintaining the aesthetic conditions produced on, by, and for the body, as well as the interface that emerges in public and private spaces. Thus, the very notion of "woman" and "womanhood" is constantly revisited and rethought based on the life trajectory narratives of these women, as well as their own notions about it. At first, the research addresses sex, gender, and body, revisiting these analytical categories and discussing them from the definitions of the interlocutors. After this discussion, following the criteria of a dense, detailed, and situated ethnographic writing, I discuss hair and the making of body-identity through the participants' life trajectory narratives and, consequently, the results of participant observations. The study was primarily constituted through interviews and participant observation in different situations of these women's daily lives. Social media was also used for data gathering and collection. Finally, the results demonstrate how Manaus directly impacts the perceptions of gender and identity notions, body care and self-care, sociability modes, navigation through the city, and the complex relationships with hair.

Keywords: Hair; Body; Identity; Manaus; Womanhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1** **29**
Legenda: Olhando os cabelos. Desenho feito à mão, contornos em lápis e digitalização. (Crédito: Acervo Pessoal de Eduardo Monteiro, 2024).
- Ilustração 2** **67**
Legenda: Jogando os cabelos: representando Tiffany. Desenho feito à mão, contornos em lápis, coloração, contorno digital. (Crédito: Acervo Pessoal de Eduardo Monteiro, 2024).
- Ilustração 3** **106**
Legenda: Olhando no espelho: representando Camilla. Desenho feito à mão, contornos em lápis e digitalização. (Crédito: Acervo Pessoal de Eduardo Monteiro, 2024).
- Ilustração 4** **149**
Legenda: Toda Feita. Desenho feito à mão, contornos em lápis e digitalização. (Crédito: Acervo Pessoal de Eduardo Monteiro, 2024).
- Ilustração 4** **150**
Legenda: Eu preciso de liberdade!: representando Lucy. Desenho feito à mão, contornos em lápis e digitalização. (Crédito: Acervo Pessoal de Eduardo Monteiro, 2024).

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** **53**
Legenda: Sylvia Rivera (a esquerda e Marsha P. Johnson (a direita) foram figuras proeminentes, líderes e ícones do movimento LGBTQIA+ em Nova York. Edição nº32, janeiro de 1981. (Crédito: Reprodução)
- Figura 2** **55**
Legenda: Jornal Lampião da Esquina. Rio de Janeiro - edição: 1981. Ano 3/Nº 32.
Título: "Brasil, campeão mundial de travestis" (Crédito: Print Grupo Dignidade).
- Figura 3** **55**
Legenda: Jornal Lampião da Esquina. Rio de Janeiro - edição: 1981, Ano 3/Nº 35.
Título: "A Bicha que virou Mulher: uma discursão sobre o transexualismo" (Crédito: Digital Transgender Archive).
- Figura 4** **90**
Legenda: Mãe de Tiffany realizando o alisamento. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).
- Figura 5** **99**
Legenda: Cortes semelhantes. Mãe de Tiffany ao lado esquerdo, sua irmã ao centro e Tiffany ao lado direito. (Crédito: Acervo Pessoal de Tiffany, 2023).
- Figura 6** **109**
Legenda: Encontro na CASA MIGA. Camilla ao lado esquerdo da imagem usando máscara facial azul. (Crédito: Acervo Pessoal, 2022).
- Figura 7** **128**
Legenda: Coroa de Camilla. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).
- Figura 8** **128**
Legenda: Acessório de Cabeça. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Figura 9 **131**

Legenda: Camilla e sua faixa de rainha da diversidade. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Figura 10 **133**

Legenda: As meninas da ASSOTRAM. Camilla sentada na faixa azul da bandeira ao lado direito. (Crédito: ASSOTRAM via Facebook).

Figura 11 **146**

Legenda: Camilla posando com cabelos lisos. (Crédito: Acervo pessoal de Camilla, 2012).

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS é a sigla em inglês)
ASSOTRAM - Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Amazonas
ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados
CASA MIGA - Acolhimento LGBT+
CID - Classificação Internacional de Doenças
COVID-19 - Doença por Coronavírus 2019
DAN - Departamento de Antropologia
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FCA 2 - Faculdade de Ciências Agrárias 2
FIES - Fundo de Financiamento Estudantil
FIOCRUZ (AMAZÔNIA) - Fundação Oswaldo Cruz, sede Amazônia
GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizantes
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV é a sigla em inglês)
INPA - Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia
IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTI - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgênero e Intersexuais
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgênero
LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais +
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binárias +
LoL - League of Legends
MDF - Medium Density Fiberboard ou Fibras de Média Densidade
MUSA - Museu da Amazônia
MMORPG - Massive Multiplayer On-Line Role-Playing Game
ONG - Organização não-governamental
ONU - Organização das Nações Unidas
PAM da Codajás - Policlínica Codajas
PG - Programa
PIBIC - Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PIX - Pagamento Instantâneo Brasileiro (a sigla não tem um consenso segundo o Banco Central do Brasil)

PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PPGGCBEv - Programa de pós-graduação em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva do Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (PPGGCBEv/INPA)

PPGZOO/UFAM - Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Federal do Amazonas

PPGZOO/MN/UFRJ - Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

RPG - Role-Playing Game

SAMEL - Serviço de Assistência Médica (Hospital Privado)

SENAC-AM - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Amazonas)

SENAI-AM - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Amazonas)

SES-AM - Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas

SUS - Sistema Único de Saúde

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UNFPA (Brazil) - Fundo de População das Nações Unidas (Brasil)

V-Line - Linha V, Cirurgia da Linha-V.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I	29
1.1. Para além dos cabelos da Antropologia	30
1.2. Gênero e Sexo uma categoria analítica	32
1.3. Identidade de Gênero, Poder e a Teoria Queer	44
1.4. “É a mapô de de carne e osso”: e o que é esse tal queer?	59
1.5. Materialidades do Corpo e Performatividade	63
CAPÍTULO II	67
2.1. Jogando o cabelo pra lá e pra cá: trajetória, cabelo e afins	68
2.2. Primeiros contatos com Tiffany	69
2.3. Os jogos do cabelo e jogos de paquera	74
2.4. Construindo a feminilidade, mulheridade em trânsito	83
2.5. “Essa bicha tá sentido dor agora, mas depois...”	86
2.6. O gestual do cabelo no espaço público	93
2.7. Um dia na laje	102
CAPÍTULO III	106
3.1. O cabelo como processo de socialização	107
3.2. Ser aceita: pequena história da identidade de um cabelo	113
3.3. Uma coroa, uma faixa: no carnaval ela é rainha da diversidade	127
3.4. Indo para a privê das monas: uma noite de babados	136
3.5. “Toda feita na Europa”: operando sentidos de mulheridade	141
CAPÍTULO IV	150
4.1. Entre cidades: debutando em Manaus	151
4.2. Nano(trans)tecnologicamente: RPG e MMORPG como constructos da identidade	163
4.3. Constructo corporal-capilar: experiência da liberdade na metrópole	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181

*Nas profundezas de minhas paixões
sinceras,
Onde não existe o ecoar das palavras
Mora: a minha força mais bruta.
Cada vez que me abala a dúvida, com os
poros em descompasso,
Eu sei que ela está viva.
Devo dizer que estou livre apenas onde
não há palavras,
Devo dizer que aperto, eu mesma as
minhas amarras,
Cada vez que eu explico, o que dizem os
meus olhos,
Cada vez que eu corro, para longe de
mim,
Cada vez que falam mais alto os
contratos.
E eu?!?
EU SOU UMA SELVA!!!
Sou a mesma mata serena que
amedronta o cantar da lua,
Sou uma Deusa plena que tem medo de
ser nua.
Estou procurando velas para não estar
sem trilha,
E apago com paixão velas e brasas,
Para não deixar de ser selva,
Nunca*

(Selva -Poema, Don Sonora & Aline Binns)

INTRODUÇÃO

Diz-se que o cabelo é a moldura do rosto, que é ele o encarregado responsável por determinar a forma como nos apresentamos à sociedade. É ele também incumbido de criar tendências e estilos próprios e únicos. Sejam curtos ou longos, trançados ou soltos, tingidos ou em sua tonalidade natural, fato é que o cabelo, ou até mesmo a sua ausência, desempenha um papel importante e magnânimo. O cabelo ou a ausência dele, embora algumas pessoas possam nascer com a ausência dos bulbos capilares, enquanto outras optam simplesmente por não o ter. Ainda assim, assume e desempenha um importante papel no ser humano, não apenas como mero coadjuvante que está para enfeitar o corpo, mas para expressar quem nós somos e nossa identidade.

Através do cabelo, nos expressamos enquanto sujeitos sociais, criamos e externalizamos nossas identidades e cultivamos nossas culturas. Além do mais, o cabelo tem sido base para o desenvolvimento e criação de novas e incomensuráveis tecnologias, como perucas (sejam elas feitas de madeixas naturais ou de materiais sintéticos), *lace fronts* que, tão fidedignas ao couro cabeludo natural, se tornam imperceptíveis aos olhos, mega *hair's* dos mais sortidos tipos, que vão desde nano-cápsulas de queratina até às alternativas convencionais com presilhas tipo tique-taque ou coladas. Em sua versatilidade, o cabelo assume infinitudes de formas e tecnologias.

No Brasil, ao abordarmos a temática dos cabelos, nos deparamos com inúmeras formas de falar dessa coisa fantástica que ele é. A miscigenação dos povos diversos que habitam o país reflete essa vasta e rica cultura. Essa diversidade se manifesta não apenas nos diversos corpos, mas também em seus cabelos. Encontramos cabelos variados, múltiplos e de multimodos: de lisos e ondulados a cabelos cacheados e crespos, transpassando diversas formas de alinhamentos, curvaturas e espessuras variáveis. O cenário brasileiro é diversificado, com estilos, tonalidades e nuances inúmeras. Cabelos tanto volumosos quanto menos volumosos. E, nesse cenário, a cidade de Manaus, inserida no contexto social amazônico, também apresenta essa ampla diversidade de modelagens capilares que chamam a atenção.

Desde minha infância, as experiências com o cabelo e cortes que deram errado ficaram gravados em minha memória. Lembro que minha mãe dizia em tom de ameaça que cortaria meus cabelos para que eu ficasse mais masculino ou ainda como forma de punição, de castigo. Cortar os cabelos era uma tristeza. Quando eu tinha 8 anos, lembro de uma das últimas vezes que minha mãe foi ao salão. Ela chegou em casa uma noite com os cabelos na altura de seu ombro; lembro de vê-la chorar copiosamente e de suas palavras: “*aquele gay acabou com meu cabelo!*”. Ela ficou bastante tempo sem se olhar no espelho por não se reconhecer.

Sem dúvida, a experiência de minha mãe não deve ser a única atrelada a um corte que deu errado. Sua autoestima foi afetada. Toda ação feita sobre os cabelos tem, muitas vezes, resultados imediatos. É como jogar um balde de tinta sobre uma tela já pintada. Ou uma bailarina que sai do compasso da dança. É uma experiência de sublimação em si. Liberdade, aprisionamento, possibilidades e potencialidade.

A experiência de minha mãe me conduziu, ao longo de minha graduação em Filosofia e Ciências Sociais, a debruçar-me sobre a temática da subjetividade e da sexualidade em meu primeiro PIBIC iniciado no ano de 2018. Posteriormente, eu desenvolveria mais dois projetos de iniciação científica investigando identidade, feminilidades e subjetividades. Em meu trabalho de conclusão de curso de Filosofia, debrucei-me sobre a temática da beleza e da estética da deusa Afrodite e seus atos inclementes, a partir de um levantamento histórico, arqueológico, antropológico e filosófico, sobre como a relação da beleza da deusa e seus atos impiedosos se correlacionam diretamente com a ética grega, que Foucault irá chamar de *sophrosyne*, ou a justa medida. Essa justa medida desemboca nos cuidados de si (2018).

O cuidado de si sempre me chamou a atenção: como podemos cuidar de nós mesmos e dos outros? Como se constituem esses códigos compartilhados dos cuidados? Certamente, não é de meu interesse dar prosseguimento ao árduo e longo trabalho de Foucault. Mas busco entender como esses cuidados são constituídos. Instigado por essa temática e minha paixão pela antropologia da performance, da beleza, da estética, das sexualidades e dos gêneros, me conduziram, então, a extrair criticamente fragmentos dos resultados que eu havia alcançado em minhas pesquisas anteriores. Se na Grécia

antiga o cinto policromático da deusa Afrodite se constituísse para além de um acessório de embelezamento, quais seriam os outros elementos para tal?

Nessa complexa relação, acabei enveredando no meu projeto de pesquisa de mestrado para a temática das doenças capilares. A Antropologia Médica me pareceu um universo a ser explorado; meu foco era entender como as relações homoeróticas são constituídas na escolha de um parceiro que tenha ou não alopecia androgenética ou suas variantes. Ao longo das orientações, recebi muitas sugestões que me levaram para fora do universo das pesquisas de antropologia médica. Duas pessoas foram fundamentais: Melissa, uma colega de grupo de pesquisa, ao ver a exposição de meu projeto, me perguntou: “*Mulheres trans e travestis não têm alopecia?*” e minha cara orientadora, Flávia Melo, nesse caminho, me instigou a pensar como o cabelo se constitui para além de uma simples coisa que existe na cabeça e serve para embelezar o rosto. Ao longo da pesquisa, essa questão não surgiu nas falas das interlocutoras, mas me foi importante para pensar uma nova formulação e abordagem das noções factuais sobre o cabelo e a identidade.

Me vi diante de um dilema: devo continuar a pesquisa no campo médico ou essa curiosidade instigada em mim, atrelada à performance, ao corpo, à identidade? Optei pelo segundo caminho. A partir das orientações, a nova temática foi delimitada. A investigação foi demarcada para a cidade de Manaus. Antes de iniciar o campo, pensei muitas vezes que as relações com as interlocutoras se constituiriam rapidamente. Me enganei! Recebi ao todo 8 (oito) não de possíveis interlocutoras! Fiquei por três meses negociando com uma famosa influenciadora de Manaus, via ligações, encontros, convites... todos frustrados.

Lembro-me de ouvir de pelo menos 5 (cinco) dessas possíveis interlocutoras que aceitaram participar, desde que houvesse alguma remuneração por entrevista. Por não haver essa possibilidade, muitas negaram. O motivo? Quase todas me diziam que não gostariam de ser expostas, mesmo com a possibilidade do uso de pseudônimos. Já entristecido, no fim do ano de 2022, fui convidado para ir a uma roda de conversa na CASA MIGA, com a temática sobre violência contra mulheres trans e travestis e seus direitos junto à lei Maria da Penha. Lá conheci muitas outras mulheres, mas uma em

questão me chamou muito a atenção após uma fala de uma terceira pessoa direcionada a ela e seu cabelo, Camilla.

Não irei descrever aqui com detalhes esse encontro; afinal de contas, está descrito no capítulo dedicado a ela. Camilla aceitou participar dessa pesquisa e isso me deu gás para continuar a empreitada de campo. Logo em seguida, conheci Tiffany na mesma academia de musculação que frequento. Com ela também tive certas dificuldades de negociação, mas, após passar pelo crivo de sua mãe, foi aceito o convite. A sua mãe é importante ao longo de suas narrativas; a figura dela esteve presente em praticamente todas as entrevistas que fiz com Tiffany.

Após o aceite de Tiffany, continuei a procurar por essas pessoas na cidade. Ia a congressos, eventos acadêmicos, eventos na rua... mas, inesperadamente, em uma conversa com um amigo paleontólogo, me foi sugerido por ele que eu conversasse com Lucy, sua orientadora, uma mulher trans/travesti docente da UFAM. Após entrar em contato com ela, tive o aceite. Lucy, então, seria a terceira integrante principal dessa pesquisa.

*

A partir da contextualização sobre a importância que o cabelo tem para a conexão de pessoas, não apenas nas sociedades diversas, mas também como expressão de seus corpos, afirmação de suas identidades e expressões das culturas em que estão inseridas, além das possibilidades tecnológicas que, hodiernamente, o cabelo cada vez mais tem adquirido.

Para minha preparação para ir ao campo, elaborei algumas perguntas norteadoras previamente, o que, mais tarde, eu descobriria que não me serviria de nada. Foram elas que me guiaram para o que as interlocutoras queriam falar e expor sobre si e suas vidas. Fiz uso de pelo menos 4 (quatro) cadernos de campo: um caderno para cada interlocutora e um para anotar ações importantes apreendidas no campo e seu desenrolar. Fiz todos a lápis, como minha orientadora me ensinou. Afinal de contas, estamos na Amazônia; nem todos os lugares possuem acesso à internet, há lugares

alagadiços; se escrevemos a caneta, se houver um acidente, não há garantia de que a tinta permaneça intacta. Também li o livro, por recomendação de minha orientadora, “Carta de uma Orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica”, da antropóloga Débora Diniz, que me ajudou muito a, posteriormente, desenvolver esse projeto e ter os resultados que tenho aqui.

Ao longo do campo, utilizei microfones de lapela para entrevistas gravadas. Esses microfones são pequenos e esquecidos quando estão acoplados ao corpo. Isso permite uma maior flexibilidade e mobilidade ao longo das entrevistas, para que as interlocutoras tenham a liberdade de continuar seus afazeres do dia. O alcance máximo desses microfones é de até 20 (vinte) metros. Também fiz uso de uma câmera Canon T1i, da qual fiz capturas de imagens — muitas delas com Camilla e Tiffany a pedido delas, exceto com Lucy —; entretanto, por um infortúnio, no dia 10 de novembro de 2023, minha casa pegou fogo completamente. Salvei a câmera, mas o cartão micro-SD pegou fogo no incêndio. Assim, perdi pelo menos 95% das imagens e vídeos. Minha pretensão era montar um curta-metragem de 10 (dez) minutos sobre o alisamento de Tiffany e da preparação de Camilla para ir a um evento na Bola do Produtor, em Manaus.

No campo, enquanto pesquisador, me inspirei em dois grandes antropólogos: Marcel Mauss e Max Gluckman. Em sua pesquisa sobre as técnicas do corpo, Mauss percebeu que comportamentos como a maneira de se movimentar, usar e cuidar do próprio corpo não só variam de cultura para cultura, como também são moldados pelos fatores sociais e históricos em que o sujeito está inserido (2003), demonstrando que esses comportamentos não são naturais, mas que perpassam por processos de aprendizado e transmissão, sendo aprendidos socialmente e, posteriormente, repassados a novas gerações. Esses comportamentos suscitam a imitação prestigiosa (MAUSS, 2003; GOLDENBERG, 2002). Além dessas imitações, Mauss propõe que as técnicas do corpo perpassam esferas de biopsicossocial, em que o indivíduo aprende em um processo particular e reconfigura em si esses aprendizados e constitui-se complementar a esse processo (MAUSS, 2003; HAIBARA & SANTOS, 2016). Assim, Mauss se encaminha para a discussão entre corpo e identidade, enquanto marcadores culturais, biopsicossociais e pedagógicos e individuais que refletem ou não as normas e valores sociais.

Para me situar no campo, inspirei-me no trabalho desenvolvido por Gluckman entre os povos Zulu, na Zululândia Moderna. Ele enfatiza em sua pesquisa a importância de entendermos a cultura local dos indivíduos a partir de um prisma holístico, com enfoque nas análises das interações sociais, políticas e econômicas. Sua ênfase metodológica consiste principalmente na observação participante, análise das dinâmicas e compreensão dos “ritos de transição” (2010). Esses rituais de transição consistem no entendimento dos ritos que marcam mudanças na vida particular dos indivíduos, como as festas de casamento, encontros coletivos etc., com a intenção de entender como esses ritos ajudam os sujeitos a integrar a sociedade. Assim, o argumento de Gluckman é de que os conflitos são inerentes à estrutura social, enquanto a estrutura social se expressa pelos conflitos conforme novos eventos se desdobram no mundo social.

Para escrever essa pesquisa, me inspirei em minha orientadora, Flávia Melo (2020) e sua tese, principalmente inspirado por sua escrita de uma Antropologia Impura, em que em alguma medida posso ver que minha escrita é impura ao passo que busco me relacionar com a vida que existe no campo e o campo que existe na vida, e disso suas contaminações (p. 53). Também me inspirei em Donna Haraway, a partir do conceito de “escrita situada”, que consiste na ideia de que a produção do conhecimento é realizada a partir de posições específicas, que são influenciadas por fatores relacionados ao gênero, raça, classe e inserção do indivíduo no contexto cultural (1995). Não há neutralidade no trabalho antropológico; não sou uma exceção. Por fim, mas não menos importante, Clifford Geertz é outro antropólogo em quem me inspiro para escrever. Geertz propõe que a etnografia não deve ser apenas uma descrição objetiva, crua e fria, mas uma interpretação dos significados culturais, uma “descrição densa” (1973) que engloba o contexto social, histórico e cultural que incide e dá sentido às ações das coisas que subjazem o mundo e os indivíduos. Assim como Geertz, eu acredito que a escrita etnográfica deve situar os fenômenos complexos ocorridos na esfera do social e cultural, sobre os quais os antropólogos se debruçam.

Nossa subjetividade enquanto cientistas não é isenta, mas ativa e participativa. Creio, ainda, que a escrita etnográfica, por fim, deve ser acessível e instigante, compreensiva. Uma escrita literária do real, dos fenômenos existentes.

*

Os resultados obtidos preenchem as expectativas esperadas para a proposta da pesquisa: entender como o complexo fenômeno de associação do cabelo está entrelaçado com o corpo e com a identidade de mulheres trans e travestis na cidade de Manaus. Ao longo do campo, foi possível ter uma dimensão maior sobre como a cidade influencia na formação da identidade.

Não apenas Manaus; o trânsito entre culturas, seja no Brasil ou fora dele, faz com que o cabelo apareça como um balizador e catalisador para entendermos aspectos associados à interseção entre gênero, identidade, sexualidade, raça, corpo e classe. A experiência de Tiffany é delimitada ao contexto de Manaus. De outro modo, Camilla incorporou aspectos europeus e, inspirada nas mulheres europeias, narrou-me seus desejos de mudança corporal, capilar, de vestuário e maquiagem. Lucy, por sua vez, debuta em Manaus. Lucy torna-se Lucy em sua chegada à cidade e faz dela seu berço.

Assim, em um plano geral, pode-se dizer que a experiência que Manaus proporciona a essas mulheres também pode ser vista nos cabelos e suas mudanças, no uso das tecnologias capilares, nos momentos decisivos de transição capilar, como o alisamento, o big chop, as tinturas capilares e os cortes. Dessa maneira, Manaus demonstra-se única para cada indivíduo. De modo único, a localização da cidade também é um dos fatores que impulsionam essas experiências singulares.

*

Buscarei no primeiro capítulo tratar de modo mais teórico as problemáticas sobre os conceitos de gênero e sexualidade, sexo biológico e teoria *queer*, corpo e performance. Além de me guiar pela interseção entre gênero e raça na realidade de Tiffany, Camilla e Lucy.

Os proponentes principais são Foucault, Judith Butler, Paul Preciado, Teresa de Lauretis e Isabel Wittmann. A longa discussão promovida ao longo do capítulo I busca trazer os desentendimentos que eu tenho em relação a alguns estudos, principalmente os estudos queers, por meio dos diálogos com Camilla e Lucy, principalmente.

Os resultados desse primeiro capítulo são refletidos nos três outros dedicados às interlocutoras. As questões relacionadas a *queer* surgem principalmente pela necessidade de situar o estudo no norte do Brasil e adequar os entendimentos sobre Manaus por meio das narrativas que as próprias interlocutoras forneceram. Assim, inicialmente, o conceito de identidade parece nebuloso, mas devo atentar que ao longo da leitura, ele se desdobrará, assim como as discussões sobre corpo e cabelo.

A fisicalidade desses conceitos encarnados surge diversas vezes nas narrativas das interlocutoras, o que demonstra que, certamente, as posições construídas não são vazias. Pelo contrário, são embasadas na realidade assistida dessas mulheres, o que confere significados únicos às noções de corpo, gênero e identidade.

Ao longo do capítulo II, dedicado a Tiffany, irei inicialmente apresentar como me aproximei dela e sua trajetória. Também trago à tona uma análise sobre os atos de “jogar” o cabelo. A ação do jogo é conferida a uma definição êmica, única, apresentada por Tiffany e sua mãe. O ato de jogar revela-se além do ato repetitivo da manipulação dos cabelos, mostrando sequências únicas das interações que são mediadas por ele — o cabelo — no cotidiano.

Também trago junto de Tiffany descrições e análises sobre a feminilidade e mulheridade. Tiffany apresentou em nossas conversas o que é ser mulher para ela, o modo que define, suas vontades, disciplina e constância. Essas duas categorias, caras, não são fechadas, uma vez que Camilla e Lucy também fornecem suas próprias noções e definições. A ação dos jogos pode ser vista com profundidade ao abordar o gestual do cabelo no espaço público. Demonstra que, na ação êmica dos jogos na construção da feminilidade, está para além da casa; faz-se na rua.

Por fim, trago também um relato feito na laje, onde esse espaço da casa se demonstra como um espaço de produção, manipulação, feitura do corpo, construção de

sentidos, desejos, vontades e sonhos. Revelando assim as características únicas apresentadas a esse espaço da casa como potência.

No capítulo III, dedicado a Camilla, também uso estruturalmente o mesmo modelo inicial do capítulo II; primeiro apresento a trajetória dela e como me aproximei. Camilla apresenta também, a seu modo, como o cabelo faz parte do processo de socialização, por meio de sua experiência.

Ela me narrou sua história e muitas coisas foram retiradas do texto final, por vontade dela. Atendo ao seu pedido em delimitar a amostragem ao que ela crê ser o melhor. Além disso, ela me disse que pretende ser reconhecida por quem ela é e sua luta de vida, não pelos erros ocorridos no passado.

O processo de socialização do cabelo também aparece como uma noção êmica que irá transpassar outras duas categorias apresentadas por ela: “se fazer na Europa” e ser “aceita”. Sobre esse segundo, ser aceita para Camilla perpassa por duas instâncias: primeiro, a de ser incluída no grupo das meninas da noite e, segundo, a aceitação de si.

Camilla me disse que, por uma longa parte de sua vida, para ser incluída no grupo das meninas da noite, ela teve que se adequar aos modos de vestimentas delas, bem como à estética capilar: cabelos lisos e longos. Após algum tempo, ela retoma para si essa noção de aceitação e transforma num ato de entendimento de si; é com o fim dos alisamentos que ela se aceita de novo com os cabelos enrolados e naturais.

Se fazer na Europa surge como uma discussão sobre mulheridade e feminilidade. Essa discussão é promovida a partir da visão das amigas de Camilla, Joyce e Leleca, que surgem como personagens importantes. Essa discussão surgiu em uma festa que a acompanhei. Tratava-se da recepção de Joyce em seu regresso de Genebra, na Suíça, para Manaus. Duas noções são apresentadas: a de fazer-se no Brasil, apresentada por Camilla, e a de fazer-se na Europa, apresentada por Camilla e Joyce.

O ato de fazer-se diz respeito à construção do corpo, à prótese de silicone, aos cuidados de si, do cabelo e da beleza. Fazer-se na Europa também demanda uma certa expertise para conseguir manter-se financeiramente fora do país ou dentro dele,

revelando meandros que passam pelo tráfico humano, tráfico sexual, cafetinagem e modificações clandestinas.

Por fim, no capítulo IV, dedicado a Lucy, início apresentando sua trajetória e como a conheci. Lucy apresenta mais uma categoria êmica por meio do ato de “butar”. O *debut* que Lucy fala é marcado pelo seu processo de transição de gênero consolidado com sua chegada em Manaus no ano de 2020.

No *debut*, a relação com os jogos RPG e MMORPG ganha um certo protagonismo. Lucy me contou que seu processo de transição de gênero é marcado profundamente pela sua relação com os jogos virtuais. Foi fazendo avatares que ela se fez. Como ela mesma coloca, ela nasce a partir dessa relação com os jogos e com Manaus.

Assim, as transformações ganham o que ela chama de “reavivar a alma” por meio do cabelo. Ela enfatiza que suas transformações corporais e psicológicas possuem uma forte conexão com seus cabelos. Reavivar a alma, nesse sentido, é dar cor aos fios das madeixas, manipular sua forma, seja ela longa ou curta.

Manaus aparece no discurso de Lucy como uma experiência de liberdade na metrópole. Essa liberdade é experimentada na relação corporal-capilar. O cabelo cumpre um certo papel de constructo dessa relação performática, revelando que essa experiência de liberdade na metrópole possibilitou experienciar novos sentimentos de solidão, de desejos, afetos, necessidades, resistência e constância. Assim, Lucy se coloca como uma rebelde do gênero e da performance a ele agregada.

Por fim, a última seção desta pesquisa é dedicada às considerações finais. Concluo que a pesquisa evidencia os modos como o cabelo surge como um catalisador para discussões sobre gênero, corpo e identidade. Em Manaus, as experiências vivenciadas por Tiffany, Camilla e Lucy demonstram que o cabelo está para além de uma mera característica física; ele surge como uma expressão rica do multifacetamento de quem elas são. Essas demonstrações são atravessadas pelas interações sociais e influências culturais que moldam as identidades.

Os *insights* resultantes da pesquisa abrem espaço para amplas discussões sobre a importância e o protagonismo do cabelo na antropologia e nas ciências sociais. Nesse panorama, considerando a complexidade das experiências individuais em contextos socioculturais variados, as pesquisas sobre cabelo, corpo, identidade e performance ilustram um vasto campo fértil para futuras investigações.

*



CAPÍTULO I

1.1. Para além dos cabelos da Antropologia

*“Muito bem, cabelo, está na
hora de você enfrentar seu
destino”
(Azula, Princesa do Fogo)*

Ao longo dos anos de produções antropológicas, o cabelo tem sido abordado como elemento de relação com o social nas mais vastas culturas e religiões. Não obstante, teóricos clássicos da ciência antropológica, a seu modo, o puseram como elemento em suas produções. Edmund Leach (1983), em sua obra “Cabelo Mágico”, põe em debate a posição simbólica que o cabelo exerce sobre atores de formas privadas e públicas dentro de uma sociedade (LEACH, 149). Sustentado pela ideia de que o cabelo é parte constituinte privada e também pública, Leach contrapõe-se à tese produzida pelo psicanalista Charles Berg sobre o cabelo na Antropologia. Leach, respaldado por trabalhos etnográficos, argumenta que cabe ao antropólogo entender como o cabelo se encaixa nas culturas de forma particular e coletiva, privada e pública.

Leach argumenta que há determinadas culturas em que guerreiros podem usar os cabelos longos e são mais sexualmente ativos, enquanto outros, com cabelos curtos, são mais reprimidos por questões de conduta cultural, mas que não se deve cair no estereótipo individual. No universo da cultura, o contraponto, diz Leach (1983), é que, ao sairmos da estereotipação social, cavaleiros de cabelos longos podem ser menos sexualmente ativos e os de cabelo curto mais ativos e menos silenciosos (p. 150). O status do indivíduo, argumenta Leach, pode sim dizer algo sobre o comportamento sexual de um indivíduo, mas não é fator principal para definir seus comportamentos na realidade (p. 151). Sobre isso, o antropólogo argumenta:

Este argumento do "senso comum" não suporta uma investigação muito rigorosa. É verdade que uma mudança no estilo do cabelo é, em muitas sociedades, uma maneira fácil e óbvia de indicar o problema, de outra forma delicado, de uma mudança no status sócio-sexual. Mas isto ocorre somente

porque os próprios órgãos genitais foram tornados invisíveis pelo tabu. É somente a afetação do vestuário que torna o corte de cabelo um ato simbólico "mais óbvio" do que a circuncisão. O argumento do "senso comum", assim, serve apenas para reforçar a hipótese de que o cabelo da cabeça é um deslocamento simbólico visível dos órgãos genitais invisíveis. (p. 151, grifos do autor).

Com a rigorosidade da análise de cada detalhe, para Leach, o cabelo, nas mais diferentes esferas, como apontado anteriormente, pode demonstrar que, assim como outros antropólogos clássicos perceberam, o cabelo não necessariamente faz jus apenas ao sexual. Nesse caminho, aponta Leach:

Isto parece fazer com que a argumentação dê uma volta completa. Estamos de volta à posição adotada por Wilken, Frazer, Hutton e outros velhos antropólogos. Eles também afirmavam que o cabelo ritual simboliza algum tipo de abstração metafísica — fertilidade, substância da alma, poder pessoal (1983, p.164, grifos do autor)

A argumentação de Leach abre margem para um caminho em que o cabelo perpassa um trajeto que não é individualizante, mas que também considera a própria estrutura da sociedade, para além da estrutura físico-biológica, entre o público e o privado, o particular e o coletivo, e o que o cabelo pode representar dentro do sistema social.

De outro modo, na obra “Pureza e Perigo: Ensaio sobre a Noção de Poluição e Tabu”, a antropóloga Mary Douglas (2010) traz à tona o cabelo como um elemento simbólico corporal que se deriva de uma certa experiência corporal. Para Mary Douglas, o cabelo, as unhas, bem como fluidos corporais, seriam partes constituintes do sujeito, de sua identidade:

O erro seria considerar as fronteiras do corpo como diferentes das outras margens. Não há razão para supor que a experiência corporal e emocional do indivíduo leva vantagem sobre a sua experiência cultural e social. Eis a chave que nos permite compreender porque é que os diferentes ritos celebrados no mundo valorizam diferentes partes do corpo. (p. 90-91).

Pensar no cabelo é também analisar como sua presença é incorporada na vida social e seus significados. O pensamento de Leach para a antropologia do cabelo possui propriedades importantes enquanto matéria produzida pelo corpo, assumindo diversas características a partir de seus modos de manipulação. É dotado de significados culturais, religiosos, bem como da inserção do sujeito no conjunto das práticas sociais em que está inserido.

Nas próximas seções, pretendo, antes de demonstrar as discussões sobre o cabelo — um dos focos centrais desta pesquisa — estabelecer um parâmetro sobre a discussão analítica do gênero e do sexo, bem como do corpo enquanto matéria em sua plasticidade. Uma vez que, para falarmos do cabelo, é necessário abordar a construção dos corpos vistos como dissidentes e desviantes das normas sobre o ser masculino e feminino, penso ser necessário o debate promovido desde a década de 1960, tanto por antropólogas(os) quanto por pesquisadores do gênero e do sexo.

É a partir da contribuição dos pesquisadores citados anteriormente que irei progredir ao longo das seções, com o foco em demonstrar como as múltiplas experiências do corpo não se limitam apenas à sua matéria, mas vão além dela; as práticas sociais também perpassam a identidade, uma vez que corpo e identidade fazem jus à tríade cabelo, corpo e identidade. Ou melhor, seria dizer corpo, identidade e cabelo? Uma vez que o cabelo, assim como a identidade, é indissociável dessa coisa encantadora que nós chamamos de corpo em sua mais complexa gama de experiências.

1.2. Gênero e Sexo uma categoria analítica

Entre diversas culturas, o gênero desempenha marcadores sociais essenciais na diferenciação entre homens e mulheres, além de situar suas posições nas hierarquias dentro das estruturas organizacionais sociais. As diferenciações entre homens e mulheres costumavam delinear as funções individuais de acordo com o gênero, principalmente no campo do trabalho, no cuidado da família e na reprodução.

A palavra “gênero” progressivamente tem ganhado força não apenas nos estudos acadêmicos das ciências sociais, que buscam explicar as diferentes formas culturais de relações de poder entre homens e mulheres. O uso da palavra “gênero” também enfatiza, neste contexto de assimetria entre homens e mulheres, o caráter discriminatório, subalternizado e passivo que a mulher é posta social e culturalmente.

Os estudos clássicos de *Marcel Mauss (1872-1950), As técnicas do corpo (1934), e de Margaret Mead (1901-1971), Sexo e Temperamento em três sociedades primitivas (1936)* já indicavam que certos padrões de conduta não estavam relacionados à natureza de homens e mulheres, mas antes aos diferentes processos culturais e de socialização. (MAZZARIELLO; FERREIRA, 2015, s.p. grifos dos autores).

Neste sentido, em meados dos anos 1960, a palavra “gênero” se transformou em um conceito apropriado pelos então efervescentes grupos feministas, que haviam ganhado cada vez mais força com as revoluções sociais em prol da reivindicação dos direitos da mulher. O “gênero” buscava, então, dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social (VEIGA; PEDRO, 2019, p. 330).

Na lógica da diferenciação binária de gênero, a sobreposição do poder atribuído ao homem, por meio da dominação masculina, faz com que o corpo passe a ser motivo de disputas políticas, opressão sexual, violência, desigualdade social e reprodutividade. É a partir do início do século XX que o gênero começa a ser discutido em várias esferas sociais, bem como seus modos de representação. Anterior a essa questão, Maria Luiza Heilborn (2002) pontua que:

Para o senso comum, parece óbvio que as condutas femininas e masculinas resultem de uma inscrição natural em seus corpos. Resultado disso seria a posição que a mulher ocupa no processo reprodutivo, a qual será retomada mais adiante. Em contraposição, espera-se de um modo geral que ao sexo masculino sejam associados os papéis da esfera pública, e as atitudes de virilidade e força, em oposição à fragilidade, associada ao feminino. (p. 4)

As disputas teóricas em torno do que é o gênero tornaram-se parte das agendas feministas. Inicialmente, a palavra “gênero” foi usada pelo movimento das mulheres em seu sentido literal encontrado nos dicionários dos anos 60, 70 e 80, como forma de descrever a organização social das relações entre os sexos. Para a historiadora norte-americana Joan Scott (1990), as discussões sobre gênero se iniciaram nas instituições acadêmicas americanas, quando mulheres feministas se dispuseram a formular críticas ao determinismo biológico, que era remotamente aplicado para justificar e determinar a diferença entre homens e mulheres (WITTMANN, 2016, p. 27).

Em corroboração ao pensamento de Joan Scott, Miriam Grossi (1998) notou que as discussões sobre gênero chegaram ao Brasil por meio do movimento das mulheres feministas norte-americanas. Consoante a essa discussão, passaram a usar a categoria "*gender*"¹ para falar das “origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (1998, p. 4). Deste modo, Miriam Grossi destaca ainda que o gênero, conseqüentemente, serve para avaliarmos os planos e estruturas sociais, culturais, bem como as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. [...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" (SCOTT, 1990, p.72-75, grifos da autora).

Conjuntamente, Linda Nicholson (2000), pesquisadora dos estudos de gênero e sexualidade, na discussão sobre o que é gênero, busca demonstrar que, a partir do pensamento feminista dos anos 60, esse conceito ganhou cada vez mais força, evidenciando que as noções de gênero não estão necessariamente atreladas à categoria do sexo biológico. Ao contrário, ambas as categorias devem ser entendidas de forma diferente, sem dissociar tais noções sobre o corpo. A discussão sobre masculino/feminino, a seu ver, são categorias socialmente construídas. O gênero e o

¹ "Gender" é a palavra em inglês que, quando traduzida para o português do Brasil, equivale a "Gênero". Trata-se de um substantivo com várias definições na língua inglesa, bem como na língua portuguesa e aqui estamos nos referindo ao gênero como o papel social atribuído aos indivíduos e suas identidades.

sexo, dessa maneira, são pensados de forma distinta a partir das construções sociais entre o masculino e o feminino, bem como a distinção dos corpos.

Aqui, "genero" tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não corpo; "genero" e "sexo" são portanto compreendidos como distintos. De outro lado, "gênero" tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos "femininos" de corpos "masculinos" (2000, s.p. grifos da autora).

Nesse enquadramento, Linda Nicholson salienta que a noção de "gênero" no contexto da década de 1960 fermenta o debate das diferenças em relação às noções de construções do gênero a partir das diferenças sociais. "Sua preocupação era que o termo pudesse funcionar como um conceito livre de determinismos biológicos, que geralmente perpassam as ciências médicas e biológicas e mesmo o senso comum" (WITTMANN, 2016, p. 28).

A preocupação em relação às relações de gênero questionadas pelas feministas das décadas de 1960-1970 trouxe como ponto principal a constante associação entre o gênero e o determinismo biológico. Para além deste ponto, a antropóloga estadunidense Sherry Ortner (1979), em seu trabalho "Está a Mulher Para o Homem Assim Como a Natureza Para a Cultura?", buscou promover a oposição entre natureza e cultura em relação ao gênero e ao sexo.

Sendo uma das pioneiras em sua colocação, Ortner (1979) questiona os aspectos que a mulher, bem como a universalidade do ser feminino, assume como secundário nas diversas sociedades, apontando que há variações culturais entre elas e a forma como as mulheres são tratadas em graus maiores ou menores de inferioridade. A autora também chama a atenção para a necessidade de pensarmos estritamente a avaliação cultural em relação às mulheres e seus papéis.

Ao problematizar a dicotomia natureza x cultura, Ortner preocupa-se em entender e compreender como o corpo da mulher é visto dentro desse sistema dicotômico. À vista disso, a autora descreve em seu trabalho que o corpo feminino está desproporcionalmente mais relacionado à natureza e às experimentações naturais, de

modo que essa proposição, a seu ver negativa, não apenas afeta o corpo e o sexo da mulher, mas sua própria colocação dentro das estruturas das diversas culturas.

Em outras palavras, explico o problema na seguinte questão simples. O que poderia ter havido na estrutura generalizada e nas condições de existência comuns a cada cultura, que poderia levá-las a colocar um valor inferior sobre a mulher? Especificamente minha tese é que a mulher está sendo identificada com - ou se se desejar. parecer ser um símbolo de - alguma coisa que cada cultura desvaloriza, alguma coisa que cada cultura determina como sendo uma ordem de existência inferior a si própria. Agora parece que há uma única coisa que corresponde aquela descrição e é a "natureza" no sentido mais generalizado. Cada cultura, ou, genericamente "cultura" está engajada no processo de gerar e sustentar sistemas de formas de significados (símbolos, artefatos e etc.) por meio dos quais a humanidade transcende os atributos da existência natural, ligando-as a seus propósitos, controlando-os de acordo com seus interesses. Podemos assim amplamente equacionar a cultura com a noção de consciência humana (isto é, sistemas de pensamento e tecnologia), por meio das quais a humanidade procura garantir o controle sobre a natureza. (ORTNER, 1979, p.100, grifos da autora).

Em contrapartida, os homens estariam assim associados à cultura (ORTNER, 1979, p. 101). Segundo a autora, no plano cultura x natureza, a cultura busca sempre se sobrepor à natureza. “Se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las” (ORTNER, 1979, p. 102).

Destaque a essa questão, as disputas em torno do gênero e do sexo, como propôs Joan Scott (1990), citada acima, dar-se-ão no campo das disputas sociais e culturais. A cultura passa a ser o principal campo de debate entre teóricos e cientistas, até mesmo para o senso comum, disputas essas relacionadas às diferenciações entre homens e mulheres e aos elementos biológicos anteriores ao sexo. Tornando assim, o gênero uma categoria analítica guarnecida de disputas teórico-metodológicas.

O debate sobre a relação do gênero e do sexo também se estende a outras ciências, para além das ciências humanas, especialmente nas disputas em torno das ciências médicas, bem como nas ciências biológicas e no direito. Segundo a antropóloga

Isabel Wittmann: “Na perspectiva das ciências médico-biológicas, sexo seria parte da nossa identidade biológica: algo com que nascemos, definido pelos cromossomos sexuais e os órgãos reprodutores” (2016, p. 29).

Paul Preciado (2014) aponta que, na lógica do sistema médico-jurídico que regula o sexo e a reprodução, o masculino e o feminino partem a priori da identidade sexual, de uma anatomia circunscrita pela política que se sobrepõe ao corpo, tornando-o, como consequência, sexuado (p. 128). No tocante à industrialização dos sexos e às tecnologias médicas sobre o sexo em relação às pessoas transexuais, Paul Preciado (2014) aponta que:

Pelo menos desde os anos setenta, a tecnologia médica se felicita de poder criar uma Eva a partir de Adão, ou melhor Marilyn a partir de Elvis, mas o contrário aparentemente não funciona. [...] até agora as equipes encarregadas da cirurgia transexual se contentavam com uma operação que oferecia “resultados cosméticos muito medíocres”, afirmando que um transexual deveria se conformar com o sexo que deseja inclusive se este é de aparência “grotesca” (p.123-124, grifos do autor).

Embora sua obra “Manifesto Contra-Sexual: práticas subversivas de identidade sexual” tenha sido publicada originalmente nos anos 2000, Preciado debruça-se e questiona a forma como os saberes da tecnologia médica se portavam naquele contexto em relação a corpos trans e intersexuais², mediante a readequação de sexo e gênero. Por mais que o entendimento médico, das ciências biológicas e do direito tenha avançado e se (re)adequado ao nosso contexto atual, ainda há disputas em relação a questões biológicas sobre questões cromossômicas e seus entendimentos em relação ao corpo, como apontado anteriormente.

Assim sendo, na lógica do poder-saber da ciência médica, indivíduos nascidos XX, por definições genéticas, são considerados pela medicina seres de potencial desenvolvimento feminino, enquanto que seres XY eventualmente são passíveis de desenvolver um corpo, porventura, masculino (PRECIADO, 2014, p. 133). Entretanto, há uma quebra nessa lógica cromossômica, que foge a essa normatividade genética:

² Termo atualizado, anteriormente chamavam-se pessoas intersexuais de hermafroditas.

peças intersexuais, que geneticamente contrariam a biologia molecular. Esses sujeitos podem nascer com combinações cromossômicas variadas, podendo ser XXY, XXXY, XXYY ou ainda outras combinações, investigações essas feitas principalmente no campo da biologia molecular. Devo dizer que não é meu foco nesta seção discutir tais relações, mas devo ressaltar a importância de sua discussão. Nesses casos, ainda a discussão do sexo não está necessariamente atrelada a questões científicas, mas estéticas. “Porque a visão e a representação assumem o papel de criadores de verdade nesse processo. A visão faz a diferença sexual” (PRECIADO, 2014, p. 137).

A conhecida pesquisadora Anne Fausto-Sterling (2019), por seus principais estudos no campo dos estudos culturais e da linguagem, em uma entrevista ao portal Azmina, endossa o argumento apresentado em relação ao poder-saber médico. Ao ser questionada pela entrevistadora em relação a uma de suas obras “Sexo/Gênero: Biologia em um Mundo Social³” (tradução livre minha), se deveríamos parar de falar das categorias de sexo, bem como do gênero, como uma forma de frear as desigualdades sociais, em sua visão, a pesquisadora apresenta a seguinte colocação em relação à pergunta feita:

Não. Criei o conceito dos cinco sexos (para se referir aos genótipos XX, XY, XXY, XXX e XYY) de maneira irônica, para que nós paremos de pensar de maneira binária (como se só existissem homens e mulheres), mas não acho que devemos deixar de buscar palavras para falar de sexos. Não podemos fazer os gêneros desaparecerem simplesmente fingindo que eles não existem. (AZMINA, 2016).

Baluartes a essa questão, seres nascidos intersexuais dilapidam as normas das ciências médicas, mas não apenas a ciência, as leis, como também, a moral, a religião e indubitavelmente as ordens sociorraciais e socioculturais construídas e enraizadas nas estruturas sociais (FILHO, 2023, p. 85). Como aponta a antropóloga Barbara Gomes Pires (2023) tais intervenções em bebês e as crianças intersexo por conseguinte trazem problemas à saúde psicológica, fere ainda a plenitude corporal desses sujeitos (p. 71).

³ Cf. Sex/Gender: Biology in a Social World (2012).

Por quê? Porque estamos falando de autonomia ético-existencial, que vai se relacionar com a subjetividade de cada pessoa. O que é envolver a subjetividade de cada pessoa? É possibilitar a tomada de decisão sobre os próprios corpos. É possibilitar ser diferente e não ser só masculino ou feminino. A subjetividade de cada relaciona-se a poder falar: “eu tenho o direito de ser quem eu quero ser e como eu quero ser”. (AGUIAR, 2023, p. 73, grifos do autor).

O movimento intersexual tem ganho cada vez mais apoio, especialmente entre a comunidade trans, endossando a liberdade de ser e a possibilidade de existir no mundo social a partir da própria escolha, não a partir do determinismo biológico imposto aos corpos desses sujeitos. Lucy, interlocutora desta pesquisa, em seu canal *Make Science BR* na plataforma *YouTube*, que conta com mais de 8,92 mil inscritos, promove discussões acerca de gênero e sexo, bem como identidade de gênero. Além das discussões relacionadas aos temas citados, Lucy também produz conteúdos sobre ciência focados em filosofia, paleontologia, taxonomia etc. Um dos quadros que mais chamam a atenção é o “*Make Talk*”, onde Lucy fala abertamente a seus inscritos e também aos não inscritos sobre a transexualidade, suas experiências, direitos, saúde trans, reprodução... buscando também desmistificar a transexualidade na ciência por meio da “*ciência trans*” (Lucy, 31 anos).

Em um de seus vídeos do quadro citado acima, nomeado “*#13 Make Talk: Transexual x Transgênero e a tal mulher de verdade (Mês da visibilidade trans)*”, com duração de 17m53s, publicado no dia 8 de janeiro de 2020, Lucy busca promover uma breve discussão acerca das categorias de gênero e sexo por meio das noções de sistematização e classificação a partir de sua opinião a respeito do assunto. Em relação ao sexo biológico, Lucy explica que na ciência há explicações para as variações físicas em relação ao que seria o sexo e a manifestação das gônadas⁴, sendo dessa forma sistematizado a partir do olhar da biologia, enquanto que para o gênero, sua perspectiva é classificatória.

⁴ As gônadas, segundo a biologia, são os órgãos responsáveis pela produção das células responsáveis pelos órgãos sexuais (o ovário e os testículos).

Já no gênero a gente tem uma sistematização, que talvez... até onde eu consigo entender, ela não é tão sistematização assim. Os gêneros, até o que eu já consegui me aprofundar de leitura, eles seriam classificatórios porque você não tem... você não consegue em geral justificar ao apresentar uma explicação causal para as categorias que você tem ali dentro, então por exemplo, no começo do século, você tinha que transexual e transgênero era doença e isso seria uma explicação causal, não é isso que estou me referindo. Felizmente ano passado isso mudou, nós não somos considerados mais uma patologia, um desvio do comportamento humano nem nada. (Lucy, 31 anos).

Lucy traz à tona uma questão importante a ser lembrada: que em 2019, na nova edição da 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID), a transexualidade passou a não mais ser considerada um transtorno mental. Entretanto, passou a ser colocada no capítulo de condições relacionadas à saúde sexual, sendo assim classificada como “incongruência de gênero”. A posição proposta pela CID, que é coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ao mesmo tempo que foi comemorada pela comunidade trans como um avanço, também causou um mal-estar pela mudança. Destaco aqui um trecho da fala de Bruna Benevides, mulher trans, ao jornal BdF em relação à despatologização da transexualidade:

Temos discutido que [a transexualidade] saia de qualquer CID, que tenha a necessidade de diagnóstico e que mude para uma CID que apenas garanta ao acesso aos procedimentos previstos para o acesso à saúde em si. Não estamos querendo inventar nada, só que não nos obriguem a passar por diagnósticos, porque o que caracteriza a doença é um diagnóstico. E principalmente quando esse diagnóstico é pautado por um profissional que vai dizer que sou ou não 'incongruente', o que é pior ainda. O termo ainda carrega muitos estigmas (LU SUDRÉ, 2019, on-line, grifos do autor).⁵

⁵ Cf. “Transexualidade deixa de ser considerada doença, mas ainda é patologizada” em BdF: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/03/transexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-ainda-e-patologizada>.

Certamente, as categorias de sexo e gênero despertam interesse na discussão, como demonstrado anteriormente, não apenas em relação aos atributos biológicos impostos aos corpos, mas também à própria noção de ser. Para Miriam Grossi (1998), o gênero passou a ser uma categoria útil a ser pensada a partir da formulação das relações socioculturais, bem como da ordem dos discursos diante das distinções sexuais entre homens e mulheres. Segundo a análise da antropóloga:

Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo. [...] É claro que podemos (e devemos) modificar cotidianamente aquilo que é esperado dos indivíduos do sexo feminino, pois o gênero (ou seja, aquilo que é associado ao sexo biológico) é algo que está permanentemente em mudança, e todos os nossos atos ajudam a reconfigurar localmente as representações sociais de feminino e de masculino. Na verdade, em todas as sociedades do planeta, o gênero está sendo, todo o tempo, ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Por isso, diz-se que o *gênero é mutável*. (GROSSI, 1998, p. 5-6, grifo da autora).

Para a antropóloga francesa Françoise Héritier (2010), em seu trabalho “*La différence des sexes explique-t-elle leur inégalité?: petite conférence*”, aponta que, no âmbito social, somos moldados desde o nascimento a crer que somos predestinados a seguir determinados padrões de gênero.

Aliás, acreditamos que essa maneira de pensar é a única possível e que é natural. Nos encaixamos em uma maneira comum de pensar que é a da nossa própria cultura, da nossa sociedade. Somos moldados, obrigados a nos conformar com o que a sociedade espera daqueles que têm a mesma forma física que nós mesmos, o que os antropólogos, e outros, chamam de gênero. obrigados a nos conformar ao nosso gênero. O que é "gênero"? Chamamos de "gênero" a maneira de pensar, comportamentos, atitudes, representações; é uma forma de classificar indivíduos ou coisas em caixas mentais que foram criadas antes de nós. Além do sexo aparente, somos definidos por um gênero

que se espera de nós, o que pode causar muito sofrimento para pessoas (n.p. grifos da autora, tradução livre minha).⁶

A autora complementa sua argumentação apontando que instituições como a família, a escola, a TV e até mesmo as ruas — enquanto objetos mutáveis constantemente — nos fazem crer que determinados comportamentos são marcados por tais crenças, normalidades essas baseadas na forma puramente física do corpo, cristalizando assim as normativas de gênero como imutáveis. Trazendo, deste modo, a discussão: as diferenças sexuais e de gênero são naturais ou culturais?

Desse jeito, entender como homens e mulheres são tratados a partir de suas identidades de gênero torna-se crucial para compreendermos a lógica dos tratamentos diferenciados aplicados a esses corpos sexuados, assim como a influência das instituições socioculturais, sejam elas religiosas, familiares, políticas ou econômicas. De modo que a construção das noções de gênero, identidade de gênero e sexo é reproduzida, modelada e fabricada (LAFONT, 2015, p. 1).

Outro fator relevante para a discussão sobre os corpos sexuados que devemos nos atentar e levar em conta são as circunstâncias, principalmente raciais, culturais, sociais e econômicas, em que se localizam os sujeitos do gênero. Sabe-se que mulheres brancas possuem privilégios que se destacam em relação a mulheres racializadas.

Autoras e autores vinculados aos estudos sobre as mulheres passam a entender que, justamente em virtude de o gênero ser socialmente definido, o ser mulher é algo diferente dependendo não só de classe social, mas também de idade e, claro, seu pertencimento social, **uma vez que as mulheres do mundo não têm vivências iguais** (WITTMANN, 2016, p. 32, grifo meu).

⁶ *Nous estimons d'ailleurs que cette manière de penser est la seule possible et qu'elle est naturelle. Nous nous coulons dans une manière ordinaire de penser qui est celle de notre propre culture, de notre société. Nous sommes forgés, contraints de nous conformer à ce que la société attend de ceux qui ont la même forme physique que nous-mêmes, ce que les anthropologues, et d'autres, appellent le genre. Nous sommes obligés de nous conformer à notre genre. Qu'est-ce que le « genre » ? Nous appelons « genre » la manière de penser, les comportements, les attitudes, les représentations ; c'est une façon de classer les individus ou les choses dans des boîtes mentales qui ont été créées avant nous. En plus du sexe apparent, nous sommes définis par un genre qui est attendu de nous, ce qui peut causer beaucoup de souffrance pour des personnes (texto original da conferência).*

A inferência da antropóloga Isabel Wittmann nos leva ao pensamento já elaborado por demais pesquisadores e pesquisadoras do gênero, da identidade, do corpo, do sexo e dos estudos sobre as mulheres. Consequentemente, Judith Butler (2003) aponta que a ideia de uma “mulher” não denota um sujeito universal e comum a todas (p. 20); ao contrário, o termo “mulher”, de forma não estática, tornou-se um problema para o feminismo. A dissolução do próprio termo busca torná-lo abrangente, em outras palavras, um termo guarda-chuva que consiga abarcar as múltiplas formas não estáticas do ser mulher.

Em “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de Donna Haraway (2009), a autora traz discussões necessárias e pertinentes ao feminismo socialista dos anos 1980, especialmente em países governados por regimes políticos de esquerda. Ela tece uma crítica feminista da ciência, buscando o diálogo com outros feminismos, como o feminismo latino e o feminismo negro, além de outros componentes da sociedade, como a política e a economia. Sua então tecnociência busca reconfigurar os significados do que é o sujeito, ou melhor, os sujeitos (FONTGALAND; CORTEZ, s.p. 2015). Segundo a autora, o trabalhoso conjunto epistêmico formulado por teóricos que buscam demonstrar que os aspectos não apenas de gênero e raça, mas de identidade e pertencimento social são marcadores históricos socialmente construídos, não pode mais pautar-se numa crença essencialista cristalizada, como se propunha sobre tais questões (HARAWAY, 2009). Segundo sua visão:

Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias (p. 47, grifos da autora).

É ao fim dos anos 1990 que as discussões que permeiam os estudos de gênero globalmente torna-se marcado pela necessidade da inclusão dos diversos marcadores das diferenças sociais como aponta Adriana Piscitelli (2008) é a partir da interseccionalidade e do reconhecimento das identidades de gênero emergentes que

torna-se possível pensar “as categorias de articulação e as interseccionalidades” (p. 263). Complementar ao pensamento de Adriana Piscitelli, Judith Butler (2017) propõe que: “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes.” (p.18). Em sua perspectiva filosófica, a autora argumenta que em a noção de ser enquanto ontológico pré-social, doutro modo, o sujeito antes do reconhecimento jurídico-social, está atrelado há uma série de interseções entre as noções de classe, raça, relações étnicas e sexo.

1.3. Identidade de Gênero, Poder e a Teoria Queer

A discussão da seção anterior buscou trazer de forma analítica a árdua discussão promovida entre antropólogos, cientistas sociais, sociólogos, dentre outros pensadores, sobre as noções de gênero e sexo. Todavia, apenas essa discussão não se torna suficiente para entendermos como os pesquisadores relacionam tais categorias enquanto construções sociais; é preciso também entender que esses sistemas, no agir dos sujeitos no âmbito social, têm implicações sobre como seus corpos se demonstram. Pensando bem, se essas implicações sociais indicam que o gênero e o sexo são construídos socialmente, inferimos que as noções identitárias também se constroem sobre os corpos.

Tratando-se de um aspecto mais complexificado, “porque remete à constituição do sentimento individual de identidade” (GROSSI, 1998, p. 8), buscarei, antes de mais nada, demonstrar como a identidade de gênero, enquanto produto sociocultural e historicamente constituída, é maleável e inconstante, remodelando-se constantemente. Recorrentemente, quando tratamos dos estudos sobre identidade de gênero, nomes como os já citados de Joan Scott e Judith Butler fazem-se fortemente presentes. Entretanto, qual a base anterior às formulações sobre seus pensamentos a respeito das noções de identidade de gênero? Antes de adentrar no que aponta Butler, devo rememorar o que se pensou antes de suas hipóteses, em especial, Judith Butler.

Pensadoras como Joana Maria Pedro (2005) e Maria Lygia Quartim de Moraes (2000) contribuíram de maneira singular para a evolução do conceito de gênero. Inspiradas em estudos anteriores, particularmente nas investigações do médico

psiquiatra e psicanalista Robert Jesse Stoller, que deslocou o termo "gênero" de seu contexto estritamente biológico para uma esfera cultural e psíquica, muitas feministas foram influenciadas nesse período por seu estudo. Stoller propôs uma visão em que o gênero não é mais concebido apenas como uma característica determinada biologicamente, mas como uma identidade psicológica moldada culturalmente para se alinhar com a anatomia corporal, ou seja, o sexo. Essa concepção emergiu em seus estudos sobre transsexualidade na década de 1960.

A obra de Robert Stoller intitulada “*Sex and Gender: the Development of Masculinity and Femininity*” (1968), antes de ser publicada, teve um artigo em 1964, no qual o autor trouxe breves resultados de sua pesquisa no “*The International Journal of Psychoanalytic*”. Segundo o autor, os pacientes participantes de seus estudos, como notou, não possuíam interesse propriamente no âmbito do sexo biológico, como se pensava na medicina da época. Abaixo, destaco um trecho de sua análise:

Esses pacientes tentavam afirmar que possuíam um determinado gênero, apesar de todos contestarem essa afirmação. Os pacientes em questão chegaram a uma identidade de gênero oposta à que é geral na sociedade. Por exemplo, embora tivessem a genitália externa de um sexo e a educação adequada a esse sexo, ainda tinham certeza de pertencer ao outro sexo. Essa certeza não tinha o propósito de desfrutar da sexualidade; eles não estavam interessados principalmente em obter gratificação sexual, nem procuraram tratamento por causa da incapacidade de obtê-lo. Eles queriam ajuda por causa de seu desejo impellido de serem iguais foi concedido o direito de pertencer ao sexo que sentiam ser o seu. (STOLLER, 1968, p. 67, tradução minha).⁷

Nesse mote, Maria Lygia Quartim de Moraes (2000) afirma que, nas relações de gênero, as categorias de “homem” ou “mulher” fazem parte de uma dimensão “flutuante” (p. 96), não sendo, desse modo, produzidas puramente pela sexualidade no âmbito biológico. Além disso, a autora refere-se a Robert Stoller como “o primeiro a

⁷ These patients were trying to maintain that they possessed a certain gender, despite the fact that everyone disputed this claim. The patients in question had arrived at a gender identity in a way opposed to that which is general in society. For example, although they had the external genitalia of one sex and the upbringing appropriate to that sex, they still felt certain that they belonged to the other sex. This certainty was not for the purpose of enjoying sexuality; they were not primarily interested in obtaining sexual gratification, nor did they come for treatment because of inability to obtain it. They wanted help because of their impelling desire to be granted the right to belong to the sex they felt was theirs. (STOLLER, 1984, p.67)

propor a utilização de uma categoria que diferenciase a pertinência anatômica (o sexo) da pertinência a uma identidade social ou psíquica (gênero)” (p. 96, grifos da autora).

Stoller empreendeu uma investigação profunda sobre a definição da identidade, ressaltando a importância do desejo fundamental de "ser" e a busca pela identificação como "homem" ou "mulher", independentemente das características anatômicas. Essa abordagem revela um panorama inicialmente antagônico entre a identidade sexual e os traços físicos. No entanto, essa concepção da identidade, que ainda se apresenta de forma brusca em seu trabalho, será posteriormente revisada por Foucault e Butler em seus estudos.

Butler, como mencionado anteriormente, desafia os limites convencionais do que seja a identidade, o gênero e sua relação com a forma do ser, por meio da performatividade de gênero, lançando luz sobre novas perspectivas e questionamentos sobre os conceitos envolvidos no que é a identidade.

A autora, inicialmente influenciada pelas obras do filósofo francês Paul-Michel Foucault, causou impactos significativos com suas publicações, como “Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, publicada originalmente em 1975, e “História da Sexualidade Vol. 1: a vontade de saber”, de 1977. Esse período estava em efervescência nas discussões sobre gênero e sexo. Nesse caminho, suas obras influenciaram profundamente as ciências sociais, as ciências médicas e a filosofia. Entretanto, o que nos interessa saber sobre a influência de Foucault sobre Butler é como, a partir de suas formulações, a autora pôde desenvolver suas hipóteses, ainda muito utilizadas no cerne das pesquisas de gênero.

Segundo a socióloga Patricia Legouge (2012), “a influência de Foucault no mundo da investigação em matéria de sexualidade e gênero foi importante. [...] As teorias foucaultianas serão retomadas pelas Teorias *Queer*, notavelmente por Butler e Rubin⁸” (p. 19, tradução minha). A partir de uma perspectiva antropológica sobre a teoria butleriana, ressalta-se que o indivíduo é moldado por uma interseção complexa de

⁸ “*L'influence de Foucault sur le monde de la recherche en matière de sexualité et de genre, fut importante. [...] Les théories foucauldiennes seront reprises par les Queer Theories, notamment par Butler et Rubin.*”

discursos culturais que o constroem e reconstroem ao longo do tempo, fundamentados em experiências progressas que buscam conferir-lhe uma identidade.

No entanto, essa identidade é vista como frágil e não natural, sendo uma construção social sujeita à repetição e reiteração constantes. Butler, em seus estudos, busca demonstrar que as noções de sexo e gênero não são simplesmente similares, mas sim variadas e multifacetadas, refletindo diferentes perspectivas e dinâmicas sociais. “O gênero é socialmente construído; conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2015, p. 26).

Partindo desse princípio em que a identidade de gênero se encontra dentro de um domínio que transcende o suposto “natural”, como impunham os cientistas ligados a correntes biologistas em que o gênero estaria atrelado ao sexo, é designada para o campo da cultura. Para a antropóloga Lorena Campos Aráuz (2008), sobre sua definição de cultura, “a cultura se refere a todos os estilos de vida, os rituais, as cerimônias, as expressões artísticas e tecnológicas, os sistemas de crenças, os sentidos expressos nas relações sociais etc⁹.” (p. 49, tradução minha).

Para Butler, o gênero é, na esteira dessa discussão, um “constructo social” (2017) que permite amplamente a estilização de sua investigação entre a associação do corpo, gênero e identidade de gênero. Assim, o corpo passa a ser, segundo a autora, um aparelho político que transita não apenas entre a estilização citada anteriormente, mas um instrumento político do sujeito. “Para Butler, é nas práticas performativas de reiteração que se dão, através das dimensões simbólicas da linguagem e da cultura, as relações; a partir de então, os corpos tornam-se passíveis de serem pensados” (REBELO; AMAZONAS, 2014, p. 1468). A estilização irei explicar mais à frente.

Antes de avançar a discussão para adentrar no que seja a Teoria *Queer*, desejo explicar a base que leva Butler a pensar tais elementos. Ao investigar a sexualidade a partir do século XVIII e, posteriormente, nos séculos seguintes, Foucault notou que

⁹“La cultura se refiere a todos los estilos de vida, los rituales, las ceremonias, las expresiones artísticas y tecnológicas, los sistemas de creencias, los sentidos expresados en las relaciones sociales, etc.”

houve uma crescente produção artística, literária, científica e discursiva sobre o sexo. A abordagem do sexo agora é feita não mais dentro de um contexto moral geral, mas dentro de um contexto envolvendo racionalidade (2018, p. 26). Esses discursos passam a ser, então, foco de uma gestão pública envolvendo elaboradas técnicas e dispositivos de controle que controlassem os constantes discursos.

Foucault nomeou essa estratégia de controle social como "poder disciplinar" (2013). É importante destacar que, numa perspectiva analítica, o autor nunca elaborou uma "teoria do poder" de maneira explícita. Entretanto, sua visão de poder pode ser entendida como "hipóteses sobre o poder". Seu foco não era primeiramente responder à pergunta: o que é poder? Mas como ele age em seus capilares sociais, ou seja, das margens da sociedade para o centro dela. No prefácio da obra "Microfísica do Poder", como descreve Roberto Machado: "não existe em Foucault uma teoria geral do poder" (1979, p. X).

A noção foucaultiana distancia-se, assim, do que Diana Taylor (2018) aponta como pensado em diversas literaturas, tendo principalmente cinco categorias catalogadas do poder:

O poder sempre opera negativamente, ou seja, por meio de interdições. Em segundo lugar, o poder sempre assume a forma de uma regra ou lei [...] permitido e proibido, legal e ilegal. [...] terceira: o poder opera através de um ciclo de proibição, uma lei de interdição. (p. 28, grifos meus).

Em sua quarta forma, divide-se em três subníveis: a interdição do que é permitido, o que pode ser dito e a negação da existência. Sua quinta forma também é dividida em três subcategorias: normativo, uniforme e universal. Foucault dedicou-se à análise do exercício do poder e observou que sua configuração não se restringe à punição e à negação, como previamente delineado pela literatura, especialmente a jurídica. Em oposição a essa concepção, o autor definiu o poder como uma manifestação positiva das práticas corporais, contextualizadas no tempo e no espaço.

Em "Vigiar e Punir" (2013), Foucault aponta que o corpo é o principal objeto de ação do poder, uma vez que: "ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece,

responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (p. 132). Esse corpo passa a ser denominado como perpassado por um processo de docilização ou ainda corpos dóceis. O poder disciplinar fabrica indivíduos por meio de seus mecanismos de controle e instrumentos, os quais visam alcançar objetivos específicos. Nesse processo, o sujeito torna-se parte integrante, sendo tratado como objeto-alvo, corpo-objeto. “O que distingue o poder disciplinar dessas outras modalidades de poder é o seu empenho em controlar meticulosamente, exaustiva e continuamente, as atividades do corpo” (TAYLOR, 2018, p. 43).

Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles. (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Ao realizar sua análise dentro do campo da linguagem e dos discursos, tal como Foucault, Butler emprega seu próprio método de investigação para redefinir a noção de identidade de gênero, desenvolvendo uma genealogia crítica que se fundamenta nas categorias de gênero, em oposição à crítica genealógica de Foucault, que se restringe a como os corpos são manipulados e assim adquirem uma identidade. Para Butler, o processo pertence à ordem social, não puramente ontológica, ou seja, por meio de práticas de performatividades sociais, sendo, assim, fruto das experiências físicas também.

A partir dessa crítica, a autora estabelece sua teoria da performatividade de gênero, na qual as concepções de gênero derivam de uma repetição constante e imposição social aos indivíduos, especialmente enraizadas no comportamento heterossexual. Assim, a autora sugere que o modelo tradicional de relação entre homens e mulheres, especialmente na estrutura da família heterossexual, historicamente interpretado como um comportamento biologicamente natural, é predominantemente influenciado pelo falocentrismo social.

Se o gênero não está amarrado ao sexo, casual ou expressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente se proliferar além dos limites binários — se diz binária a relação entre homens e mulheres — impostos pelo aspecto binário aparente do sexo. Na verdade, o gênero seria uma espécie de ação cultural/corporal que exige um novo vocabulário, o qual institui e faz com que proliferem participios de vários tipos, categorias ressignificados e expansíveis que resistem tanto ao binário como às restrições gramaticais substantivadoras que pensam sobre o gênero (BUTLER, 2017, p. 195, grifos meus).

Em consonância com a concepção de uma sociedade disciplinadora e geradora de corpos dóceis, tal como descrito em "Vigiar e Punir" de Foucault, Butler observa que há, assim como no processo discursivo e na vigilância constante, um fenômeno específico de atos repetitivos que resultam no que ela define como "performatividade" (BUTLER, 2017). A performatividade de gênero de Butler diferencia-se da noção de performance comumente encontrada em dicionários, geralmente referenciada à arte. Para a autora: “do meu ponto de vista, a performatividade não é apenas uma questão sobre os atos de fala. É também sobre atos corporais¹⁰” (BUTLER, 2004, p. 281, tradução minha).

Em seu argumento que distingue ambos os termos, a autora destaca a figura da Drag Queen como uma forma de sátira de gênero que se assemelha a uma simples performance artística e à performatividade de gênero. Butler observa que a performance da drag brinca com a diferença entre a anatomia do performer e o gênero que está sendo interpretado (BUTLER, 2017).

Assim, a hipótese teórica de Butler revela três níveis de relação com o discurso da construção linguística do gênero: 1) sexo como aspecto corporal fundamental, 2) identidade de gênero e 3) performatividade de gênero. Em outras palavras, a dimensão do gênero não pode ser reduzida a uma "essência" de masculinidade e feminilidade baseada no sexo; além disso, a identidade adotada pelo sujeito não é intrinsecamente sua, mas é apresentada a ele por meio da construção da realidade social. Nesse contexto,

¹⁰ Desde mi punto de vista, 'la performatividad no trata sólo de los actos de habla. También trata sobre los actos corporales.

a performatividade de gênero emerge como a expressão dessa identidade construída. Um exemplo disso é a sátira da *Drag Queen*, que, embora tenha uma anatomia correspondente a outra identidade de gênero e sexo, livremente representa outras identidades e revela, em sua performance, o exagero que essa construção fictícia de gênero pode assumir.

A proposição de Butler colocou uma série de problemáticas para o estudo de gênero, começando pela relação entre a agência política e a natureza do sujeito. Em que medida poderíamos definir a subversão ou reiteração das normas de gênero como resultante de uma disposição **voluntária** de um sujeito? Se o sujeito é **feito** da performatividade, é possível atribuir-lhe uma **intenção** subversiva? E se há uma disposição voluntária na subversão do gênero, isso significa que podemos **escolher** nossa identidade ou mesmo a orientação de nossa sexualidade em direção a um ou outro gênero? Para responder essas e outras questões, Butler se viu forçada a traçar uma diferenciação clara entre performance artística e a performatividade linguística, dois conceitos que frequentemente se sobrepõem e às vezes até mesmo se confundem no estudo das artes e nas ciências humanas (KVELLER; NARDI, 2022, p. 3, grifos dos autores).

Assim sendo, a diferença maior que blinda a teoria da performatividade de gênero de Butler é a diferenciação entre o que é performance e o que é performatividade. A performance está, então, no exemplo da drag queen, atrelada à forma de controle assumida pelo artista a respeito de seu personagem, suas condutas e formas de agir. Enquanto a performatividade de gênero, esse controle torna-se restrito, de certo modo, uma vez que o processo da performatividade é envolto pelo processo da repetição social, bem como pela incorporação das identidades, funcionando como engrenagens de naturalização monolítica do que é ser homem ou mulher. Demonstra assim que a caricatura da *drag queen*, como a identidade de gênero, são superficialidades assumidas a partir de estruturas constantemente repetitivas.

No paradigma da *drag queen/king*, não se deseja ou almeja ser uma mulher ou um homem, mas a vontade do próprio artista sobressai a partir da escolha, do exagero, da sátira, da estranheza. Desse modo, o gênero não está na esfera do teatro e da teatralidade artística, mas em um campo constante de disputas de poder e imposições sobre o correto e o errado, com base em sistemas compulsórios de uma matriz

heterossexual. “Na verdade, é a repetição compulsiva de um *script* generificado, composto por normas delimitadas no tempo e no espaço, que é internalizado inconscientemente pelo ‘ator’ convocado a interpretá-lo” (KVELLER; NARDI, 2022, p. 4, grifos dos autores).

Em “A tecnologia do gênero” (1994), Teresa de Lauretis caminha nesse entendimento, em que o gênero, enquanto representação social, afeta também a forma como se constrói subjetivamente o próprio gênero. “A representação subjetiva do gênero — ou sua auto-representação — afeta sua construção social, abre-se possibilidade de agenciamento e autodeterminação ao nível subjetivo e até individual das práticas micropolíticas cotidianas” (p. 216, grifos da autora).

Os trabalhos de Butler sobre as questões de gênero e a desconstrução das noções monolíticas impostas socialmente sobre os sujeitos, a partir de sua perspectiva pós-estruturalista, passaram, então, a ser entendidos dentro do contexto de teorias *queer*. “Os *queer* surgiram em oposição ao movimento homossexual já existente: enquanto o segundo busca a aceitação nos meios hegemônicos, os primeiros criticavam o *status quo*, pois esse era responsável por sua experiência de estigmatização” (WITTMANN, 2016, p. 33).

O movimento homossexual, apontado como contraposto ao movimento *queer*, que tem sua influência na obra de Butler, é primeiro constituído a partir das grandes revoluções feministas que marcaram o século XX, em especial as revoluções ocorridas ao final da década de 1960. Inspirados pela luta das mulheres pela busca da equidade de gênero, pela liberdade sexual e pelo próprio corpo, movimentos como os de *Stonewall Inn*, nos Estados Unidos da América, surgiram embasados por essas lutas. *Stonewall Inn* tornou-se um dos marcos da luta pelo direito à vida, à liberdade sexual, ao reconhecimento daqueles que fugiam à norma instituída e ao reconhecimento de suas identidades de gênero.

Estou aqui falando de grupos minoritários que reivindicavam seus direitos, até então inexistentes. Esses grupos, considerados marginalizados, eram compostos principalmente por pessoas transgêneras, travestis, gays, lésbicas, artistas *drag queens*, dentre outros, incluindo as próprias feministas da época que faziam parte do quadro das

lutas promovidas. Abaixo, uma fotografia de Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, figuras emblemáticas da luta de *Stonewall Inn*.



Figura 1

Legenda: Sylvia Rivera (a esquerda) e Marsha P. Johnson (a direita) foram figuras proeminentes, líderes e ícones do movimento LGBTQIA+ em Nova York. Edição nº32, janeiro de 1981. (Crédito: Reprodução)

Embora *Stonewall Inn* tenha sido o ponto de partida das lutas pela liberdade em relação ao gênero, sexo e sexualidade, o movimento norte-americano não reconhecia pessoas trans e travestis. Para o cientista social e antropólogo Thiago Barcelos Soliva (2021), ao analisar o documentário “A vida e a Morte de Marsha P. Johnson” (2017), conhecido como a pessoa que iniciou a revolução de *Stonewall*, bem como outras mulheres transgênero, como Sylvia Rivera, e outros corpos dissidentes, tiveram suas vozes caladas e até mesmo esquecidas. “*Stonewall*, como marco primordial do moderno movimento gay, partiu de um enquadramento que privilegiou uma visão homonormativa do evento, sentenciando presenças como a de Marsha ao silêncio” (p. 134).

Em seu discurso de 1973 na marcha pelo orgulho em Nova Iorque, Sylvia Rivera, também mulher transgênero, aos gritos de “fora, fora” por homossexuais, expôs

sua indignação com a exclusão de mulheres trans no movimento. Em seu discurso, ela expõe as seguintes palavras:

Eu já fui presa, fui estuprada e espancada muitas vezes por homens. Homens heterossexuais [...] mas vocês fazem alguma coisa por elas? Não!. Vocês me dizem “fora!” e que eu saia com o rabo no meio das pernas. [...] E vocês me tratam dessa maneira? Que porra está acontecendo com vocês? Pensem sobre isso! (AS MINA NA HISTÓRIA, 2016).

No Brasil, entre os anos das décadas de 1970 até 1981, contrariando a censura imposta pela ditadura militar iniciada em 1964, o jornal *Lampião da Esquina* desempenhou um papel fundamental na propagação de temáticas pertinentes à comunidade LGBTQIA+ da época, embora fossem conhecidos como GLS. O movimento norte-americano não reconhecia pessoas trans e travestis, bem como homossexuais e lésbicas. Além da visibilidade, o jornal promovia discussões críticas sobre melhorias políticas para pessoas LGBT no contexto brasileiro, abordando temas como prevenção ao HIV/AIDS, denúncias de agressões a pessoas LGBT, promoção de lugares seguros para se frequentar, denúncia de racismos, a matança e a caça policial aos LGBT, entre outros. O método utilizado, uma vez que era um jornal inserido em um contexto de ditadura militar, era a circulação boca a boca, principalmente nas boates homossexuais e em espaços frequentados por pessoas LGBTQs. Alguns exemplares de jornais salvos dessa época podem ser vistos com os dizeres:

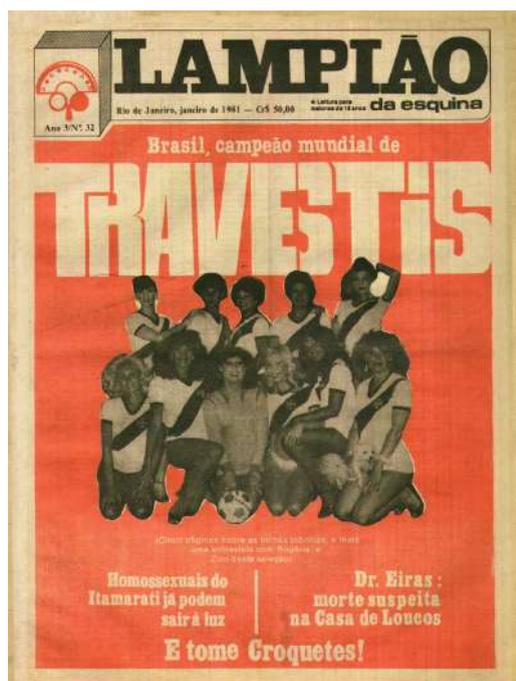


Figura 2

Legenda: Jornal Lampião da Esquina. Rio de Janeiro - edição: 1981. Ano 3/Nº 32. Título: "Brasil, campeão mundial de travestis" (Crédito: Print Grupo Dignidade).

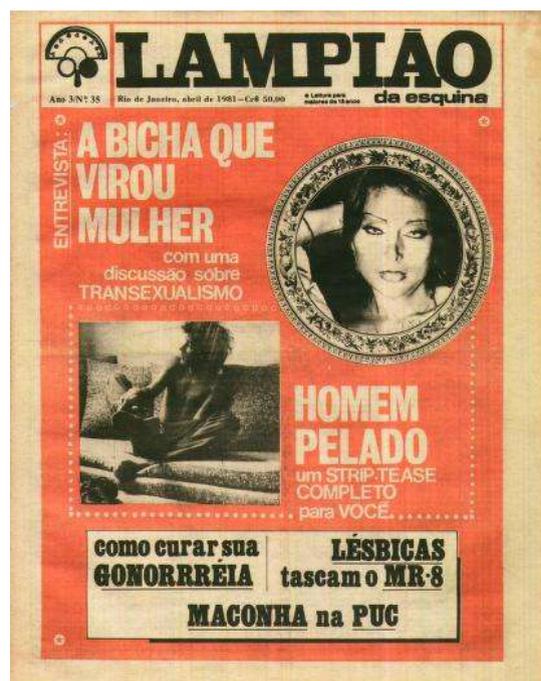


Figura 3

Legenda: Jornal Lampião da Esquina. Rio de Janeiro - edição: 1981, Ano 3/Nº 35. Título: "A Bicha que virou Mulher: uma discussão sobre o transexualismo" (Crédito: Digital Transgender Archive).

1112

A partir disso, novos grupos começaram a se formar, como a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), fundada em 1992, considerada a primeira associação de pessoas trans e travestis do Brasil e do mundo (GRUPO DIGNIDADE, n.p.). A ASTRAL foi criada pelas travestis Jovanna Baby, Beatriz Senegal, Munique Du Bavieur, Jossy Silva, Elza Lobão e Raquel Barbosa.

O objetivo era atuar no resgate da cidadania plena, inclusão social e enfrentamento da violência cometida pela sociedade em geral contra a

¹¹ C.f. Edição Completa em: 32 ed – Jornal Lampião da Esquina – janeiro 1981. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/32-ed-jornal-lampiao-da-esquina-janeiro-1980/?order=ASC&orderby=date&perpage=96&pos=32&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F. Acesso em: 10 de mar. 2024.

¹²C.f. Edição Completa em: 35 ed – Jornal Lampião da Esquina – abril 1981. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/35-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1981/?order=ASC&orderby=date&perpage=96&pos=35&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F. Acesso em: 10 de mar. 2024.

população de travestis e transexuais. Bem como a luta pela conscientização e prevenção do HIV/Aids, e o apoio às pessoas positivas. (EZATAMAG, 2022).

Em minhas conversas com Lucy via *WhatsApp*, ao lhe perguntar, após assistir a um de seus vídeos da série anteriormente citada, ela me disse que, após sua transição, a leitura de artigos jornalísticos do *Lampião da Esquina* e de páginas online dedicadas à história do movimento trans, aliada à pesquisa sobre os primórdios das batalhas pelos direitos de trans/travestis no Brasil, assim como suas investigações sobre a história das mulheres trans e travestis, foram elementos cruciais para que pudesse compreender a trajetória de luta de suas antecessoras. Em nossa conversa, ela me disse, após minha pergunta, que seguia o rumo de sua fala:

Eduardo Monteiro: *Lucy, no processo de sua trajetória de transição de gênero, você me disse sobre movimentos como Stonewall e o Jornal Lampião da Esquina, como você os vê?*

Lucy: *Acaba que esses movimentos eu só fui conhecer após a transição e eles meio que serviram como reforço para o meu percurso [...] fui ter contato com a comunidade somente depois da transição ♡. (Lucy, 16 de mar. 2024).*

De outro modo, Camila, em uma de nossas conversas informais gravadas em áudio com auxílio de microfones de lapela de longa distância, pequenos e discretos, colocados presos junto à gola de sua camisa para não atrapalhar em seus afazeres enquanto a ajudava a preparar o almoço: carne, arroz, salada de tomates e “*farinha que não pode faltar*” (Camila, 56 anos). Ao narrar sua época de vivência na cidade do Rio de Janeiro, Camila contou que era comum, nas boates que frequentava entre os anos 80 e 90, encontrar esses informes escondidos entre revistas:

Eduardo Monteiro: *Onde essas festas que tu comentou? Não ouvi muito bem?*

Camila: *Se eu não me engano, eu acho que era na Lapa. No Rio, Entendeu? Ai saia aquendada, botava, usava as calcinhas, me mandava para as festas, né? Era um baile gay que tinha, onde tinha casais normais, tinha lá diversos homens com os homens se pegando, mulher com mulher se pegando, mulher travesti...Pensa assim, num cabaré, que ninguém era de ninguém, entendeu? Não existia, era uma coisa assim... Não tinha obstáculos por “ai tu é trans”, porque tu é mulher... Não. Eram pessoas. Nossa, era... Aparecia na TV, porque quem noticiava era a Band. Era mulher com mulher, homem com homem, mulher, travestis, era relacionamento entre pessoas, entendeu? Rolava tudo, tu via tudo. Tu via bunda, tu via perna, tu periquita, tu via chupa-chupa, tu via pega-pega. Era uma puta sacanagem, entendeu? Era uma sacanagem que tu não queira imaginar. E lá dentro tinha informativos umas revistas e uns jornaizinhos que informavam sobre ter cuidado. (Camila narrava rindo enquanto fazia comida)*

Eduardo Monteiro: *Tu conhecia alguém que ia nesse cabaré louco? (entre risos)*

Camila: *Quem ia pra essas festas na lapa tentava ser entrevistadas, porque naquela época quem entrevistava era o... Otávio Mesquita, era a Monique Oliveira, que entrevistava. Então, eram vários jornalistas da SBT e da Band, que era passada essas coisas.*

Eduardo Monteiro: *E eles não entravam e viam essas revistas e jornais?*

Camila: *Era tudo no escuro. Eu frequentei diversas vezes, conheci homens maravilhosos. Era muito militar que dava, muito militar mesmo, era muito carioca, era muito gringo, entendeu? Atrás de sexo, entendeu? Ali a gente fazia planos pra chegar naquele dia daquela*

festa, como é... Você pagava o ingresso, alugava um apartamento no Rio de Janeiro pra ficar, e a festa só era um dia de baile, era no final de semana, era como se fosse o carnaval do Rio de Janeiro, só que era um carnaval diverso. De pegação, entendeu? Acontecia o ano inteiro, uma vez por ano. (Camila, 56 anos, 21 de nov. 2023).

A pedido de Camila, algumas informações sobre os bailes que ela frequentava, a seu pedido e por questões éticas, não irei incluir neste texto, já que partiu de sua vontade em não expor alguns fatos ocorridos, confidenciais a mim naquela conversa. De volta à conversa, Camila narrou que as “*meninas se montavam, botavam os picumãs¹³ bem altos pra chamar atenção, iam todas arrumadas pra se destacarem entre as outras e serem entrevistadas*” (Camila, 56 anos, 21 de nov. 2023). Segundo o antropólogo Marcos Benedetti, o processo de ser e se mostrar perpassa as categorias de gênero, identidade e do próprio corpo; é ser. É a própria experiência de ser e viver, segundo o autor:

As travestis constroem seus corpos e suas vidas na direção de um feminino ou de algo que elas chamam de feminino. [...] *Se sentir mulher* é uma expressão que por si só já traz algumas pistas de como esse feminino é concebido, construído e vivenciado pelas travestis (BENEDETTI, 2005, p. 96, grifo do autor).

Camila, ainda, me mostrou brevemente, em uma conversa via *WhatsApp* com uma de suas amigas frequentadoras dos bailes da época, algumas fotos em baixa qualidade nas quais era possível ver os elementos supracitados e toda a sumptuosidade das festas. Entretanto, por se tratar de conversas íntimas, não pude e não quis ultrapassar os limites de apenas ver e admirar, conforme os sentimentos de afeto demonstrados por Camila.

¹³ Picumã ou Picomã, é uma palavra de origem do Pajubá que se refere ao cabelo, peruca, apliques etc. O pajubá é uma linguagem utilizada entre grupos LGBTQIA+, em especial entre as travestis. A origem possível do Pajubá, vem do tronco étnico-lingüístico de grupos vindos do continente Africano como os nagô e os iorubás, preservados após o processo de colonização do Brasil.

1.4. “É a mapô de de carne e osso”¹⁴: e o que é esse tal queer?

Os estudos promovidos por Butler, pode-se dizer, foram propícios para o surgimento de novos estudos teóricos sobre o que é o “*queer*”, termo esse originado da língua inglesa para referir-se de forma pejorativa ao que é: estranho, excêntrico, vulgar, esquisito, dentre outras formas de tradução para a língua portuguesa brasileira. Por mais que Butler seja um dos nomes que logo vêm à mente de muitos pesquisadores como referência para entender e compreender os estudos da diferença, *queer*, do gênero e da identidade, é antes plausível mostrar de onde originou-se a nomenclatura “Teoria *Queer*”, que consolidou-se como um campo teórico de estudos nas ciências humanas e sociais, principalmente.

O contexto em que as noções de *queer* surgem é durante a epidemia de Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST, e aqui digo especificamente sobre a AIDS, no contexto social dos anos 80 no norte global, bem como no sul global. Trabalhos como o da antropóloga Gayle Rubin: “*Thinking Sex*” (Pensando o Sexo ou ainda Pensando sobre o Sexo, em língua portuguesa brasileira), publicado originalmente em 1984, ressaltam que o boom da epidemia tornou cada vez mais difícil a conquista dos direitos homossexuais. A autora ressalta:

Exatamente quando os homossexuais estavam conseguindo resultados positivos em sua luta para livrar-se do estigma da doença mental, eles se vêem metaforicamente associados à imagem da degradação física fatal. A síndrome, suas características específicas e forma de transmissão estão sendo usadas para fortalecer velhos medos de que a atividade sexual [...] Os homófobos se comprometeram em voltar a essa tragédia contra suas vítimas (2003, p. 54).

Onde, no contexto norte-americano, campanhas de famílias brancas e heterossexuais começaram a se espalhar a partir de matérias de jornais, nas quais essas famílias apareciam usando máscaras, acusando os homossexuais como causadores da infecção (RUBIN, 2003, p. 55). Assim, isso se configurava como uma afronta à

¹⁴ O título para essa seção foi inspirado a partir da música “BlasFêmea | Mulher” da cantora e atriz e travesti Linn da Quebra. Para mais: <<https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>> Acesso: 13/03/2024.

moralidade da família tradicional, já dita, branca e heterossexual. De outro modo, no Brasil, buscou-se aproximar o Estado, a partir da redemocratização após 20 anos de governança militar, junto aos movimentos sociais para o enfrentamento da epidemia, tratando-a como um fator biológico a ser combatido, bem como outras ISTs, sendo ainda considerada uma forma de punição àqueles que não seguiam as normas tradicionais do modelo familiar.

O pânico moral, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, causou impactos no movimento brasileiro, inicialmente chamado de “Geração Desbunde”, e no movimento norte-americano “*Queer Nation*”. Esses grupos passaram a ser considerados corpos abjetos, termo que a teoria *queer* adotaria como componente constitutivo de sua base, vindo à tona em meados dos anos 1990. Judith Butler é constantemente citada quando se fala sobre corpos e identidade abjeta, mas aqui devo ressaltar que a credibilidade inicial vem da pensadora Julia Kristeva, a partir de sua obra “*Powers of Horror: An Essay on Abjection*¹⁵”, publicada originalmente em 1980. Ao explorar o conceito de abjeção, a autora baseia-se nas teorias freudianas, lacanianas e também nas obras da antropóloga Mary Douglas, dentre outros autores.

A autora busca examinar como a abjeção se enraíza nas identidades singulares e coletivas por meio dos aspectos humanos e da cultura (1982). A abjeção que Kristeva aponta não se refere apenas à higiene, mas ao que os limites da fronteira do “eu” e do “meu” no mundo social podem assumir a partir de sua identidade (1982, p. 4), abordando a perturbação da ordem, o que está fora da norma. Imaginário vs. Real. A abjeção perpassa, nas palavras da autora:

A estranheza imaginária e a ameaça real, ela nos atrai e acaba nos engolindo. Assim, não é a falta de limpeza ou saúde que causa abjeção, mas o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras. O intermediário, o ambíguo, o compósito. (1982, p. 4, tradução minha)¹⁶.

¹⁵ Poderes do Horror: Um ensaio sobre a Abjeção.

¹⁶*Imaginary uncanniness and real threat, it beckons to us and ends up engulfing us. It is thus not lack of cleanliness or health that causes abjection but what disturbs identity, system, order. What does not respect borders, positions, rules. The in-between, the ambiguous, the composite.*

Ao trabalhar a noção de abjeção, a teoria *queer* busca promover a discussão político-social do local de pertencimento dos sujeitos, colocando, assim, no cerne da discussão o gênero e suas interseções. Sendo uma teoria surgida dentro das teorias feministas e pós-estruturalistas (SALIH, 2012, p. 17), constitui-se como uma vertente do feminismo, formulando uma nova agenda em torno das discussões sobre gêneros e corpos dissidentes, ou fora da norma.

Dessa forma, a teoria *queer* busca contribuir para o alavancamento das teorias feministas, na medida em que os sujeitos de luta incluídos nas análises são marginalizados, os quais os estudos gays não abarcavam inicialmente. Restrita aos estudos gays e lésbicos, a teoria *queer* busca, de outro modo, compensar a falta de inclusão de outras perspectivas da constituição do gênero, da sexualidade e dos corpos de sujeitos que fogem à normativa cisgênera e heteronormativa.

Historicamente, o termo “Teoria *Queer*” foi utilizado fortemente por Teresa de Lauretis em 1991. Para a autora, as relações de gênero “não devem ser mais vistas como meramente transgressoras ou desviantes em relação a uma sexualidade natural e adequada (ou seja, a sexualidade reprodutiva institucional)” (LAURETIS, 1991, p. III, grifos da autora).

Meu projeto de “teoria *queer*” consistia em iniciar um diálogo entre lésbicas e homens gays acerca da sexualidade e nossas respectivas histórias sexuais. Esperara que, juntos, quebrássemos os silêncios que se haviam construídos nos estudos lésbicos/gay em torno da sexualidade e sua relação com o sexo/raça (por exemplo, o silêncio em torno das relações interraciais ou interétnicas). As duas palavras, teoria e *queer* reuniam a crítica social, o trabalho conceitual e especulativo que implica a produção do discurso. (LAURETIS, 2021, p. 169, tradução do autor).

Influenciada pelas teorias foucaultianas das tecnologias em torno da sexualidade, Lauretis propõe que as relações de gênero sejam relações de auto-representação do sujeito, sendo envolvidas por variáveis tecnologias das práticas sociais e culturais. Dissipando, assim, a relação entre gênero e sexualidade. Para a autora, a auto-representação do sujeito se dá nas relações com o outro e a sociedade.

Quero dizer que a possibilidade, já emergente nos escritos feministas dos anos 80, de conceber o sujeito social e as relações subjetivas com a sociedade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas raças e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido [...] desta forma, propor-se-ia que também o gênero, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como praticas da vida cotidiana.” (LAURETIS, 1987, p. 208, grifos da autora)

Nesse caminho, o gênero, a partir da perspectiva *queer*, constitui-se como uma representação que perpassa, como visto nas palavras de Lauretis, pelas experiências da vida cotidiana, da subjetividade e da materialidade das relações entre pessoas. “A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais e, até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo.” (LAURETIS, 1987, p. 209).

O *queer*, assim, não está restrito à fixidez estabelecida no antagonismo da cisgeneridade, bem como não está imbricado pela solidez ou estabilidade; ao contrário, o *queer* está entre transições, multiplicidades e na ojeriza da similitude às práticas normativas (SALIH, 2012, p. 17).

Assim sendo, o corpo *queer*, ou o corpo estranho, abjeto, fora da norma, seja qual for a nomenclatura que se queira propor ao termo em língua portuguesa brasileira, uma vez que a origem terminológica advém da língua inglesa norte-americana, desperta um fascínio provocativo e instigante (LOPES, 2004, p. 8). É o corpo que transita entre espaços em suas diferenças, sejam elas não apenas por suas diferenças identitárias, mas também por seus modos de ser e agir na sociedade, propondo, também, em seus corpos figurativas mudanças que provoquem impactos, sejam eles culturais, políticos, sociais e internamente enquanto sujeitos de constantes mudanças. “Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização — venha ela de onde vier.” (LOPES, 2004, p. 38, grifo da autora).

No campo da reviravolta epistemológica proposta pela *queer*, busca-se: “pensar sobre os sujeitos que fogem do imperativo normativo da sociedade, não como abjetos ou monstruosos, mas como aqueles que são excluídos do comportamento socialmente aceito, através de regras que, ao serem criadas, materializam essa exclusão.” (WITTMANN, 2016, p. 34-35).

Em suma, a proposta epistemológica da teoria *queer* é a de uma intensa problematização sobre categorias da identidade, do sexo e do corpo, pondo em “xeque” a heteronormatividade e as práticas compulsórias cisnormativas (MENDES, 2022, p. 597), trazendo assim, não apenas a instabilidade dessas estruturas fixadas em nossas sociedades, mas também dando visibilidade à diferença dos sujeitos ditos anormais, parafraseando Foucault. É nesse *rendez-vous* das criaturas que vêm à luz do dia demonstrar suas intensas e únicas formas de ser-agir (FOUCAULT, 1997; 1988). “Não se trata de abandonar as identidades, mas de reivindicá-las em outros termos.” (JESUS, 2016, p. 27).

Contudo, ainda, a palavra “*queer*”, que para línguas anglo-saxãs, como coloca Paul Preciado (2018), tornou-se um modo de comercialização por parte dos discursos ditos dominantes. Em outras palavras, a palavra atrelada ao movimento de pessoas gordas, lésbicas, gays, transexuais, transgêneros, travestis, *drag kings* e *queens* etc. tem “corrido o risco de transformar o termo em uma descrição de uma identidade do mercado neoliberal que gera novas exclusões e esconde as condições específicas de opressão do transexual, dos transgêneros, dos ‘*crip*’ ou dos corpos racializados” (PRECIADO, 2018, p. 360, grifos do autor).

1.5. Materialidades do Corpo e Performatividade

Judith Butler (2019), em sua obra traduzida para o português brasileiro como “Corpos que importam: os limites discursivos do sexo”, expressa que o gênero, assim como o sexo, são constructos sociais expressados por meio da performatividade de gênero, sendo, então, contornados pelas reafirmações do imperativo heterossexual. Desse modo, como pode a linguagem virar um ato? Como se materializa no corpo? A

autora busca descentralizar e desconstruir a materialidade da construção em torno do sexo e do gênero. Segundo a autora:

Quando a distinção sexo/gênero se une a uma noção de construtivismo linguístico radical, o problema se torna ainda maior, pois o “sexo”, definido como anterior ao gênero, será em si mesmo a postulação, uma construção, oferecida pela linguagem como algo que é anterior à própria linguagem, anterior à construção. Mas esse sexo postulado como anterior à construção se converterá — em virtude de ter sido postulado — no efeito dessa mesma postulação, a coconstrução. Se gênero é a construção social do sexo e se não há acesso a esse “sexo”, exceto por meio de sua construção, então parece que além de o sexo ser absorvido pelo gênero, o “sexo” se torna algo como uma ficção, talvez uma fãntasia, retroativamente instalada em um local pré-linguístico para onde não existe acesso direto. (BUTLER, 2019, p. 25-26, grifos da autora).

As postulações de Butler, de certo modo, partem das premissas foucaultianas sobre as ações do discurso do poder sobre o indivíduo. Nesse caso, o discurso pré-existente é uma ação do próprio poder, em que sua regência materializa e fixa nos corpos normas discursivas ao longo do tempo (BUTLER, 2019, p. 31). Sustentando, assim, uma ruptura metafísica entre o sujeito gramatical e o sujeito metafísico, em direção a um sujeito material.

Nessa esteira de pensar o sexo acoplado ao gênero enquanto construções fantasmagóricas, o sexo, bem como o gênero enquanto categorias analíticas, não necessariamente busca negar a existência material-biológica do sujeito. A posição do construtivismo radical, nas palavras de Butler:

Existem, minimamente, partes, atividades, capacidades sexualmente diferenciadas, e diferenças hormonais e de cromossomos, que podem ser admitidas como existentes [...] Afirmar que o discurso é formativo não significa que ele origina, causa ou exaustivamente compõe aquilo que ele admite; em vez disso, significa afirmar que não existe nenhuma referência a um corpo puro que não seja, ao mesmo tempo, uma formação adicional daquele corpo. (2000, p.119).

Assim, corpos não são puros, mas perpassados pela performatividade e pelos discursos hegemônicos do poder. A crença em uma determinada pureza do corpo, reforçada pela heterossexualidade compulsória, é a de um corpo que obedece à norma do que se entende como correto. Ou seja, mesmo esses corpos “não construídos” são, ainda assim, perpassados pela performatividade e pela repetição estilizada e constante dos atos impostos socialmente (BUTLER, 2017), o que desestabiliza a própria norma discursiva das categorias de gênero e sexo. Esse paradoxo denotado pela performatividade aplicada à materialidade do corpo “reside precisamente no fato de que o sujeito que resistiria a essas normas é, ele próprio, possibilitado, quando não produzido, por essas normas” (BUTLER, 2000, p. 123).

Paul Preciado, em seu Manifesto Contrassexual (2014), apesar de concordar com o pensamento de Butler no que tange às divergências do sexo e gênero advindas da compulsividade heteronormativa social, propõe que apenas a performatividade atenda aos imperativos da construção e plasticidade do corpo enquanto matéria. Para o autor:

O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. (PRECIADO, 2014, p. 29, grifos do autor).

Assim, Preciado não descarta as construções sociais ou psicológicas do gênero, mas as desloca para um entendimento que vai além da performatividade. Ele as interpreta como estratégias tecnológicas, considerando que a contrassexualidade seria uma forma dessas estratégias de “transformações tecnológicas dos corpos sexuados e *generizados*” (PRECIADO, 2014, p. 24, grifo do autor).

Preciado propõe que o gênero seja entendido como a materialização prostética das normas sociais. Ele argumenta que o gênero não é apenas performativo, nem se origina exclusivamente das práticas culturais e discursivas, conforme sugerido por Butler. Em vez disso, o gênero se manifesta na materialidade dos corpos (PRECIADO, 2014, p. 29). Essa perspectiva se baseia na ideia de um corpo híbrido, ciborgue e prostético,

conforme articulado por Donna Haraway, que observa que a medicina contemporânea é habitada por ciborgues, organismos e máquinas que se integram em um único corpo (HARAWAY, 2000, p. 36).

Se os discursos das ciências naturais e das ciências humanas continuam carregados de retóricas dualistas cartesianas de corpo/espírito, natureza/tecnologia, enquanto os sistemas biológicos e de comunicação provaram funcionar com lógicas que escapam a tal metafísica da matéria, é porque esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (as mulheres, os não brancos, as *queers*, os incapacitados, os doentes...) e permitem que eles sejam sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais etc. que os produzem e os objetivam. Afinal, o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza”. (PRECIADO, 2014, p. 168, grifos do autor).

Nesse mote, Paul Preciado demonstra que a predominância dos binarismos nos discursos científicos estigmatiza diversos grupos de sujeitos, dificultando seu acesso às políticas de ciborguização, bem como às “próteses” que constroem sexo e gênero.

Resumidamente, em outras palavras, para Butler (2000, 2003, 2004), o gênero emerge dos discursos que o constroem e limitam. Em contraste, Preciado (2014) entende que o gênero é corporificado e prostético, ou seja, diretamente inscrito no corpo.



CAPÍTULO II

2.1. Jogando o cabelo pra lá e pra cá: trajetória, cabelo e afins

Ao longo deste capítulo irei apresentar uma das três interlocutoras dessa pesquisa, Tiffany. Com quem estive ao longo de quase dois anos, pude acompanhar sua rotina em espaços públicos, como suas idas ao mercado, momentos de lazer, fossem eles sozinhos ou com sua família.

Convivendo com Tiffany pude apreender a partir das minhas observações os modos do fazer-se mulher, os cuidados com o cabelo, o gosto pelas roupas, pelas maquiagens e acessórios. A relação de identidade formulada por Tiffany, revela-se aqui em termos êmicos definidos a partir de suas narrativas do ser uma jovem travesti em processo de transição na cidade de Manaus, bem como suas vivências e enfrentamentos diários.

O cabelo se revelou mais que uma parte do seu corpo, muito além disso, pude experienciar novas perspectivas do cuidado, da disciplina e da manutenção de seus cabelos naturais e também seus apliques capilares do tipo mega hair de presilha. Essas formulações dos cuidados do cabelo, revelou pormenores que, em campo, não pude perceber. Apenas revisitando minhas anotações em meus diários de campo, as entrevistas gravadas em áudio e algumas fotografias. Devo informar que, devido a um incidente de ordem maior e pessoal minha, perdi uma grande parte do acervo fotográfico que constituí ao longo do período que estive acompanhando-a.

Assim como o cabelo para Tiffany revelou-se um elemento essencial na sua percepção de gênero, identidade, mulheridade e feminilidade, ele também constitui-se como um elemento social. Nos espaços públicos, os atos gestuais e performáticos das mãos deslizando pelas madeixas, nas formas da organização dos penteados e os procedimentos estéticos aplicados a ele, demonstram, ao meu ver, formas de empoderamento, autopercepção, sensualidade e em certa medida, o poder mágico que só os cabelos possuem, não apenas em nossa sociedade, mas em diversas outras, sejam elas no Brasil ou fora dos limites territoriais da federação.

Por fim, busco percorrer brevemente sobre sua trajetória, nossos primeiros contatos e seus desenvolvimentos seguintes, para que ao fim, eu possa demonstrar com

seguridade os elementos sobre essas formas de capilaridade e plasticidade que revelaram-se nesse período que compreende o ano de 2023 e 2024.

2.2. Primeiros contatos com Tiffany

Trajatória de Tiffany

Nesse caminho, no dia 29 de março de 2023, pude conhecer Tiffany, uma jovem travesti de 23 anos, que se autodeclara uma pessoa parda. A conheci na academia de musculação que frequento. Tiffany é uma das poucas mulheres trans/travestis que frequentam aquele espaço. Ao longo dos treinos próximos a Tiffany, notava olhares estranhos e cochichos sobre sua identidade de gênero, em geral vindos de homens héteros e de algumas mulheres com quem mantinha contato apenas no espaço da musculação.

Em um dia de treino recorrente, por acaso, a encontrei no fim do treino, no piso térreo da academia, no bebedouro, ao fim daquele espaço que possui 8 (oito) esteiras, uma bicicleta ergométrica e duas pequenas salas de uso privado. Sutilmente perguntei seu nome e se poderíamos conversar. Naquele momento, Tiffany achou que eu era mais um *“dos caras héteros que se aproximam dela para pegar meu número”* (caderno de campo, 29 de março de 2023).

Apresentei-me e relatei a ela o que tinha visto e ouvido. Inclusive, antes de descer para seguir meu caminho, fui interpelado por um dos frequentadores com a seguinte pergunta: *“ela é mulher ou é um traveco?”*. Tiffany me relatou ali que já estava acostumada com esses tipos de olhares e burburinhos a seu respeito e que já não se importava mais, uma vez que já havia passado por outras situações em outras academias de musculação no mesmo bairro.

Por estarmos exaustos, perguntei a ela se gostaria de sentar. Prontamente, ela disse que sim; sentamos em duas esteiras. Ao conversarmos por volta de uns 20 (vinte)

minutos sobre esses ocorridos na academia, a convidei para ser interlocutora desta pesquisa e logo ela aceitou ouvir mais sobre, mas não naquele espaço. Tiffany me deu seu contato do *Instagram* e, posteriormente, seu *WhatsApp*. Entrei em contato com ela e marcamos para o dia seguinte uma conversa. Entretanto, com Tiffany tive mais problemas de negociação para uma conversa particular, mas sempre nos encontrávamos na academia e, diversas vezes, treinamos juntos.

Quando obtive uma resposta efetiva para um encontro com Tiffany, fui até sua casa no dia 05 de abril de 2023, por volta de 16h. Ao chegar em sua residência, o acesso parecia ser confuso, uma vez que havia duas portas. Ao bater em ambas, Tiffany abriu uma que dava acesso a um quarto, o de sua mãe. Estavam presentes, além de sua mãe, um amigo de Tiffany que já estava de saída, ao qual fui apresentado. Fui convidado por sua mãe para sentar em um pequeno sofá vermelho ao lado de uma cama de casal, com uma tevê na frente e, por fim, uma cadeira de balanço bege.

Fora do cômodo, estava havendo uma obra no banheiro. Ela pediu para que eu relatasse novamente sobre o que se tratava o convite para participar da pesquisa em frente à sua mãe. É importante notar que sua mãe esteve em todas as entrevistas pessoais e em algumas saídas públicas que tive com Tiffany. O total de encontros soma 10 (dez) entrevistas e, em apenas uma, ela não esteve presente.

Após apresentar o convite para a pesquisa, Tiffany perguntou a sua mãe o que ela achava de participar, e ela me respondeu de modo espontâneo que seria algo legal. Em seguida, sua mãe me disse que eu lembrava “*um amigo gay*” (49 anos) que ela tinha e completou dizendo: “*tu é a cara da bixa*”. Ao pedir para gravar em áudio a entrevista, ambas concordaram. Então, partimos dali para nossa jornada de conversas, treinos e a consolidação de uma amizade.

Os empecilhos que ocorreram foram diversos. Tiffany, apesar de jovem, tem uma rotina corrida entre o trabalho doméstico e os cuidados constantes com o corpo, aos quais dedica uma grande parte de seu tempo, além da construção de sua estética muscular, alimentação e cuidados médicos, o que requer muito de seu tempo e também dinheiro.

As travestis, quando decidem se transformar, física e socialmente, são, com certeza, um exemplo dessa assertiva. É no corpo que elas localizam os principais símbolos do masculino e do feminino; e investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar, sentir e exibir um corpo diferente, um novo corpo. (BENEDITTI, 2005, p.51).

A principal renda de Tiffany até o presente momento advém do trabalho doméstico, onde a divisão do trabalho organizacional da casa em que reside com sua mãe, sua irmã mais nova, seu padrasto e seus animais de estimação. A organização da casa é formada a partir da “preguiça” (caderno de campo, 29 de março de 2023), segundo sua visão. Ao mesmo tempo em que, para ela, a “preguiça” de seus familiares pode soar como um descuido para com a casa, segundo ela, é um prazer, já que gosta dos afazeres domésticos, sendo um dos seus momentos preferidos durante a semana. Quando está trabalhando nos afazeres, ela pode ouvir suas músicas preferidas, em especial as da cantora nortista e paraense Joelma, que é uma de suas inspirações.

Antes de sua rotina atual, que se divide entre uma jornada intercalada na academia e seu trabalho em casa, ela me relatou que cursava engenharia elétrica em uma universidade particular antes de sua transição de gênero. O ano em que cursou a faculdade foi 2018, onde durou dois semestres. Segundo seu relato, um dos motivos que levaram ao trancamento do curso no ano de 2019 foram motivações políticas. Em nossa conversa, ao lhe perguntar o motivo da duração ter sido apenas de dois semestres, seu relato foi o seguinte:

É porque estava na época de eleição de Bolsonaro, minha sala era todinha bolsonarista. Aí teve um tempo assim que... É porque eu era representante. Todo mundo tipo assim gostava, mas depois que começou a destilar esse negócio aí, começou aquele negócio de fazer grupo. Aí eu não participava e só tinha uma menina na minha sala, o resto era tudo homem. (Tiffany, 23 anos).

Após trancar a faculdade de engenharia, Tiffany me disse que se viu encantada pelo mundo dos jogos. Em 2019, o Brasil passou por um período de crescente busca por conteúdos digitais de entretenimento online. Jogos como *Free Fire* e *League of Legends*

ganharam força nas redes sociais. O nicho LGBTQIAPN+ nesse período se desenvolveu consideravelmente. Inspirada por grandes *streams* de *drags queens*, Tiffany passou a se dedicar a jogar.

Ela me disse que isso se tornou um vício, mencionou que tinha arrependimentos de ter abandonado os estudos, afirmou que sua vida antes dos jogos estava boa e que ela poderia ter dado continuidade; entretanto, optou por se dedicar aos jogos virtuais, principalmente os de tiro: *“Olha meu pensamento eu falava ai a minha vida está muito boa. Acho que eu vou ficar sendo bancada pelos meus pais que eles sempre me dão dinheiro, não sei o que e vou decidir da faculdade é isso. Ai, que pensamento idiota! Ai eu me arrependo muito até eu gosto de desistir da minha faculdade juro pra ti.”* (23 anos).

Em nossa conversa, ela me disse que estava se organizando financeiramente desde aquele ano, entre 2019 e 2021, e me confidenciou que havia contraído uma dívida junto ao Fundo de Financiamento ao Estudantil (FIES) devido a desvios de dinheiro que eram destinados ao pagamento de suas mensalidades junto ao programa. Ela me disse que essa dívida foi adquirida após seu ex-padrasto ser descoberto: *“Eu estou com uma dívida porque a gente dava o dinheiro pro meu padrasto de pagar mensalidade, ele desviava.”* (23 anos).

Ela finalizou dizendo a mim que, desde a pandemia, tem buscado emprego formal, mas que ainda não conseguiu. Mesmo sendo aprovada por seu currículo, me disse que não prossegue nos exames laborais após as entrevistas presenciais: *“teve a pandemia e tal. Ai, agora que eu estou voltando, sabe? Eu estou procurando emprego, eu quero muito trabalhar. Estou doida pra trabalhar. Eh, faculdade eu não estou pensando agora. Eu estou pensando em fazer um curso de inglês. Quero muito aprender a falar inglês fluente. Eu fui numa entrevista semana passada, mas até hoje tô esperando o resultado. Sempre acontece isso depois que vou pra entrevista quando olham e vêem que eu sou travesti.”* (23 anos).

Nesse processo entre 2019 e 2024, Tiffany me disse que começou a deixar seu cabelo crescer e que assumiu uma estética mais andrógina. Ela passou a ser confundida constantemente, me mostrou algumas fotos de como se vestia e como arrumava sua

“*franja Rated, franjão da Rihanna*” (23 anos), tipo de corte de franja popularizado pela cantora Rihanna em sua estética visual no álbum musical *Rated R* (2009).

Nossa conversa se estendeu até perto de 18h. Enquanto conversávamos, em determinados momentos sua mãe falava “ele” se referindo a ela, e suas expressões eram de revirar os olhos ao longo de nossa conversa. Sua mãe me disse que era ela quem cuidava dos cabelos da própria filha, uma vez que ela própria possui um salão em que só atende com horário marcado. Após nossa conversa de mais ou menos 1h e 20min, já passava da minha presença ali. Ela não disse muitas coisas nesse encontro.

Próximo de 18h30, ela saiu do quarto de sua mãe e foi até o seu, trocou de roupa, pôs uma minissaia preta e um top preto, ambos de *lycra*. Trouxe nas mãos um par de sapatos e um par de meias brancas. Após entrar no quarto novamente, ela sentou-se à beira da cama, calçou os sapatos e se direcionou a um pequeno espelho próximo à TV. Após abrir uma das portas do armário guarda-roupas que tem no cômodo, ela passou um pouco de base facial, rímel e batom. Perguntei a ela se ela se maquiava todos os dias para ir à academia e ela me disse que sim, que não saia de casa sem base. Enquanto ela fazia esse processo, eu continuei a acompanhar com os olhos, fazendo companhia para sua mãe.

Eu a acompanhei até a academia e, nesse dia, fizemos exercícios de pernas juntos e, assim como fui, voltei com ela. Em um determinado momento, em um trecho onde havia bares, Tiffany me disse: “*ainda bem que você parece hetero vestido dessa forma – com roupas de academia – esses caras sempre mexem comigo*” (23 anos). Notei o percurso escuro de mais ou menos 10m de sua casa, ida e volta. São ruas e ladeiras escuras. Após chegarmos em sua casa, me despedi e segui. Assim, após nosso primeiro contato, passei a acompanhá-la com mais frequência em sua rotina diária e no percurso da academia.

2.3. *Os jogos do cabelo e jogos de paquera*

Em uma terça-feira, no dia 5 de setembro de 2023, por volta das 17h, fui à casa de Tiffany para uma socialização, uma vez que, no dia em questão, tratava-se do feriado estadual de elevação do Amazonas à categoria de província. O convite era para comermos pizza. Próximo do horário marcado, cheguei à sua casa, onde estavam presentes a mãe de Tiffany, sua irmã mais nova, cisgênero, uma amiga também travesti, seu padrasto e um encanador que estava no banheiro geral da casa arrumando a encanação do ralo que havia rompido e estava infiltrando a casa ao lado.

Quando cheguei, fui recepcionado por Tiffany na porta de sua casa. Por ser uma residência pequena, a casa possui duas entradas uma ao lado da outra. A porta da direita, pintada com uma cor preta já com partes enferrujadas, possui janela de vidro fosco texturizado e, por detrás, uma manta de alumínio com o intuito de barrar a entrada da luz, dando acesso ao quarto de sua mãe, onde antigamente funcionava um salão de cabeleireiro. Já a porta da esquerda, similar à porta da direita, exceto pela ausência de uma manta recobrando sua parte interna, dá acesso ao ambiente que funciona como cozinha e acesso aos quartos, que totalizam três. O cômodo em questão tem as paredes pintadas de branco, sua extensão é de um corredor e possui acesso de luz apenas por meio da janela da porta. Em sua entrada, há um pequeno sofá de dois lugares, uma mesa com duas cadeiras, ao lado da mesa uma geladeira e um fogão, ambos brancos, e ao lado, uma pia. Ao fundo, encontra-se o banheiro. A disposição desses objetos está associada ao lado esquerdo, já que, por se tratar de um espaço não tão grande, não se coloca objeto ao lado direito para não interromper a passagem para as portas dos quartos.

Após ser recebido por Tiffany, que trajava uma camisa estilo *cropped* acima do umbigo e uma minissaia preta, fui convidado para entrar. Ela pediu que eu ignorasse o barulho da obra que estava acontecendo no banheiro e me explicou o motivo atrelado ao rompimento do cano de sua casa, e que, em suas palavras, o encanador era “*uma delícia*” e que fazia seu tipo: “*bonito, gostoso e trabalhador com cara de macho*” (22 anos). Pude notar que, na pequena conversa que tive com ela antes de adentrarmos ao quarto, ela constantemente falava olhando para o cômodo e passava a mão direita no

cabelo, fazendo-o escorrer entre os dedos como fios de seda em um movimento suave. O corte de cabelo que Tiffany usa consiste em uma franja simétrica um pouco acima da linha dos olhos, e sua extensão chega ao meio de suas costas.

Após isso, entramos no quarto de sua mãe, onde estavam seus familiares e uma amiga, Buiú, de 17 anos. O quarto, nas cores rosa e branco, com uma janela, um basculhante e duas portas, já abrigou um antigo salão de beleza, onde eram feitos os atendimentos com horário marcado. Possuía uma cama de casal, uma tevê de plasma na parede, um pequeno guarda-roupas, algumas prateleiras e uma cadeira de balanço no canto. Fui apresentado a Buiú, conversei com os outros presentes e me sentei na cadeira enquanto Tiffany pediu licença. Ela foi ao seu quarto retocar sua base. Na volta, ela me contou que foi ao quarto retocar seu gloss e sua base para, então, poder ver o *“boy que tá arrumando o banheiro”* (22 anos).

Saímos do quarto e sentamos à mesa na cozinha, conversando enquanto ela via vídeos no Instagram. Vez ou outra, ela abria a câmera frontal do seu celular para arrumar seu cabelo e fazer poses admirando-se. Depois de aproximadamente 20 (vinte) minutos, Tiffany entrou no quarto e pediu para sua irmã ligar para a pizzaria para fazer o pedido de duas pizzas grandes. Na sua volta, ela me chamou para irmos ao supermercado próximo à sua casa, que fica distante mais ou menos 5 (cinco) minutos, para comprarmos refrigerantes. Ela calçou apenas uma sandália do tipo rasteirinha de cor preta.

Quando chegamos ao mercado, pedi para ela ir à frente, então mantive uma certa distância para ver como as pessoas reagiam à sua presença. Pude notar que as pessoas presentes no mercado a olhavam bastante; homens e mulheres, quando não a olhavam diretamente, expressavam-se com expressões diversas e era possível notar pequenos burburinhos. Enquanto ela andava, constantemente arrumava sua minissaia puxando as laterais um pouco mais para baixo, já que o movimento do andar fazia a peça escorregar e acabar subindo em sua perna.

Ao pegar os produtos, nos direcionamos para o caixa para efetuarmos o pagamento. Tiffany portava o cartão de crédito de sua mãe, então ela fez a transação. Pude reparar a respeito do atendente de caixa para com ela, sempre a tratando no

feminino. Após sairmos do mercado em direção à rua, voltamos a conversar e ela me perguntou: “*você viu aquele gostoso que tava de segurança na porta? Sou doida pra pegar ele*” (22 anos). Então, perguntei qual era o estilo de homens que a atraía, e ela me respondeu dizendo que prefere homens musculosos, com estilo de “*cara de academia*” (22 anos). Também perguntei como ela percebia a forma como homens e mulheres a olhavam no supermercado. Ela me respondeu de forma simples que a maioria dos homens que a olhavam eram homens casados, com filhos, e muitos andavam acompanhados de suas esposas. Quanto ao olhar de muitas mulheres para ela, algumas ela diz que “*olham com recalque e inveja*” e outras são apenas “*curiosas*” (22 anos).

Em nosso retorno do mercado para a casa, enquanto conversávamos, um carro de cor escura e insulfilmado, que impossibilitava ver quem estava dentro do automóvel, passou por nós e baixou a janela. Um homem branco, com cabelos e barba grisalhos, nos olhou. Ignoramos e continuamos a conversa sobre o segurança do supermercado. Enquanto estávamos parados na faixa de pedestres, próximos a sua casa, esperando os carros pararem para atravessarmos, notei que o mesmo carro havia diminuído a velocidade e fez um retorno em uma das ruas anexas da avenida em que estávamos. Comentei com Tiffany, e ficamos olhando o carro retornar lentamente. Mais uma vez, o motorista passou nos olhando e buzinou em nossa direção. Nesse instante, Tiffany comentou comigo que aquele momento estava “*muito estranho*” (22 anos) e sugeri que andássemos mais rápido em direção à sua casa. Então, atravessamos a faixa de pedestres e corremos até a entrada de sua casa.

Quando chegamos, o assunto se limitou a nós. Ficamos um tempo na cozinha antes de adentrarmos o quarto novamente, e perguntei a ela se aquelas situações eram recorrentes e o que ela sentia em relação a tal. Tiffany me narrou que situações similares ocorrem com frequência no seu dia a dia, principalmente na volta da academia para sua casa, entre 19h30 e 20h30 da noite, quando precisa passar pela mesma rua anexa em que o carro dobrou quando vínhamos do supermercado. “*Eu fico com medo porque eu não sou garota de programa, sempre tem uns velhos desses bar dessa rua que ficam me olhando e falando, e eu só ignoro e passo rápido. E às vezes tem esses que ficam buzinando e perguntando quanto é o programa comigo*” (22 anos). Posteriormente, ao narrar tal situação, em encontros futuros, passei a acompanhar Tiffany no trajeto da

academia para a sua casa e ver de perto essas situações no seu cotidiano; passei a acompanhá-la na ida e na volta.

De volta ao contexto da casa, após conversarmos brevemente sobre o ocorrido, adentramos novamente ao quarto e ela passou a se integrar novamente à conversa. Sentei-me novamente na cadeira de balanço no canto e fiquei acompanhando a conversa, integrando-me ao convívio quando eu era citado nas palavras. Por volta das 19h, o padrasto de Tiffany saiu do quarto e, em seguida, voltou com o pedreiro até a porta e informou que ele havia terminado seu serviço e pediu para Tiffany transferir seu pagamento via *Pix*, totalizando cerca de 50 (cinqüenta) reais. Lembro-me bem de Tiffany olhar para sua mãe com um leve sorriso e sair do quarto, ficando apenas ela e o encanador do lado de fora. Enquanto esteve fora, Buiú comentou: “*mana, essa mana não para!*” (17 anos), como quem dissesse que Tiffany estava constantemente no jogo da paquera, enquanto ria com a irmã e a mãe de Tiffany.

Não era a primeira vez que aquele prestador de serviço ia à casa; na verdade, tratava-se da segunda vez. Ele estava ali para finalizar o serviço prestado para a melhoria do banheiro. Depois de algum tempo, Tiffany voltou. O assunto não foi sobre seu interesse nele, não ali, junto àquelas pessoas. Sua mãe lhe perguntou se o banheiro estava ajeitado, e ela disse que sim. Logo, o assunto passou para a pizza que ainda não havia sido entregue. Após pedir para sua irmã ligar para a pizzaria que ficava próxima ao supermercado e confirmar que já poderia ir buscar o pedido, Tiffany e eu fomos ao local. Antes, ela colocou a coleira em seu cachorro, seguimos em direção à pizzaria e, no trajeto, ela me confidenciou o momento do “*pagamento do boy*” (22 anos).

Ela me contou que achou interessante e decidiu pedir o número dele após o pagamento. Durante nossa conversa, ficou claro que ela estava interessada nele, não apenas pelo serviço prestado, mas também de forma pessoal. Ela mencionou que tinha uma vida sexual ativa e que estava aberta a novos encontros casuais, o que sugere que a interação foi além de um mero pagamento pelo serviço. Ela faz um “*jogo*” (22 anos) no ato do flerte. Perguntei se era de seu interesse fazer contato posteriormente, e ela me disse: “*não, da próxima vez ele vai perguntar porque não mandei mensagem, aí eu digo que esqueci e ele pede meu número, eu é que não vou correr atrás de homem*” (22 anos).

Chegamos ao estabelecimento, pegamos o pedido, sem muitas interações naquele recinto, e voltamos para casa. Voltei assim para minha posição inicial na mesma cadeira e, depois de algum tempo em que comíamos as duas pizzas, busquei ficar atento à conversa de Buiú, Tiffany e seu padrasto. Buiú, em determinado momento, falou para o padrasto de Tiffany que ele estava “*obeso, parecendo uma bola, não sei como ainda consegue andar*” (17 anos), e ele respondeu dizendo “*e tu que parece uma mucura velha feia e ainda fica arrebitando esse teu cu com fio dental*” (40 anos). Entre essas trocas, Buiú disse que Tiffany fazia a mesma coisa na laje e ninguém falava nada. Então, ela respondeu dizendo “*mana, eu sou bonita e tu que é uma bicha seca, com esse cabelo todo espigado*” (22 anos).

O cabelo espigado ao qual Tiffany se refere é o cabelo alisado, uma forma de comparar a textura do fio com a textura da palha em fio dos sabugos de milho, embaraçada e texturizada. A contra-resposta de Buiú foi que Tiffany também tinha seus cabelos alisados, apesar de não parecer. O cabelo natural de Tiffany é do tipo ondulado, o qual ela alisa de forma caseira com o auxílio de sua mãe mensalmente.

Após várias conversas, Tiffany, sua mãe e eu saímos do quarto para lavar os copos utilizados, bem como o banheiro, que ainda estava bagunçado pelo conserto feito algumas horas antes. Era por volta de 20h20. Enquanto Tiffany lavava o banheiro e tirava a terra remanescente com o auxílio de um balde e da água do chuveiro, sua mãe esfregava o chão. Ofereci-me para lavar a louça restante. Por volta de 21h, informei a Tiffany que regressaria a minha casa, já que estava ficando tarde e se tratava de uma terça-feira. Despedi-me de sua mãe e das demais pessoas da casa, fui acompanhado por ela até a porta e me despedi com um abraço, perguntando quando poderia vê-la novamente. Ela me respondeu que iria, na sexta-feira, com sua mãe, ao *Shopping São José*, na Zona Leste da cidade, para uma consulta com ortopedista e, na segunda-feira, a uma consulta com sua endocrinologista para ver o andamento de seu tratamento hormonal. Ela me convidou para acompanhá-la, e prontamente aceitei.

Na sexta-feira, Tiffany me mandou mensagem via *WhatsApp* por volta de 11h30 da manhã e pediu para confirmar se às 15h30 ela poderia passar em minha casa para me buscar de carro. Naquele dia, seu padrasto nos levaria até a clínica no *shopping*. No

horário combinado, nos encontramos e seguimos até o local. Seu padrasto nos deixou a alguns metros da entrada e, do mesmo modo que acompanhei Tiffany no supermercado, a acompanhei com sua mãe no shopping. Ela trajava um vestido curto preto com mangas longas, uma bolsa pequena lateral e um chinelo preto. Sua mãe vestia um vestido similar, de cor vermelha, e um chinelo de cor semelhante.

Apenas na chegada à entrada do shopping, pude notar com detalhes a maquiagem feita para aquela ocasião: base facial, batom *lip-gloss*, que consiste em um *gloss* labial com cor, e para essa ocasião foi um tom mais próximo do tom de cor de seus lábios, rosa levemente avermelhado, sombra levemente clara e um delineado preto estilo gatinho, em que as pontas são alongadas no desenho estético-gráfico das linhas abaixo da pálpebra móvel, indo do canto interno superior do olho, rente às raízes dos cílios superiores, até o canto externo, superando-o levemente. Seus cabelos estavam soltos e ela também usava um cordão de cor dourada com um pequeno pingente. Segundo ela, apenas “*uma coisa basiquinha só pra sair na rua*” (22 anos).

Enquanto a seguia, acompanhava os olhares das pessoas para ela. Naquele ambiente, pude notar que mais homens do que mulheres a olhavam; era frequente ver lojistas homens a chamando com os dizeres “*não quer entrar e dá olhada, gatinha?*”, com o intuito de flertar. Seguimos o longo corredor de entrada e subimos de escada até o segundo andar do edifício, onde estava localizada a clínica. Por possuir plano de saúde privado, ela e sua mãe frequentemente fazem exames nesta clínica médica, que é parte de um grande hospital privado atuante no Amazonas.

O ambiente gélido e de cores claras da recepção clínica foi o local em que mais uma vez presenciei algo que ela já havia me falado no supermercado, em que homens casados a olham com frequência enquanto estão acompanhados de suas companheiras. Enquanto seguíamos para o guichê de atendimento para confirmar a consulta, notei que, após sua passagem, um casal com sua filha pequena, acredito que de 2 (dois) anos, começou uma leve discussão e pude ouvir a mulher falar: “*por que tu tá olhando pra ela?*”. Enquanto chegamos ao guichê e ela informava a atendente sobre a consulta de sua mãe, a atendente lhe disse que não constava tal consulta confirmada para aquele dia. Então, sentamos nas cadeiras próximas enquanto Tiffany e sua mãe ligavam para seu pai para pedir o código de confirmação da consulta.

A conversa por ligação foi colocada em viva-voz, em altura moderada, em que nós três podíamos ouvir sem interferir no barulho ambiente. Ao longo da ligação, seu pai se referia a ela constantemente no masculino, algo que não a incomodava ali naquele momento e que mais tarde voltaremos a discutir. Após perceber que a consulta realmente não havia sido marcada, ele desligou e sua mãe re-agendou uma nova para a semana seguinte. Ficamos andando no shopping enquanto esperávamos o retorno de seu padrasto; ao todo, ficamos aproximadamente 40 (quarenta) minutos desde nossa chegada até nossa saída.

Na volta, resolvi convidá-la para irmos ao *Le Caffé*, uma cafeteria próxima à sua casa, para conversarmos. Ao chegarmos, nos despedimos de sua mãe e seguimos. Ao entrarmos, nos sentamos próximos a uma grande vitrine voltada para a rua, em uma mesa para dois no canto. As primeiras palavras que trocamos foram: “*você viu aquele atendente gatinho do caixa? É o filho da dona, sou doida pra ficar com ele*” (22 anos). Ela me confidenciou que já havia trocado mensagens com aquele homem de aparência esportiva e aproximadamente 25 anos por meio do aplicativo *Tinder*, um aplicativo de encontros, namoros e relacionamentos.

Perguntei o que ela gostaria de comer, que não se preocupasse, pois eu pagaria. Ela apenas pediu um suco de 500 ml de limão e uma fatia de bolo. Fizemos nossos pedidos com a garçonete e, assim que ela saiu, Tiffany pegou discretamente um pequeno espelho da sua bolsa, seu pó de maquiagem e retocou sua pele. Tal ação teve início após um grupo de cinco pessoas, três homens e duas mulheres, sentados ao fundo da cafeteria a olharem, e um dos homens da mesa chamar a atenção por sua beleza. Fiquei acompanhando as trocas de olhares discretos entre ambos enquanto conversávamos sobre sua próxima consulta com a endocrinologista e sua ansiedade em ter mais resultados com o tratamento hormonal.

Tiffany começou seu tratamento hormonal em janeiro de 2023, após fazer seis meses de acompanhamento psicológico e psiquiátrico na Policlínica Codajás, na Zona Sul, próximo à sua casa, por meio do projeto TransOdara, que visa à criação, permanência e acesso a políticas de saúde pública para pessoas trans e travestis no Amazonas, por meio da iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz - Amazônia) e

do Governo do Estado do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado de Saúde (SES-AM), que possibilitaram a fundação do primeiro ambulatório voltado para o atendimento de todos os processos essenciais e de acompanhamento da saúde de pessoas trans e travestis do Amazonas, no ano de 2017, no espaço da Policlínica Codajás, conhecido como Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero da Policlínica Codajás, onde atua uma equipe de profissionais multidisciplinar da área da saúde, entre médicos, enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos e assistentes sociais, especialistas na temática.

Ela me narrou que conheceu o projeto do ambulatório de uma forma inesperada. Segundo ela: *“conheci o ambulatório transexualizador daqui quando eu estava doente. Fui eu e a mamãe até o hospital; meu cabelo estava curtinho aqui assim. Aí, um doutor me viu e, como eu estava de costas, ele falou: ‘ai, não sei, eu pensava que era uma menina’. Aí, o médico falou: ‘se sinta confortável com o teu nome, não sei o que, eu conheço um atendimento, não sei o que’, aí ele que me indicou. Foi um médico da SAMEL, eu acho que ele era hétero”* (22 anos). A situação vivida no hospital particular em relação à aparência de Tiffany a fez querer saber mais sobre si. Como ela mesma me narrou ao longo da conversa, ela era constantemente confundida entre o masculino e a imagem do feminino, devido ao seu estilo andrógino.

Após iniciar o tratamento de hormonioterapia em janeiro de 2023, alguns meses depois ela saiu do projeto na Policlínica para dar continuidade na instituição privada citada anteriormente. Seu processo inicial foi com Estradiol de 1 mg ao dia; após dois meses, decidiu, por conta própria, mudar para Perlutan em ampola de 1 ml. O motivo foi a necessidade de ver mais rapidamente os resultados; ela sentia que o primeiro tratamento não estava trazendo os efeitos desejados. Ela menciona ainda que o Perlutan está ajudando-a a dar um efeito mais rápido em sua aparência, ajudando a aumentar seus seios, a deixar seu rosto mais delicado e feminino, e a definir as curvas do corpo. Além disso, Tiffany também fala sobre como a testosterona acredita ter contribuído para a definição de suas pernas e o crescimento de sua bunda. Ela não relatou, ao longo da conversa, efeitos colaterais negativos com os hormônios que está tomando e está em acompanhamento médico para monitorar sua saúde hormonal; entretanto, não era de conhecimento de sua endocrinologista, naquele momento, a troca dos medicamentos.

No mote dessa conversa, ela me disse ainda que, no futuro, pretende fazer um tipo de intervenção cirúrgica no rosto. Ela expressou o desejo de fazer uma *V-Line*. A *V-Line* ou Linha-V é um procedimento cirúrgico realizado por médicos cirurgiões plásticos na região da mandíbula com o intuito de promover a redução do volume, a diminuição da espessura e o contorno da região maxilar. Esse procedimento é comumente realizado em processos estéticos de feminilização. Ela tem feito reservas financeiras para atingir seu objetivo, já que, economicamente, esse processo cirúrgico não é realizado pelo SUS, uma vez que se entende que esse tipo de procedimento cirúrgico estético não possui a finalidade considerada essencial para a saúde e o bem-estar. O procedimento custa aproximadamente entre R\$ 40 mil e R\$ 70 mil no Brasil.

Seria, então, apenas a mandíbula, na sua visão, que “*entrega o jogo*” (22 anos) e não a faz se sentir feminina o suficiente. Em contrapartida, seu corpo tem estado conforme ela deseja e pretende manter com seus progressos na academia e na musculação. Ela me contou ainda que, até mesmo sua voz tornou-se mais aguda com o passar do tempo após o início do tratamento de hormonioterapia, a deixando “*passável, ninfetinha, mulher*” (22 anos). O termo “*passável*” é frequentemente utilizado por membros da comunidade trans para designar outra pessoa trans ou a si próprio como alguém que consegue se “*passar*” ou age “*passando*” por uma pessoa cisgênero. Em outras palavras, a passabilidade, enquanto ação, refere-se tanto às características físicas quanto às formas como se recebe e se trata socialmente uma pessoa trans em pé de igualdade com uma pessoa cisgênero.

No campo das características sociais e comportamentais, a passabilidade é vista na forma como uma pessoa trans se apresenta em seus jeitos de se vestir, seus comportamentos e modos de comunicação. Apesar da definição direta do termo, seu cerne é problemático, à medida que sua controvérsia não deve ser lida como parâmetro de valor ou sucesso de uma pessoa trans na sociedade, além das problemáticas associadas à estigmatização, à autenticidade estética, aos privilégios sociais e à repetição de comportamentos normativos de gênero.

2.4. Construindo a feminilidade, mulheridade em trânsito

Quando finalizamos de comer o que pedimos na cafeteria, nos dirigimos ao caixa para efetuar o pagamento. Enquanto eu realizava a operação, Tiffany trocou brevemente palavras com o homem do caixa anteriormente citado, nada muito além de cumprimentos formais. Perguntei, ao sairmos da cafeteria, se ela havia enviado mensagens para o encanador; a resposta me surpreendeu: *“não, eu só faço a linha. Tipo, pego o número parecendo que tô interessada, daí ignoro. Só respondo quando eles vêm atrás e, quando eu fico enjoada, eu bloqueio as mariconas”* (22 anos).

Ficamos em pé, próximos à entrada do ambiente, esperando um motorista de aplicativo de transporte buscá-la. Pedi para que não se preocupasse, que eu pagaria o retorno para sua casa. Após a chegada do motorista, nos despedimos e combinamos de nos encontrar na segunda-feira às 8h da manhã para irmos até sua consulta com a endocrinologista. Próximo ao horário combinado no outro dia, em torno de 7h da manhã, chegou uma mensagem em meu celular; era Tiffany informando que, por conta da chuva, iria adiar a consulta para a quarta-feira da mesma semana. No resto dos dias da semana, ficamos trocando rápidas mensagens pelas redes sociais, em geral trocando memes e figurinhas.

Na quarta-feira, às 10h da manhã, seria sua consulta. Às 8h, fui até sua casa, acompanhei seu café da manhã, que consistia em frutas, suco e pão com queijo e presunto. Ao fim, ela pôs na boca dois *scoopers* de creatina e tomou logo em seguida um copo de água. Seguimos ao hospital para a realização mensal de seus exames. A ida foi tranquila; no ambiente, Tiffany me contou que preferiu dar continuidade ao seu tratamento hormonal por meio privado. Seu pai possui plano de saúde privado, proporcionado por seu trabalho, o que lhe garante como filha o direito de usufruir de tal. *“Aqui me tratam bem, não falam meu nome falecido, os médicos héteros me respeitam, eu nunca tive problema aqui; eu acho que eles atendem no PAM também porque eles entendem bastante sobre transsexualidade”* (22 anos).

Por ser adepta da musculação, ela faz analogias com os termos utilizados no espaço da academia, como se refere a seu corpo em *“construção”*. Em nossa conversa

ao longo do caminho, ela me narrou: *“o corpo é uma construção, né? Sempre está sendo construído. Eu acho que o meu corpo está sendo construído, não é só por causa dos hormônios. Eu digo hormônios, assim, femininos, que eu digo. Eu acho que o meu corpo é assim. Eu gosto assim, definido, porque eu recebo muitos elogios por causa do meu corpo”* (22 anos) e que, no hospital em questão, nunca sofreu transfobia; pelo contrário, foi sugerido a ela que trocassem seu nome no atendimento para seu nome social, mesmo que, em 2023, ela ainda não possuísse formalmente todos os seus documentos retificados. Nesse processo de troca de seu nome pelo nome social no atendimento clínico-hospitalar, quem lhe prestou essa assistência foi sua médica: *“a própria médica que me avisou lá, a minha endócrina com quem eu faço as consultas. Ela tem esse conhecimento de pessoas trans”* (22 anos).

Com o passar do tempo, chegamos ao hospital localizado na Avenida Joaquim Nabuco, no centro de Manaus. Naquele dia, a consulta seria apenas de rotina para renovar a receita de seus hormônios e vitaminas. Além da hormonioterapia, Tiffany faz acompanhamento para suplementação muscular e do cuidado vitamínico, visando também o cuidado da saúde do seu cabelo. Após a consulta, retornamos para sua casa e mantivemos nossa conversa. Perguntei o motivo das suplementações vitamínicas para o cuidado com o cabelo; ela me disse: *“aí, pra mim, o meu cabelo é tudo. Assim, eu acho que é ele que me deixa com aspecto mais assim, a feminina, vamos dizer, entendeu? Pra mim, eu sempre dei prioridade pro meu cabelo. E as pessoas até elogiam meu cabelo e muitas pessoas pensam que meu cabelo é peruca. A maioria dos homens com quem eu já fiquei também falavam: ‘não sei o que, você usa peruca, não sei o quê, aí!’ Eu queria entender porque as pessoas pensam que eu uso peruca, aí! Eu faço assim pras pessoas tocarem aqui pra não pensarem que é mega ou lace. Eu falo: ‘não, não é, é meu cabelo mesmo.’ Demorou três anos pra crescer meu cabelo aqui”* (22 anos).

A constante afirmação de que seu cabelo é natural leva Tiffany a sempre demonstrar que seus fios são naturais. Ela faz gestos pegando pequenas mechas do cabelo, que, por consequência, também puxam seu couro cabeludo, a fim de demonstrar sua naturalidade. O outro gesto em questão é de demonstrar o comprimento capilar, que naquele instante estava a alguns centímetros de seus glúteos, motivo de orgulho ao longo dos três anos consecutivos de cuidados contínuos.

Ao longo de nossas conversas no carro, seu padrasto em nenhum momento participou, apenas ouvia. Demoramos em torno de 15 (quinze) minutos; fomos e voltamos sentados no banco traseiro. A felicidade em seu rosto era nítida, e a leitura dos exames junto à sua médica a deixaram feliz, dado os resultados esperados da ação dos hormônios e dos índices estáveis. Após chegarmos, por volta de 11h20, sua mãe me convidou para almoçar junto delas; apesar de eu ter me oferecido para ajudar nos afazeres da refeição, sua mãe pediu que eu ficasse sentado.

Conversamos sobre a vontade de Tiffany de migrar para uma outra academia, há 250 metros de sua casa, segundo ela, por motivo de troca constante para não ficar enjoada da antiga academia e também por não ter “*boys diferentes pra ver*” (22 anos). Sua mãe sugeriu que fizéssemos uma aula experimental próximo do fim do mês, com a proximidade do pagamento da mensalidade do mês seguinte; dessa forma, se fosse de seu desejo, seria mais rentável e econômico. Topei livremente, e Tiffany sugeriu que fizéssemos um *leg day*¹⁷ para ver se a outra academia era melhor. Após combinarmos, sua mãe serviu o almoço: era salada de legumes e folhas verdes, frango frito, arroz e feijão.

Na sua casa, por ambas serem assíduas com a musculação, sua alimentação é semelhante. Os demais membros que residem lá, a filha mais nova e o companheiro da mãe de Tiffany, também se alimentam da mesma forma. Almoçamos no quarto de sua mãe, onde fica localizada a única TV da residência, enquanto assistimos ao jornal local. Após terminar, cada um lavou os utensílios utilizados. Precisei, nesse instante, me despedir, uma vez que tinha outros compromissos a seguir. Após sair de sua casa, trocamos mensagens para marcar de nos vermos outro dia, se possível.

¹⁷ Dia da perna, em tradução livre. É a forma que se refere no universo da musculação para o dia em que se trabalha os membros inferiores do corpo, podendo ser posterior de coxa e panturrilhas ou ainda, quadríceps e abdominais.

2.5. “Essa bicha tá sentido dor agora, mas depois...”

Em meados da primeira semana de outubro de 2023, fui convidado por Tiffany para acompanhar um alisamento capilar que sua mãe faria para ela. Na sexta-feira, 4 de outubro, confirmei que iria até sua casa no dia seguinte, dia 6, sábado, às 14h. O alisamento seria feito para que, na noite de sábado, ela pudesse sair com mais dois amigos — ambos homossexuais — para um bar LGBTQIA+, o bar K4 Lounge, localizado na Zona Centro-Sul de Manaus. Fui convidado para ir junto dela; entretanto, por questões particulares, não foi viável.

No dia combinado, cheguei alguns minutos antes. Ao chegar, fui recepcionado por Tiffany. Entramos pela porta do quarto de sua mãe. No espaço, estavam ela, um de seus amigos que iria sair com ela naquela noite e que havia ido almoçar em sua casa, mas logo iria voltar para sua casa e retornar apenas à noite. Fui apresentado a ele, e ficamos ali conversando.

Tiffany, alguns minutos depois, se retirou para tomar banho e iniciar o processo de alisamento de seu cabelo. Antes de sair para o banho, ela sentou-se à beira da cama e tirou alguns mega-*hair 's* de tique-taque da parte posterior do seu couro cabeludo, algumas pequenas tiras de mechas. A retirada rápida acabou por ferir um pouco a pele que recobre o crânio e a raiz de alguns fios de seu cabelo. Curioso com a cena, perguntei a ela o motivo do uso do mega; ela me disse que usava algumas mechas na parte de trás da cabeça com o intuito de deixar seu cabelo com mais volume capilar. As mechas, tiradas pouco a pouco, de tonalidade parecida com a de seu cabelo natural, escuro, mesclavam-se facilmente com os fios sintéticos.

Após retirar todos, um total de talvez 6 (seis) a 10 (dez) mechas, foram então organizadas e colocadas sobre um monte de roupas que estavam no canto do quarto; ficariam ali separadas para serem lavadas posteriormente, o que requer um outro processo, apesar da semelhança de lavagem com o cabelo natural. Enquanto Tiffany foi tomar banho, carregando um dos produtos do *kit* que iria ser utilizado para o processo. Tratava-se de um xampu anti-resíduo, que deve ser utilizado nas lavagens de preparo do cabelo natural para o processo de alisamento.

Aproveitei e perguntei à mãe de Tiffany se ela poderia me explicar como se lavava aquele mega hair retirado. Ela me narrou os passos gerais a serem seguidos após a retirada: “*primeiro tem que desembolar se tiver nó, né? Aí, tu pega tudo e lava com qualquer xampu que você usar, que nem cabelo normal mesmo. Depois que passar o xampu, passa o condicionador e penteia com um pente bem fino pra não ficar embolado; aí, ou tu deixa secar na corda normal, ou pode passar um creme anti-térmico e secar com um secador e uma escova redonda*” (49 anos).

Esses cuidados foram repassados a Tiffany para que ela mesma aplicasse, já que o melhor seria fazer esse processo durante o banho. Perguntei ainda se era ela quem colocava as mechas na filha; ela me confirmou, dizendo “*eu que cuido do cabelo da bicha, essa daí não sabe fazer nada sozinha, só ir atrás de macho*” (49 anos). Rimos e, algum tempo depois, Tiffany retornou ao quarto da mãe já com os cabelos limpos, apenas lavados com o xampu sugerido e água em temperatura ambiente. O intuito de lavar apenas com esse produto, sem o uso do condicionador naquele instante, é de deixar as cutículas do fio de cabelo abertas para receber o produto que irá realizar o alisamento.

Na sua volta, ela estava usando uma camisa cropped preta com mangas até próximas ao pulso e um *shorts* de *lycra* também de cor preta. Ela se queixou para a mãe que o xampu fez sua cabeça arder, e sua mãe lhe respondeu afirmando que a forma como ela havia retirado o mega hair tinha sido de forma errada; teria que ser com cuidado e menos força para não machucar o couro cabeludo e a raiz do cabelo. Após breves palavras, fomos para a cozinha; sua mãe abriu a janela da porta e então colocou os demais produtos do *kit* de alisamento sobre a mesa.

Tiffany sentou-se em um pequeno banco de madeira próximo ao quarto de sua mãe, virada de frente para a janela da porta, e sobre seus ombros estava uma toalha de banho cinza. Na volta do quarto, sua mãe trouxe uma escova de pentear redonda, própria para esse tipo de trabalho, cujas cerdas aguentam altas temperaturas, um secador de cor preta, uma prancha de cabelo em que o material sob o qual o cabelo desliza é feito de cerâmica, além de alguns pentes, piranhas ou prendedores de cabelo e pincéis para aplicar o produto.

Pedi para ser seu ajudante durante o processo, já que, se eu ficasse ali apenas olhando, o processo, além de se tornar mais demorado do que já é, teria uma logística de atuação nada confortável para ambas. Uma vez que a mãe de Tiffany precisaria pentear, aplicar o produto e separar o cabelo com apenas duas mãos. Antes de iniciar o rito do alisamento, ela separou em um pote plástico, com uma espátula de plástico, uma quantidade generosa do produto alisante que tem textura de creme e uma cor amarela clara. Ao todo, o *kit* era formado por 4 produtos: 1 xampu anti-resíduo de 1 litro, 1 condicionador de 1 litro, um pote do produto alisante de 500 g e uma máscara capilar hidratante de 500 g, em que seus principais componentes ativos destacavam-se os complexos de vitamina A e E, além do acréscimo de queratina líquida para penetrar nos fios do cabelo.

Após pôr o creme alisante em um pote de plástico separado e próprio para a manipulação, a mãe de Tiffany pegou um pente pequeno e fino e começou a separar seu cabelo em quadrantes. Em cada um dos quatro quadrantes — dois inferiores e dois superiores — ela separou mechas com o uso de prendedores de cabelo. Vale frisar que o seu cabelo ainda estava úmido do banho. Então, me posicionei ao seu lado, segurando o pote com o creme.

O processo iniciou pela parte de baixo do couro cabeludo. Ela retirava um prendedor de uma mecha, segurava por debaixo da mecha sobre a palma de sua mão, sem o uso de luvas ou máscara, e deslizava o produto sobre os fios, indo assim da raiz, passando pelo comprimento até as pontas do cabelo, fazendo movimento de enlugar os fios da mecha. O enlugar do cabelo consiste em uma técnica de massagem capilar, onde se usam as mãos em movimento de vai e vem, seja por mechas ou em quantidades maiores, com a finalidade de transferir uma quantidade uniforme de produto sobre os fios, da raiz do cabelo até suas pontas. Segundo me descreveu a mãe de Tiffany, o processo de enlugar o cabelo “*ajuda a esquentar o produto*” (49 anos), facilitando assim sua ação e absorção do produto pelo fio. Cada mecha recebia um enlugar de mais ou menos 30 (trinta) segundos e era colocada para baixo, organizando uma acima da outra. O processo se repetiu ao longo de todo o cabelo, o que levou cerca de 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) minutos.

Após a aplicação total do produto, ela disse que precisaria deixar agir por pelo menos 40 (quarenta) minutos para, então, iniciar a segunda etapa com o uso dos aparelhos. Ao longo desses minutos, ficamos conversando sentados à mesa, vendo vídeos que iam aparecendo no *Instagram*. Em determinado momento, Tiffany entrou em sua conta na rede social *TikTok* e acabou por aparecer em sua *For You* um vídeo anunciando mais um vídeo de uma suposta briga entre a influenciadora transexual Lay Mundial e o então influenciador digital Carlos Emanuel, conhecido por ser uma pessoa “ex-trans” em um ato marcado por sua destransição de gênero, em que, em um culto protestante, ainda como Catty Lares, Carlos Emanuel anunciou seu processo de destransicionamento de gênero, e no mesmo culto um sacerdote aparece cortando seus longos cabelos enquanto chora na presença de seus amigos e familiares. Ambas as figuras são conhecidas no universo do humor LGBTQIA+ na internet.

Tiffany me perguntou se eu estava acompanhando “*a palhaçada que essa bicha tá fazendo dizendo que é ex-trans, mas vive dando esse rabo seco dela escondida*” (22 anos). Eu disse que sim e perguntei o que ela estava achando de todo o processo de destransição, corte de cabelo e retirada das próteses de silicone das mamas. Ela me respondeu em um tom de descontentamento e raiva sobre o ato está sendo gravado passo a passo: “*depois esse povo da igreja tá falando que existe ex-LGBT por causa disso. É um desserviço, um monte de menina que não tem nada a ver, tipo? Pra que fazer isso? O que essa bicha ganha atacando as travestis e as trans?*” (22 anos).

Seu descontentamento não residia em nossa conversa em relação à destransição de gênero do influenciador, mas sim na sua midiaticização e no público que essa ação estava atraindo nas redes, bem como os discursos da taxação da transgeneridade, da transsexualidade e da travestilidade como algo que se é quando se quer e não por outros motivos factuais, como os ensejos biológicos, psíquicos e psicológicos que envolvem a temática da transição assistida hoje no Brasil e como tais discursos são prejudiciais e endossam e normatizam as violências contra essas populações. Seu descontentamento foi, aos poucos, tomado por outros sentimentos, conforme seu dedo polegar direito deslizava sobre a tela de seu celular em busca de novos vídeos.

Após ter passado os 40 (quarenta) minutos previstos para a ação do produto, a mãe de Tiffany foi chamada por ela, e então demos início à segunda parte com a

introdução dos aparelhos eletrônicos. A mãe de Tiffany fez novamente a separação do cabelo em um quadrante e novamente separou em mechas. Com a mão direita, ela segurava a escova de cabelo e, com a esquerda, segurava o secador. Novamente, começou pela parte de baixo do cabelo, onde estavam anteriormente as mechas de mega hair que foram retiradas. Quando o processo começou, pude notar que, a cada passada do secador bem rente às fibras do cabelo, cada vez mais fumaça saía.

Nas três primeiras mechas, Tiffany não esboçou nenhuma reação; após isso, era notória sua feição de dor. Perguntei se estava doendo muito e, antes de responder, sua mãe disse: *“isso tá de frescura, essa bicha tá sentindo dor agora, mas depois que acabar ela vai sair daqui e vai estar jogando o cabelo pra lá e pra cá”* (49 anos). Nesse momento, Tiffany pediu para parar o processo; o ambiente, já tomado pela fumaça, me fez perguntar se ambas queriam uma máscara de proteção para respirar melhor. Apenas Tiffany aceitou; sua mãe disse que já estava acostumada, que fazia semanalmente aquele mesmo processo em diversas clientes quando atendia em seu salão.



Figura 4

Legenda: Mãe de Tiffany realizando o alisamento. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Ao pararmos, sua mãe me ofereceu uma lata de cerveja, que bebi aos poucos. Voltamos para o processo, e mais fumaça ia tomando o ambiente, que não tinha espaço de circulação constante de ar e também não havia algo como um ventilador para dispersar o nevoeiro químico formado pela reação do produto com o contato do calor. Comecei a perguntar sobre a fórmula do produto para a mãe de Tiffany, após meus olhos começarem a arder. Ela apenas me disse que era um produto com bastante tecnologia nova. Então, me direcionei para a mesa e peguei a embalagem para ler a formulação; no rótulo, constava na lista de ingredientes, em primeiro lugar, o aldeído fórmico (*formaldehyde*).

Conversando com ela sobre o ingrediente, perguntei o que ela achava de usar tais produtos e se eram recorrentes seus usos. Ela me disse, sem excitação: “*uso há bastante tempo, faz o cabelo durar mais!*” e ainda que estava “*acostumada com o cheiro*” (49 anos), por isso não sentia a necessidade do uso de luvas e máscara de proteção. Depois de algum tempo acompanhando o produto, tive que pedir para sentar no sofá próximo; os vapores e gases químicos estavam me deixando tonto. Depois de algum tempo, ouvi de sua mãe: “*tu é muito fraco, bicha! Bora parar de frescura e bebe logo!*” (49 anos). Após algumas risadas, ela continuou o procedimento, que durou cerca de 20 (vinte) minutos até secar todo o produto nos fios do cabelo.

Terminada a etapa 2 (dois), seria necessário pelo menos mais três das 5 (cinco) etapas restantes. A terceira etapa consistiu em Tiffany lavar seus cabelos com água corrente do chuveiro, em temperatura ambiente, novamente com o xampu anti-resíduo do *kit* de produtos. Logo em seguida, faria a utilização do condicionador; ambos deveriam agir por pelo menos 5 (cinco) minutos nos fios antes de serem retirados com a água do chuveiro. Todo esse terceiro processo foi feito por Tiffany sozinha no banheiro. Após seu retorno, iniciaria a quarta etapa, a reconstrução da fibra capilar com uma hidratação capilar.

Novamente, ela sentou no banco, já sem tanta fumaça no ar; seu cabelo foi novamente repartido em quatro grandes partes e subdividido por mechas para, então, o enlívamento dos fios, utilizando apenas o creme de hidratação com produtos à base de vitamina A e E e também queratina líquida. Todo o processo foi repetido, o enlívamento por mechas até preencher todo o cabelo. Ao fim do processo, sua mãe colocou uma touca térmica, recobrimdo todo o seu cabelo, e pediu para informar quando o produto estivesse contabilizado 15 (quinze) minutos aplicado.

Após o período terminar, Tiffany se dirigiu para o banheiro novamente para, mais uma vez, retirar o produto do seu couro cabeludo, dessa vez apenas utilizando água corrente em temperatura ambiente. Após o enxágue, iniciaria então a parte 5 (cinco) e final do processo, a finalização.

Para evitar mais danos ao cabelo, sua mãe optou apenas por finalizar o procedimento capilar fazendo uma escova e prancha. Seu cabelo foi seco totalmente com o auxílio do secador, enquanto passava levemente um pente mais espaçado para evitar que o cabelo ficasse embaraçado. Após a finalização, sua mãe dividiu novamente o cabelo, dessa vez em apenas três partes: uma abaixo e duas acima na região da cabeça, e pegava algumas mechas mais cheias que cobriam toda a extensão da prancha alisadora. O processo de alisamento do cabelo demorou em torno de 15 (quinze) minutos, e pelo menos mais 25 (vinte e cinco) minutos fazendo a prancha. Quando terminou, a reação de Tiffany mudou totalmente; o cansaço esvaiu-se e, rapidamente, ela levantou, passou a mão entre os fios totalmente lisos enquanto admirava, diante do espelho, a extensão que seu cabelo havia ficado. Para finalizar totalmente o procedimento, sua mãe foi ao quarto e voltou com uma tesoura para, então, cortar as pontas do cabelo que não estavam alinhadas e pareciam quebradas. Também alinhou a altura da franja de Tiffany. O procedimento que iniciou às 14h da tarde terminou completamente às 19h da noite.

2.6. O gestual do cabelo no espaço público

Instigado por sua mãe, busquei me atentar mais ainda para a importância dos jogos do cabelo, em outras palavras, a gestualidade capilar e como a frequência se repetia conforme acompanhava Tiffany. Com gestualidade, refiro-me às formas de manipular o cabelo, o modo de arrumar, de passar as mãos sobre as madeixas, como ela o preparava para suas aparições públicas.

Ainda no dia em que acompanhei o alisamento capilar de Tiffany, por volta de 19h, sua irmã chegou em sua casa com sua prima de mais ou menos 7 anos. Sua mãe sugeriu que fôssemos ao mercado para comprarmos comidas e doces para recepcionar sua prima. Assim fizemos. Acompanhei Tiffany até a porta de seu quarto, um pequeno cômodo pintado de rosa, com uma cama de solteiro ao canto esquerdo e um grande espelho com moldura branca centralizado ao lado direito do quarto.

Junto do espelho, Tiffany possui uma luz auxiliar para maquiagem, um acessório chamado *ring-light*. Perguntei a ela se aquele aparelho de luz era mais confortável para fazer suas maquiagens, enquanto ela procurava em uma cômoda pequena de madeira ao fundo do quarto sua *necessaire* de maquiagens. Sua resposta foi breve: “*Sim! Dá pra ver qual é uma luz melhor pra se maquiar*” (23 anos).

Fiquei ao canto da porta e, alguns minutos depois, a pequena prima de Tiffany entrou no quarto e perguntou se podia maquiar-se também. Ela deu à pequena menina um pequeno objeto em formato de bastão transparente. Era o seu *lip-gloss*, acessório que vi com ela em diversas ocasiões, principalmente públicas.

Enquanto ela se maquiava, entre pequenas batidas no rosto com uma esponja, ela distribuía a base no seu rosto, seguidas de pinceladas de pó facial e, por fim, a feitura de seu delineado de cor preta. Entre os atos de fazer a maquiagem e as trocas de produtos, ela recorrentemente passava a mão em seus cabelos, uma mecha da parte frontal que outrora ia para trás de sua orelha direita e, outrora, voltava a ficar na frente de seu rosto.

Ainda nesses pequenos intervalos, ela virava-se para ver o comprimento atual de seu cabelo após o procedimento. Em uma dessas olhadas no cabelo, ela falou: *“tá maceta, será que no final do ano chega na minha bunda?”* (23 anos). Após essa pergunta, em tom de brincadeira, perguntei se o crescimento de seu cabelo tinha relação com seu projeto corporal da academia e ela me respondeu diretamente, falando que estava cultivando-o há 3 anos e me referenciou exemplos como as criadoras de conteúdo fitness Juju Salimeni, Vivi Winkler e Gracyanne Barbosa: *“se manter o corpo já é difícil, imagina um cabelo grande?”* (23 anos).

Inicialmente, não compreendi a correlação entre a feitura e manutenção do corpo malhado com os cabelos. Quando lhe perguntei como esses elementos se relacionam, Tiffany suspirou, olhando-se no espelho lateralmente, e me respondeu: *“tipo, tem que ter muita disciplina com o corpo e com o cabelo também, né? Do que adianta estar bonita de corpo e a cara tá parecendo a de um Tonhão? E o cabelo todo ensebado?”* (23 anos).

Ao finalizar a maquiagem e seus retoques, ela pegou dois pequenos elásticos de cor rosa, separou duas mechas de cabelo, uma a cada lado da cabeça, um pouco acima de sua franja, uma mecha de mais ou menos a espessura de um lápis. Ao finalizar, me perguntou: *“tô paty¹⁸?”* (23 anos).

Ela continuou trajando as roupas que estava ao longo do dia. Seguimos em direção à porta e, no caminho, mais uma pequena pausa para ver se o cabelo estava organizado conforme ela havia preparado. Chamou sua sobrinha, que saiu de imediato do quarto. Antes de sairmos, sua mãe me falou mais uma vez: *“tô te falando, essa bicha se faz, agora ela vai lá exibir esse rabo dela jogando esse cabelo”* (49 anos).

Não pude deixar de notar como a palavra *“jogar”* naquela interação social delas se referia aos modos de gestualidade. Enquanto falava essas palavras, Tiffany, ao meu ver, parecia estar encantada ao olhar-se no espelho. Quando saiu pela porta, por mais ou menos 20 (vinte) metros andados, ela ia passando suas mãos nos cabelos, juntava-os

¹⁸ O estilo paty ou patricinha se popularizou em meados dos anos 2000 como contraponto ao estilo fubanga 2010. As patys se caracterizam por suas vestimentas rosas, estilo meigo e sobriedade do estilo de maquiagem, roupas e cabelo.

com as duas mãos na parte posterior da cabeça, à altura de sua nuca, e descia com a mão esquerda até o fim dos fios, levando seus cabelos em um único lance para seu colo. Por conta dos procedimentos, liso da forma que estava, os fios pareciam desabrochar entre seus dedos, fluindo e dançando conforme o movimento das mãos e do vento.

Ao longo do caminho, Tiffany me falou que, na infância, quando tinha mais ou menos a idade de sua sobrinha que nos acompanhava, ela usava toalhas de banho como perucas, lençóis como vestidos e calçava os saltos de sua mãe quando a mesma ia para a igreja ou tinha saídas mais longas, onde ela podia ficar só e ser uma *“gay mirim, mapô”* (23 anos). Desde muito cedo, segundo ela narrou a mim sobre seus desejos de infância, o cabelo ganhava sempre um papel de destaque: *“quando eu era mirim, eu queria ser a prima do Ben 10; toda vez que ela aparecia, eu queria ser ela, ter o cabelo grande e ser popular”* (23 anos). Perguntei se ela agradava mais as figuras femininas de cabelos longos ou curtos em relação aos desenhos animados que ela assistia, e nossa conversa se encaminhou para um longo caminho, tal qual os fios de seu cabelo.

A ela, o destaque de figuras femininas maléficas sempre a atraiu, não pelo caráter duvidoso das personagens, mas pela estética a elas atribuída: *“tu já viu que as vilãs geralmente são as que as gays mais gostam na infância? Quem não quer ser uma diva?”* (23 anos). As características de uma diva, segundo sua percepção, analisando seus antigos gostos, como dito, estavam atreladas à estética dessas personagens, mas também aos atributos a elas colocados: *“sempre são poderosas, elas se destacam! Cansa ser uma songamonga”* (23 anos).

Antes de chegarmos à entrada do supermercado, ela mais uma vez parou diante das vidraçarias de entrada do estabelecimento que refletiam as imagens de fora do ambiente, olhou-se novamente de frente e de lado, conferiu se os pequenos coques estavam ainda no mesmo lugar, então entramos. As vezes em que fui acompanhar Tiffany em locais públicos, sempre busquei manter uma distância de 1,5 a 2 metros para, então, poder vislumbrar em um panorama maior o horizonte de eventos que ocorriam conforme se dava sua passagem.

Ela adentrou ao mercado segurando a mão de sua sobrinha e seguimos para o corredor de bolos e hortifruti do mercado. Chegando lá, enquanto eu via os preços dos

bolos já feitos, pude notar que um dos colaboradores do supermercado, com um olhar fascinado por ela, a chamou para provar frutas gratuitamente. Em todas as minhas idas àquele supermercado em sua companhia, não havia esse serviço; entretanto, ele ocorria com frequência em relação a Tiffany, após ela me narrar ao sair daquele setor do mercado.

Ali, das frutas, ela não levou nada. Escolhemos os bolos e saímos da seção. Ao entrarmos no corredor que nos levaria ao setor de frios, ela me chamou e falou rindo baixo: *“tu viu? Toda vez ele me chama pra me dar fruta pra experimentar e fica pedindo meu número, eu nunca dou”* (23 anos). Em sua interação com o atendente do hortifruti, de modo breve, foi muito mais pela forma de olhar. Enquanto a mão esquerda segurava a mão de sua sobrinha, com a direita ela usava para pegar as frutas fatiadas e as comia olhando de baixo para cima em direção ao rosto do homem. Fazendo dessa forma, o corte de sua franja centralizava ainda mais seu olhar. Segundo o que me foi narrado, apenas aquele servidor do hortifruti e o segurança do turno da tarde tinham esses olhares, olhares que ela já havia notado e retribuído, mas nada além de paqueras e troca de palavras breves.

Ao passarmos pelo corredor, em direção aos refrigeradores onde ficam os frios, Tiffany levantou um pouco mais sua saia. O motivo, segundo ela, era que na seção dos frios fica localizado o açougue do supermercado e um dos jovens açougueiros já havia lhe despertado interesse. Seu caminhar mudou; mais uma vez pude ver um andar mais suave e ao mesmo tempo sensual. Seus cabelos, dessa forma, ganhavam mais movimento com leves movimentos da cabeça, fazendo com que seu cabelo fosse de um lado para o outro como um leque abrindo e fechando.

Toda a ação ao longo do mercado durou cerca de 15 (quinze) minutos, entre idas e vindas nos corredores. Por se tratar de um dia de sábado, o movimento era mais intenso. Pude notar, assim, que muito mais homens a olhavam. Na fila do caixa para o pagamento dos insumos, ela me pediu para que eu ficasse posicionado atrás dela. Perguntei o motivo e ela me disse que gosta de ser vista andando, mas não fixamente olhada: *“não gosto quando esses velhos ficam me olhando”* (23 anos).

Assim, seguimos. Ela efetuou o pagamento de alguns insumos e eu de outros. Ao sairmos do supermercado, ela repetiu uma pergunta frequentemente em nossos diálogos em locais públicos: “*é por tudo ser bonita, né?*” (23 anos), um modo seu de expressar como todo o conjunto que ela dedica aos seus cuidados, o corpo e seu cabelo, chamam a atenção de muitos espectadores ao mesmo tempo.

Nessas gestualidades das mãos em relação aos cabelos, em meus acompanhamentos em locais públicos com Tiffany, demonstrou não apenas as formas de relação de cuidado, mas os enlaces além deles, todos os esforços apreendidos para deixá-los organizados, simétricos, fluidos e em constante movimento. Em sua simetria, os olhos ganham destaque a partir de sua franja; os pequenos coques revelaram um gosto particular seu pelo estilo paty, meigo, curioso e sensual. Todas essas ações produzidas de modo consciente e maleável, como seus cabelos.

A plasticidade capilar é colocada aqui, ao meu ver, como modo de expressão direta das emoções. O espelho, um fiel companheiro. Ou seria o reflexo? Bem, entre ambos, o som das palavras direcionadas a ele sempre soavam em um tom de apreço, de uma satisfação no cuidado de si, mesmo que esse cuidado, horas antes, tenha exigido uma grande resistência ao longo do processo de alisamento.

Como antropólogo e filósofo, utilizo o termo “cuidado de si” a partir de uma perspectiva foucaultiana do cuidado. Na extensa investigação dos cuidados do corpo, de si e do outro, Foucault observou que entre os clássicos regimes gregos e romanos, o cuidado de si, antes de se preocupar do cuidado com o outro e com o meio social, começava inicialmente de uma “justa medida”, “integridade”, “autocontrole” e pelo uso dos prazeres, ou em grego “*sophrosyne*” (Foucault, 2018). Nas complexas lógicas internas do cuidado às quais Foucault dedicou uma parte de seu trabalho, destaca-se a vulnerabilidade, uma vez que essa vulnerabilidade do cuidado abre espaços para nos interpretar a partir dos inúmeros deslocamentos e conexões que fazemos. Assim, essas conexões, que operam incessantemente, até mesmo no pós-morte (no sentido de cuidado da memória do outro), nos revelam como nossas identidades são marcadas por significados internos e externos. Em uma perspectiva da Antropologia da Saúde, pode-se dizer que as conexões marcadas pelos cuidados de si e dos outros, são dotadas de “significados que marcam identidades próprias” (Scott, 2023, p.3).

O que se pode perceber, num parâmetro macro das relações sociais, é que o cuidado de si e do outro parece ser uma das pilstras necessárias para a sustentação de determinadas práticas culturais e sociais. A interpretação da cultura do corpo exige um exame meticoloso das práticas e das relações que se estabelecem no próprio indivíduo em partida para o mundo. É evidente que a problemática do cuidado não pode ser limitada e somente fundante para aspectos de investigação da cultura e práticas sociais, mas há que se ter em mente que esse é um aspecto central.

Quando chegamos à sua casa, sentamos à mesa para comermos. Perguntei a Tiffany há quanto tempo ela fazia o procedimento de alisamento. Ela me disse que desde sua adolescência, a partir dos 16 anos, quando começou a frequentar festas e a sair com seus amigos. Ela me mostrou uma foto sua com cabelo ainda acima dos ombros, revelando a sua curvatura ondulada: *“É mais fácil cuidar de cabelo liso. Passou o pente e tipo tá pronto”* (23 anos).

Disse-me ainda que todos os procedimentos que havia realizado em seu cabelo até aquele momento eram feitos por sua mãe: *“não confio em ninguém cuidando do meu cabelo não, só minha mãe”* (23 anos). Sua afirmação em relação à sua mãe está atrelada não apenas à sua relação consanguínea, mas ao cuidado para que fique o melhor possível. Afinal de contas, sua mãe também é uma profissional da beleza dos cabelos. Não houve em nossa conversa um motivo mais forte para que ela não confiasse em outros profissionais, apenas o forte vínculo familiar. Ao cuidar dos cabelos dela, sua mãe também cuida dos cabelos das outras mulheres da família, cobrando apenas das mulheres externas à sua casa os produtos que irão ser utilizados. Ação essa não aplicada internamente.

Ainda nessa conversa, demos continuidade ao diálogo que iniciamos no café que havíamos ido anteriormente e adentramos em assuntos relacionados ao cabelo e sua relação com a feminilidade. Estávamos a sós, ainda, na cozinha. Ela me disse em voz baixa, olhando para frente: *“eu sempre me inspirei na minha mãe. Não tenho muitas amigas trans que tipo, me batizaram e tal. Eu sempre fiz tudo muito sozinha, minha mãe sempre esteve comigo, me ajuda bastante”* (23 anos) e completou dizendo: *“eu aprendi a ser mulher olhando ela”* (23 anos).

A relação de Tiffany com sua mãe é uma relação de companheirismo. Pude presenciar e participar em algumas conversas sobre afetividade, o que ficou evidente para mim quando fui interpelado para dar alguns palpites sobre perfis de alguns homens em uma rede social de relacionamentos e namoro. Nesses momentos, Tiffany pedia para sua mãe analisar o perfil dos pretendentes, suas formas de comunicação, suas fotos e suas vozes.

Outros modos que a relacionam no fazer da feminilidade estão estritamente associados à forma do corte de seus cabelos. Tiffany, sua irmã mais nova e sua mãe frequentemente adotam um estilo de cabelo similar; as três fazem alisamentos, possuem seus cabelos escuros e com corte “*franja desfiada*” (23 anos). Elas também partilham momentos que não pude presenciar, mas que Tiffany me narrou em nova conversa à mesa, em que, pelo menos uma vez no mês, buscam fazer hidratações capilares juntas. Em geral, sua mãe aplica os produtos em Tiffany e sua irmã, e ambas auxiliam sua mãe.



Figura 5

Legenda: Cortes semelhantes. Mãe de Tiffany ao lado esquerdo, sua

irmã ao centro e Tiffany ao lado direito. (Crédito: Acervo Pessoal de Tiffany, 2023).

Acima, a figura traz de forma visual as similaridades capilares compartilhadas entre Tiffany, sua irmã mais nova e sua mãe. Assim sendo, a experiência do compartilhamento a inspira e mantém sua relação como uma rede de apoio e afetividade. Pude partilhar desses momentos em alguns convites voluntários para almoços e confraternizações internas. No caminhar de nossa conversa, Tiffany também me contou da sua relação com sua irmã. Apesar de muitas vezes eu presenciar situações de brigas, também era comum presenciar situações de afeto, como abraços, uma deitar no colo da outra para assistir à tevê. Perguntei como ela definiria sua relação e, franzindo a testa e arqueando as sobrancelhas, ela se virou para mim e disse: “*essa diabo*” (23 anos).

Para além dessa relação, a proximidade entre ambas sempre foi forte. Principalmente após o processo de separação de seus pais, em que Tiffany passou a cuidar de sua irmã. Além da fraternidade entre as irmãs, a relação de troca de roupas era constante; em especial em dias em que Tiffany saía para festas, ocasionalmente ela consultava sua irmã sobre determinadas roupas e acessórios e a possibilidade do empréstimo. Esses empréstimos aconteciam como trocas: enquanto uma oferecia roupas, a outra oferecia a partilha da maquiagem e aparelhos como a prancha de cabelo.

Assim, a constituição da feminilidade e da experiência do ser mulher parte de uma relação de coletividade em família. Expressões essas que não notei em relação à proximidade de suas amigas na academia ou mesmo em sua casa. A experiência compartilhada reflete, assim, na organização da casa, das economias, da partilha dos alimentos e dos momentos de conquistas, ou mesmo para assistir a um filme na tevê.

No caminhar de nossa conversa, aproximadamente às 21h, ela me contou que precisava tomar banho para ir a uma festa em uma boate LGBT conhecida na cidade por ter shows de drag queens, performances e festas temáticas relacionadas à cultura

sul-coreana e às periferias brasileiras. Perguntei a ela se eu poderia acompanhar sua organização para a festa e ela prontamente aceitou.

Após tomar banho, ela separou um top rosa, uma minissaia da mesma cor, um par de sandálias de salto alto *stiletto* cravado de brilho em suas finas alças, que alguns minutos depois veria rodear seus pés. E, por fim, além de suas maquiagens, uma bolsa pequena de cor rosa feita de pelúcia. Ela me disse que se tratava de um conjunto recém-adquirido em um aplicativo de compras direto de fábricas chinesas e “*taxado pela Aduaneira em Curitiba*”, forma essa referida aos sistemas de taxas aduaneiras de importação no processo alfandegário brasileiro, fazendo menção à criadora de conteúdos de humor Ana Helena Pisonelly.

Após vestir suas roupas, ela manteve seus cabelos da mesma forma, com seus dois pequenos coques presos por ligas elásticas de cor rosa. Buscou uma cadeira para sentar e apoiou-se em sua cômoda para dispor lado a lado os produtos a serem utilizados. Iniciou o processo de remoção da maquiagem utilizada algumas horas antes com o auxílio de algodão e água micelar¹⁹. Após finalizar, iniciou a próxima maquiagem com base facial, pó translúcido para efeito de pele matte ou seca, corretivos abaixo dos olhos com o intuito de destacar seu olhar, ao entorno das laterais do nariz para criar um efeito de uma leve sombra roxa *shimmer*²⁰. Sem seguida, passou máscara de cílios com delineador rente à raiz, finalizando assim sua maquiagem com um batom de cor rosa suave, sobreposto por seu companheiro *gloss* transparente.

Após calçar seu par de sandálias, processo esse que levou em média 1 hora apenas observando, uma vez que ela estava concentrada para não errar os mínimos detalhes, ela me perguntou se estava uma “*make de patricia*²¹?” (23 anos). Após

¹⁹ A água micelar é um produto difundido entre a comunidade de pessoas que utilizam maquiagens e rotinas de cuidado da pele. Esse produto possui eficácia para a remoção de maquiagens devido suas micelas que promovem a atração de sujeiras e oleosidade da pele encapsulando-a e posteriormente é possível com auxílio do algodão ou um pano suave, ou mesmo água corrente, a remoção da sujidade.

²⁰ As sombras shimmer são tipos de sombras de acabamentos brilhantes e cintilantes, geralmente de cores claras em tons pastéis com partículas de brilho, causando profundidade e destaque para os olhos. São comumente utilizadas para eventos de ocasiões especiais e saídas noturnas.

²¹ Modo para referir ao estilo de jovens meninas ditas mimadas, que costumam usar acessórios delicados, em geral, cor de rosa vibrante e em tons pastel. Esse estilo ganhou popularidade entre as décadas de 1990 e anos 2000, impulsionados principalmente por personalidades da mídia como Paris Hilton.

responder sua pergunta, me despedi sutilmente dela; apesar de seu convite para acompanhá-la naquela noite, não pude, por não estar me sentindo bem para tal. Nossa despedida se deu com um abraço seguido de um “*eu te mando mensagem pra tu vir aqui essa semana*” (23 anos). Agradei novamente e parti.

2.7. Um dia na laje

Em uma sexta-feira ainda no mês de outubro de 2023, fui convidado via *WhatsApp* por Tiffany para ir a sua casa após o horário de meio dia, horário em que estaria só, haja vista que aquele era o dia em que ela fez a limpeza de sua casa e resolveu tomar sol da laje. Apesar de não poder me expor ao sol com frequência, resolvi aceitar o convite.

O mês de outubro junto com o mês de setembro costuma ser o período de fortes ondas de calor na região norte do país. Momento em que as graduações na escala de Celsius podem chegar a casa dos 38°C e a sensação térmica de até 41°C. Nesse dia, o calor a instigou a subir na laje para tomar banho de sol e fazer “*a marquinha que os boys gostam*” (23 anos) em outras palavras, as marcas deixadas pelo bronzeamento.

Por volta das 14h cheguei a sua casa, Tiffany vestia um shorts de *lycra* preto e uma camisa estilo *cropped* branca, por debaixo ela já usava seu biquíni preto, a parte debaixo estilo fio dental e a parte de cima, estilo asa delta de cortininha. Nome dado a forma triangular e móvel da parte superior do biquíni que entrelaçado em seu pescoço com um nó e também em suas costas.

Após me oferecer um copo de água, ela me convidou para irmos à laje, o acesso era pelos fundos da casa onde possui uma escada de madeira, acima, na laje onde havia duas cadeiras e em uma determinada localidade uma caixa d’água azul, tipicamente encontradas nas casas brasileiras, sua localidade era aproximadamente sobre o banheiro da casa, era possível vislumbrar uma vasta vista da localidade onde reside.

Ela levou consigo um pequeno pote de plástico e um pincel, os mesmos utilizados no processo de alisamento, um pacote de pó descolorante, uma água oxigenada de 30 volumes e um frasco de protetor solar corporal fator 40. Acima na laje, era possível ficar à sombra de um pé de mangueira da casa vizinha e também possuía um chuveiro simples cor de branco já encardido pela ação do tempo, abaixo no mesmo cano do chuveiro, uma mangueira de cor verde.

Ela levou também, uma pequena caixa de som, onde conecta seu celular via *Bluetooth*, à cantora escolhida, Joelma, ex-integrante da Banda Calypso, banda conhecida pelo ritmo calypso muito difundido em regiões norte do país. Voando Para o Pará foi a música escolhida para abrir a sessão daquela tarde. Ela então perguntou como estava e engatamos em conversas sobre assuntos aleatórios enquanto ela tirava suas roupas e ficou apenas de biquíni. Por não poder me expor ao sol com frequência, resolvi permanecer da mesma forma, após isso, passamos protetor solar nos braços e pernas, sentados nas cadeiras.

Perguntei a ela se era algo comum que ela fizesse, ir a laje para tomar sol. Ela me disse que sim, para não ficar “*pálida*” e como momento de “*relaxar*” (23 anos). Seus cabelos permaneceram soltos a todo instante, não trajava boné ou algo que protegesse o rosto, apenas a sombra da árvore. Após algum tempo de conversa, ela pegou o pequeno pote, o pó descolorante junto da água oxigenada, pôs em meio suas pernas e despejou uma certa quantidade de ambos os produtos, após mexer bem, ela começou aplicar com as próprias mãos sobre os pelos dos braços, das pernas e da região abdominal.

Vendo essa cena, fiquei curioso em saber o sobre aquela prática, enquanto ela passava o produto, me disse que gostava de ter “*os pelos claros, eles ficam mais escondidos, né? E a pele parece que dá uma limpada*” (23 anos). Esse mecanismo utilizado, em geral, é feito por ela não apenas nesses momentos de lazer, entretanto, como forma também de deixar os pelos menos aparentes enquanto estão na fase de crescimento após a depilação na cera realizada por ela.

Da mesma forma, perguntei o que ela achava de sua pele mais clara “*não gosto de ficar pálida, fico parecendo morta*” (23 anos) além do fator da apresentação da pele,

o outro motivo era o da sensualidade. As marquinhos deixadas no formato do biquíni, é uma forma de demonstrar apreço sexual na relação com homens, que segundo ela “*os boys adoram*” (23 anos).

Sentados à sombra, ela mexia em seu celular, comentamos sobre os tais boys, entre algumas conversas, ela me pedia opiniões sobre a aparência física de alguns homens, também me falou de suas aventuras sexuais e como “*eles adoram as bonecas*²²” (23 anos), em outros momentos apenas olhava para o céu sentada em uma posição inclinada e refletia sobre a vida, quase que em um ato filosófico, lembrou dos períodos de enfrentamento de ser uma das únicas mulheres no curso de engenharia qual estudava e do abandono da universidade. Como teria sido sua vida se fosse engenheira?

Não havia bebidas, não é de sua vontade ingerir álcool. Ali permanecemos. Depois de algum tempo ela levantou-se e começou a banhar-se abaixo do chuveiro e também com a mangueira de borracha envolta em círculos, como um ato de regar a laje, ela molhou-a toda como uma forma de amenizar a temperatura daquele espaço. Pouco tempo depois estava seco novamente. Sentou-se novamente com a mangueira molhando seu corpo retirando todo o produto do seu corpo que ficou por todo o período que estivemos ali. Permaneci ao seu lado de 14h 45m até meados de 16h 15m.

A laje ali naquele contexto, produz-se como um subterfúgio de descanso, lazer, encontrar-se consigo, ouvir músicas e também possui um apelo a sensualidade e uma certa manutenção do corpo, destaque assim, o bronzeamento e o descoloramento dos pelos. Um espaço de visão pública e ao mesmo tempo um espaço privado. Sem muitos elementos além da paisagem do bairro ao horizonte. Sem vozes estranhas, apenas o ecoar da música na caixa de som, a água do chuveiro costuma ser sua companheira. Naquele dia não houve dança, apenas músicas cantadas.

O espaço ali sobre o teto da casa, não costuma ter uma rotina estabelecida para ser frequentada, apenas após a palidez da pele aparece, os pelos dos membros inferiores e superiores após algumas semanas a depilação à cera começam a renascer e o tom bronze da pele desaparecer lentamente com as marquinhos deixadas pelo sol ao redor do

²² No dialeto pajubá, as bonecas são uma forma comumente utilizada para se referir a mulheres trans e travestis.

biquíni. Sem muitas exposições, sem fotos, a laje é assim, um espaço de produção do corpo e da suspensão do juízo de valor, penso eu, para pensar mundos possíveis e suas realidades. Reformular sonhos e traçar novas metas.

Um ato comum feito por diversas pessoas no Brasil, entre homens e mulheres, em suas casas, a laje demonstra seu potencial, seja ele para usufruir do momento só, seja em conjunto com outras pessoas. Espaço esse comumente encontrado no topo das casas nas periferias e em construções diversas, improvisadas ou planejadas. Sua função arquitetônica se modela entre o espaço de convivência e expressões. Além de um simples espaço plano, o diálogo emerge, experiências são compartilhadas e vividas juntas. Sem muitas formalidades ou códigos complexos, o espaço da laje funciona entre a convergência da autonomia e da liberdade. Um espaço que pode ser lido como um símbolo dos reflexos de sua localidade estrutural e urbana, mas como um marcador do fazer corporal, da identidade e práticas sociais.

CAPÍTULO III



3.1. O cabelo como processo de socialização

Trajatória de Camila.

Camila é uma mulher trans/travesti, que se declara racialmente negra, de 56 anos, que vive entre a cidade de Manaus e São Paulo. Em Manaus, Camila possui sua casa própria na Zona Leste, onde aluga apartamentos para outras pessoas, especialmente pessoas LGBTQIAPN+. Quando está em São Paulo, Camila reside com uma amiga também travesti e ambas trabalham no Allianz Parque, conhecido popularmente como Estádio Arena Palmeiras.

No estádio, onde atuam como auxiliares de serviços gerais, elas desempenham, enquanto contratada do espaço, responsabilidades atreladas à limpeza, averiguação, organização, recepção de pessoas em dias de jogos e *shows*, além de funções na área de distribuição de alimentos. A área em que Camila tem trabalhado, segundo ela, é destinada aos camarotes considerados de luxo.

Para ela chega a esse setor dos camarotes considerados de luxo, Camila me narrou que teve que passar por um processo interno até alcançar essa mudança de setor, que, na visão dela, é considerada uma promoção de cargo, um setor destinado a personalidades do futebol, da política e da mídia brasileira que frequentam e acessam esses espaços privados do estádio.

Sua vida, dividida entre Manaus e São Paulo, se dá por questões financeiras. Em seus períodos de férias, Camila retorna a Manaus para suas averiguações de seu imóvel, visitar seus familiares e participar das reuniões e ações promovidas pela Associação de Travestis Transexuais e Transgêneros do Amazonas (ASSOTRAM), uma organização não governamental fundada em 2017 que tem como principal compromisso a luta pelos direitos LGBTQI+, com foco na população transgênero, transexual e travesti manauara.

Meu primeiro contato com esses movimentos e com Camilla se deu em uma roda de conversa sobre políticas contra violência à mulher, focada no público

transsexual e transgênero, na CASA MIGA, no dia 26 de novembro de 2022. Antes de mais nada, é válido ressaltar o papel que esses movimentos têm na cidade de Manaus e suas contribuições.

A CASA MIGA é a primeira casa de acolhimento LGBTQ+ do Brasil (GODINHO, 2018). Fundada em agosto de 2018, o espaço da CASA MIGA é “coordenada pela organização não-governamental Manifesta LGBTQ+, com apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e da União Europeia” (ONU, 2019, grifos do autor). Após sua fundação, o espaço passou a receber migrantes, principalmente da Venezuela, tornando-se referência em acolhimento de pessoas LGBTQ+ e pessoas refugiadas na cidade de Manaus.

Segundo o site da ACNUR/UNFPA, seu trabalho para com a comunidade LGBTI é:

trabalhamos para proteger os refugiados e os solicitantes de refúgio LGBTI em todos os lugares.” (ACNUR, on-line). Em contrapartida, o programa de Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) que também é uma agência da ONU, fundada em 1969 com o intuito de desenvolver e atuar em “programas de desenvolvimento populacional relacionados com os temas de saúde sexual, reprodutiva e igualdade de gênero. (UNFPA, on-line).

No Brasil, a UNFPA tem atuado desde 1973 junto a movimentos sociais, sociedade civil e instituições universitárias que visam o monitoramento, seguridade, desenvolvimento de programas e políticas públicas, sendo um programa europeu, seu intuito é estreitar as relações da União Europeia junto do Brasil por meio de investimentos (UNFPA, on-line).

Dessa forma, a CASA MIGA, junto de suas parcerias, tem desenvolvido em Manaus, principalmente, o trabalho de acolhimento de pessoas LGBTQIAPN+, como também pessoas em status de refugiadas, tornando-se uma referência e um centro importante para essas populações, onde atua, promovendo cursos profissionalizantes, oficinas sobre direitos humanos voltado à comunidade LGBTQIAPN+, rodas de conversas e demais eventos junto a outras ONGs e projetos sociais engajados na luta e

apoio a pessoas LGBTQIAPN+ expulsas de suas casas por conta de suas orientações sexua ou identidade de gênero, além de pessoas refugiadas.

Após meu primeiro contato *in loco* no espaço da CASA MIGA, cheguei ao local por volta de 14h, fiquei sentado no chão, próximo a uma escada, aguardando as demais pessoas chegarem. Foi um evento aberto, divulgado pela Associação de Transvestis, Transsexuais e Transgêneros do Amazonas (ASSOTRAM). Aos poucos, muitas mulheres trans e travestis chegaram. Enquanto o evento não havia começado, sentado ali no chão, via aquelas pessoas conversarem sobre suas vidas ao longo das semanas em que não se viam. Camilla falava com entusiasmo dos cursos que havia feito e sobre sua vontade de realizar mais um curso de cuidadora de idosos.



Figura 6:

Encontro na CASA MIGA. Camilla ao lado esquerdo da imagem usando máscara facial azul. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Atento à sua conversa com suas amigas, pedi para me apresentar a elas, sem pretensão alguma, já que havia achado interessante suas interações. O evento começou por volta de 14h30 e foi até as 17h. Ao longo do evento, aquelas mulheres brincavam entre si, falando sobre seus siliconses, sobre seus cabelos e seus corpos. Lembro de ouvir a frase vinda de uma pessoa recém-chegada ao ambiente para Camilla: “*Mona, e esse cabelo aí? Quando vai fazer?*” (Diário de campo. Conversa de Camilla com uma amiga). Segundo a antropóloga Rafaela Cristina de Souza Queiroz (2019):

A estética negra sofre ataques racistas desde muito tempo, tais ações podem ser nocivas para a saúde emocional de muitas mulheres negras, que são afetadas da infância à fase adulta, resultando na luta da mulher negra para existir com seu pertencimento racial. Em geral, no Brasil, ter o cabelo natural crespo é ser alvo de comentários pejorativos, propagandas e piadas racistas. Historicamente foi criado todo um arsenal de argumentos e estratégias para que o negro alisasse seu cabelo crespo, pois se entende que cabelo bom é cabelo liso e alinhado. O cabelo crespo, de acordo com esta concepção, tem aspecto de sujo, grotesco, bagunçado, ruim, é considerado um cabelo desproporcional e fora de uma estética padrão ditada pelas grandes marcas de cosméticos, revistas e mídia em geral. (p. 214).

A frase entre solta entre suas iguais pode ter soado como um uma espécie de “brincadeira” entre suas iguais, entretanto, ao longo do percurso de campo, Camila narrou em entrevista gravada que o processo de aceitação de seu cabelo foi um processo demorado, de luta e de dor. Até se entender como mulher trans/travesti de cabelos cacheados envolveu um percurso doloroso de 5 (cinco) alisamentos consecutivos.

A internalização desse tipo de comportamento na vivência negra, como aponta Rafaela Cristina de Souza Queiroz (2019), é lidar com esse racismo sobre os cabelos desde muito cedo, ainda na escola, e se prolonga ao longo da vida, na adolescência, na fase adulta e na velhice. Estar adequado ao padrão de uma determinada organização capilar ou em outras palavras, estar “arrumado” (p. 219). A relação corpo-cabelo quando atravessado pelo marcador social da diferença gênero-raça, recai sobre a condição que Nilma Lino Gomes aponta sobre o resgate da identidade negra no Brasil:

Ao falarmos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. [...] O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (2003, p.2-3).

A introjeção da ideia brancocêntrica de cabelo “bom” e cabelo “ruim” é fruto de um racismo que perpassa o Brasil e que continua enraizado ainda no pensamento atual, que se dá a partir do momento em que povos de países africanos foram trazidos em condições de escravizados para trabalhados forçados, reforçando a ideia de que os negros eram inferiores aos brancos. À vista disso, compreendo racismo a partir do pensamento de Nilma Lino Gomes (2017) como práticas e reações de ódio “em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.” (p.52).

A autora ainda elucida que o racismo pode ser manifestado de duas formas: I) o racismo no aspecto individual, na ação de um sujeito para com um outro sujeito, que pode variar de atos e falas discriminatórias, que podem “atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos.” (GOMES, 2017, p. 52). Seguindo, II) O racismo no formato institucional se manifesta por meio de formas e práticas hostilizadoras que resultam em discriminação sistemática alimentada pelo Estado. Essas práticas discriminatórias podem ou não receber apoio direto das estruturas que compõem o Estado.

Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. [...] Manifestam-se também na mídia

(propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada (GOMES, 2005, p. 53).

A presunçosa crença na suposta superioridade de pessoas brancas retroalimenta o pensamento racista. De mesma forma, as práticas racistas em relação a pessoas de corpos negros no Brasil, como destacado por Nilma Lino Gomes. Essas práticas negam suas existências, vivências, identidades, culturas e experiências, colocando o corpo negro e racializado em uma posição subalternizada e marginalizada.

A falta de representação da pluralidade capilar faz com que muitas mulheres se sintam inferiorizadas e excluídas socialmente do convívio. O entrelaçamento da falta de representatividade e do racismo com o corpo de mulheres negras, racializadas e sua estética afeta não apenas o corpo, mas também a saúde emocional dessas mulheres (QUEIROZ, 2019, p. 218), desencadeando, assim, complexos de inferioridade, sofrimento psíquico como ansiedade e depressão, baixa autoestima e a negação da própria imagem.

Não se trata, exclusivamente, de uma escolha individual e de liberdade estética, mas também de noções de inferioridade e superioridade racial. É o racismo que cotidianamente inflige, em mulheres negras, a ideia de inferioridade de seus corpos, de sua raça e de sua cultura, causando-lhes danos psíquicos que merecem ampliada atenção, inclusive do ponto de vista dos direitos humanos. São danos que atingem a autoestima, interferem na construção identitária e oprimem muitas mulheres negras, que acabam optando pelo alisamento de seus cabelos para escapar de ataques racistas. (EUGÊNIA, 2021, p. 22).

Em meio à busca pela aceitação social e ao desejo de se encaixar no padrão estético imposto pela sociedade, especialmente às pessoas negras e racializadas, muitas mulheres acabam optando pelo alisamento capilar como forma de se aproximarem desse falso padrão de embranquecimento.

A visão de Camilla de passar a ser vista vai de encontro com o pensamento de Gomes (2002): “O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário” (p. 41). O cabelo, como colocado por Nilma Lino Gomes anteriormente, junto à narrativa de Camilla, demonstra que o corpo ocupa, fala e se situa em sua localização no mundo em sua própria forma de

ser e se manifestar. É o corpo que dá vida a essas diferenças e como são refletidas as percepções do mundo.

É o agenciamento da própria identidade a partir desse corpo-suporte, que permite que mulheres negras e racializadas possam demonstrar suas estéticas únicas por meio de seus penteados, uso de adornos, turbantes, perucas, apliques, *mega-hair's* etc.

Em outras conversas que tive com Camilla, sempre nas dependências de sua residência, ela me narrou sobre seu estilo de vida na Europa e como a sua percepção sobre estética, beleza e cuidados capilares sofreu influência a partir do estilo de vida das mulheres europeias.

3.2. Ser aceita: pequena história da identidade de um cabelo

Após conhecer Camilla na CASA MIGA em 2023 e trocarmos contato de telefone, passamos a nos falar por *WhatsApp*. Após algumas trocas de mensagens, perguntei a ela se havia a possibilidade de encontrá-la para uma entrevista presencialmente; sua resposta foi um sim e sugeriu sua casa, localizada na zona leste da cidade de Manaus, próximo ao terminal de ônibus T5.

O dia estabelecido para o encontro foi 24 de março de 2023 por volta de 16h. Segui com antecedência até sua residência. Chegando ao local, fiquei sentado próximo à residência, esperando o momento para nosso encontro. Após chegar à porta de sua casa, fui recepcionado por Camilla. Ela vestia um vestido tubinho de cor vermelha, nada nos pés, uma maquiagem composta por base facial, rímel e um batom de cor também vermelha, embora menos vibrante. Seus cabelos estavam arrumados em formato de um grande coque, onde era possível ver a curvatura de alguns de seus cachos que caíam nas bordas do penteado.

Ao me recepcionar, as primeiras palavras de Camilla foram: “*Oi, tudo bem, Matheus? Tu se perdeu pra chegar aqui? Aliás, não repara a bagunça da casa, hoje eu tô toda cagada, meu cabelo tá que tá!*” (56 anos). Ela confundiu meu nome naquele dia

várias vezes e, para deixá-la confortável para nossa conversa, sugeri que me chamasse da forma que lhe aprouvesse.

Ao entrar naquela casa, de fachada amarela, com portões de ferro e grades nas janelas, localizada na esquina entre duas ruas, ela me convidou para entrar e sentar-me à mesa. A residência possui dois cômodos internos; a porta de entrada fica localizada onde também funciona uma pequena cozinha, alguns armários de utensílios, uma pequena mesa de plástico e duas cadeiras também de plástico. Em um canto próximo a porta do quarto, tem uma outra pequena mesa de plástico adornada de velas e figuras religiosas. Anexado ao lado esquerdo da porta de entrada da residência, há um pequeno cômodo que servia outrora como uma pequena taberna, mas que já havia sido fechada. O motivo, dito a mim, foi a falta de tempo para gerir aquele estabelecimento. Ainda era possível ver alguns insumos, mas que agora serviriam para uso próprio.

Acima da mesa, há uma estante de madeira tipo MDF de cor preta, suspensa e com algumas prateleiras cheias de *souvenirs* comprados na Europa, algumas fotografias e, localizada ao centro, uma pequena coroa cravejada de cristais *Swarovski*. Ao longo da mesma parede, há vários acessórios pendurados em pequenos ganchos improvisados que servem para colocar alguns pedaços de penachos de alegorias de carnaval e, em um canto atrás da porta, uma série de crachás de eventos científicos. Depois descobri suas origens: ela constantemente é chamada para palestras sobre diversidade e inclusão de pessoas trans em setores da sociedade manauara.

Após beber um copo de água, perguntei como estava sendo o dia e, mais uma vez, ela tornou a me responder em um tom melancólico sobre a incerteza de como iria terminar aquele dia que já havia começado de uma forma não agradável. Nesse dia em questão, na parte da manhã, ela havia tido um “*arranca rabo com o vizinho fofoqueiro da esquina*” (56 anos). O motivo, segundo o que ela me narrou, seria a própria liberdade sexual de Camilla que estava gerando burburinhos entre seus vizinhos: “*esse povo não paga minhas contas, não me come e ainda querem falar de mim*” (56 anos).

E continuou a dizer que, no final daquele dia, possivelmente eu seria alvo de comentários e, posteriormente, sugeri que nós trocássemos de assunto: “*A vida desse povo não me interessa*” (56 anos).

Antes de darmos prosseguimento em nossa conversa, Camilla gentilmente perguntou se eu bebia cerveja e eu disse que sim. Então ela me perguntou se eu topava beber algumas latinhas com ela para o fluir da conversa. Aceitei e, então, ela levantou-se, foi até seu quarto, buscou um de seus cartões de crédito. Ao retornar, puxou uma cadeira, e pegou seu celular em suas mãos e abriu o aplicativo de seu banco, consultou seu saldo com certa dificuldade e me disse que recusa usar óculos: *“não tô velha ainda”* (56 anos).

Após a consulta ao aplicativo do banco, ela perguntou se eu poderia ir até uma pequena distribuidora de bebidas localizada 5 (cinco) casas após a sua e prontamente aceitei. Ela me disse que confiaria a mim a senha de seu cartão e para ter cuidado com o dono daquele lugar: *“Ele bota o valor mais alto e não dá a via pra ver”* (56 anos). Em minha volta, perguntei o motivo de não poder ir ao local. Além dos motivos anteriores relacionados aos burburinhos, ela me disse que seus cabelos não estavam *“legais”* e que *“ele tem vontade própria, só fica bom quando quer”* (56 anos).

Por se tratar de um dia quente na cidade, ela me convidou para entrarmos em seu quarto, o ar-condicionado havia deixado o ambiente mais agradável. O pequeno quarto não possui janela ou entrada para luz; ao fundo, no canto esquerdo, há um pequeno banheiro em que suas peças e azulejos são marrons. Ao lado do vaso sanitário, um balde para jogar água e, numa pequena prateleira, alguns produtos para lavar os cabelos e alguns tipos de sabonetes líquidos.

Ainda no espaço do quarto, a organização é simples: uma cama de casal ao lado esquerdo da porta, ao lado direito há uma estante de chão com prateleiras suspensas, similar à estante da cozinha, onde, em seu centro, possui uma TV; abaixo da TV, vários produtos, entre eles, cremes hidratantes corporais, esmaltes de unha, produtos capilares e algumas bebidas lacradas. Ao lado dessa estante, há um espaço reservado para suas roupas e suas malas. Essas últimas, segundo Camilla, *“estão sempre prontas, eu vivo viajando pra São Paulo”* (56 anos). E ao fundo do quarto, há uma arara de roupas e bolsas; as roupas arrumadas ali são fantasias carnavalescas, suas roupas de grife e suas bolsas também de grife. Além disso, nesse mesmo espaço ficam alocadas suas extensões capilares, perucas e acessórios de cabelo e cabeça.

Após apresentar seu quarto, Camilla sentou-se na beira da cama, encostada na parede, e pôs um pequeno travesseiro entre suas pernas. Então, voltamos a conversar após ser apresentado ao espaço do quarto. Logo no início, ela soltou seus cabelos para ficar mais confortável; seus cachos caíam sobre seus ombros, revelando um cabelo cacheado até a altura da nuca, bastante volumoso. Em sua cabeça, Camilla me mostrou algumas pequenas mechas de extensão capilar do tipo tic-tac, ou seja, que são presas ao couro cabeludo mais ou menos 1cm da raiz dos cabelos. Essas extensões são da mesma cor de seus fios naturais, castanhos escuros, e curvatura similar, mesclando-se bem aos seus fios.

Inicialmente, conversamos sobre assuntos alheios, o que encaminhou nossa conversa para assuntos relacionados à identidade por meio da recuperação dos fios naturais após anos de alisamento capilar. *“Esse é meu cabelo hoje em dia, mas não faz muito tempo que eu fiz a transição dele”* (56 anos). A transição capilar que Camilla se refere, é o processo do *big chop*²³, que ela me narrou como sendo uma das experiências mais transformadoras de sua vida.

Perguntei sobre o processo e ela me disse que o processo foi feito em meados de 2014, em seu regresso a Manaus, após viver uma temporada em países da Europa. *“Demorou um pouco para mim me aceitar com o cabelo enrolado. Sendo que eu amava, né? Meu cabelo enrolado, mas foi quando começou a surgir mais pessoas, né? Pessoas negras, que nem eu. Com o cabelo mais enrolado, né? Que não danificassem tanto o cabelo. E foi quando começou a surgir a onda de pessoas assumindo sua identidade de cabelo enrolado, foi quando eu disse não mais ao alisamento. E quando cresceu, fui ao salão, né? E cortei. E daí por diante, eu deixei o meu cabelo renascer, não é? Renascendo tudo novamente. Renascer em tudo novamente, a minha personalidade como pessoa”* (Camilla, 56 anos).

O salão que ela foi para fazer o processo é o de um amigo seu. Nesse processo de transformação, Camilla me disse que passou a usar com mais frequência perucas;

²³ O *big chop* é uma técnica de corte que remove os cabelos com química, substituindo-os pelo crescimento natural dos fios. Caracteriza-se como um corte radical que elimina totalmente as partes danificadas ou que sofreram química. Além de remover os fios quimicamente tratados, o *big chop* é uma mudança estética que representa um novo começo e um novo relacionamento com a beleza natural.

antes, os apliques eram apenas um acessório complementar à sua preparação para a noite. Enquanto segurava uma taça em sua mão esquerda com cerveja dentro, ela utilizava a mão direita para falar sobre o processo de mudança dos cabelos com química para os cabelos totalmente naturais. Era possível também notar seu olhar distante lembrando o momento. Em um instante, ela levantou, foi até a estante e me mostrou uma de suas fotos de cabelos lisos. Então, lhe perguntei se haviam registros fotográficos após o processo do corte capilar, e ela me disse que *“foi difícil pra mim depois não queria mais me olhar daí eu não tirava fotos”* (56 anos).

Antes de chegar ao processo de autoidentificação de seus próprios cabelos, Camilla passou por numerosos relaxamentos²⁴ capilares inicialmente e, posteriormente, por 5 (cinco) procedimentos de alisamento capilar. Esses procedimentos eram realizados semestralmente, a partir do momento que a raiz do cabelo voltava a crescer. Seus procedimentos eram feitos por um amigo cabeleireiro profissional em quem ela confiava.

De acordo com sua narrativa, esse amigo estava em uma situação de vulnerabilidade e, como forma de ajudá-lo, ela passou a fazer regularmente esses procedimentos químicos capilares. A cada 6 (seis) meses, conforme relatado por Camilla, era necessário fazer o retoque da raiz do cabelo para esconder os fios encaracolados que nasciam, mantendo-os constantemente lisos e alinhados.

O hábito de fazer relaxamento, segundo ela me disse em nossa conversa, surgiu a partir da necessidade de se encaixar no *“estilo das meninas da noite”* (56 anos) dos final dos anos 80 (oitenta) e ao longo dos anos 90 (noventa) na cidade de Manaus, São Paulo, Rio de Janeiro e em cidades de países europeus, locais esses que Camilla residiu. Outro momento importante para os cabelos, além da vaidade da maquiagem e das roupas, os cuidados com o cabelo deveriam ser redobrados, além de lisos, deveriam ser longos. *“E naquela época, eu me lembro que quem mais tinha um cabelo comprido... Época do Menudo, da época do... Chacrinha com o Bolinha”* (56 anos).

²⁴ O relaxamento capilar é uma técnica química que tem como finalidade deixar os fios de cabelo lisos, o procedimento é feito desde a raiz do bulbo. O relaxamento é utilizado como uma técnica para reduzir o volume dos fios, especialmente de cabelos crespos e cacheados.

Uma de suas influências da mídia nessa época, figura proeminente na TV aberta brasileira, era Roberta Close, modelo internacional conhecida por sua beleza. Camilla me disse que, alguns anos depois, na década de 1995, viria a conhecer Roberta pessoalmente em uma boate na cidade do Rio de Janeiro. Revelou, assim, que Roberta era o ideal de feminilidade trans naquele período: *“Todas queriam ser ela, né? Linda, magra, o cabelo belíssimo!”* (56 anos). Roberta ditava, portanto, um ideal de mulheridade e feminilidade.

Nesse mote, enquanto mulher trans/travesti e negra, na visão de Camilla, ser “aceitada” nos padrões sociais que circunscreviam a realidade daquelas mulheres, inclusive dela própria, o cabelo liso parecia ser uma necessidade. Esse processo estético capilar induzido pela ideia de que apenas o cabelo liso era o ideal para aqueles corpos, criou nela um “medo”, “receio” (56 anos) do próprio cabelo. Ser “aceitada” num padrão, na visão dela, alimentou nela o desejo de pertencer àquele grupo, incorporando, assim, os elementos da vida e da realidade das ruas e das meninas da noite.

A relação de aceitação no grupo de suas iguais, sendo Camilla, para pertencer à coletividade de meninas da noite, era preciso não apenas ser bonita e ter o estilo similar a elas, mas ser *“Aceitada... Assim, aceita num padrão de vários tipos de aspectos. Por exemplo, é..., a maioria das mulheres. É, antigamente, nós, negros, índios, usava..., a gente tinha um pouco de receio, né? Do cabelo, como falavam. Meu cabelo enrolado, ele veio ter força há pouco tempo, né? Então, a gente se sentia um pouco coagida, né? Porque o cabelo enrolado, então a gente não queria. A gente queria mostrar assim, entre aspas, que a gente também poderia ter o cabelo liso. Sendo que não era. Não nascemos de cabelo liso. A gente queria se adequar num padrão que não era nosso, simplesmente a gente se enganava, né?”* (Camilla, 56 anos).

Ela me contou que todo esse processo de inclusão dentro do grupo das meninas da noite, o processo de aceitação nesse grupo até a mudança dos cabelos lisos para os cabelos cacheados, foi reforçado principalmente pela falta de produtos na mídia e de figuras representativas: *“A gente só foi ver isso lá pra 2010, antes ninguém ligava pra isso do cabelo. Era tudo pra cabelo liso, né?”* (56 anos).

Camilla, em sua trajetória, buscou a ajuda de um de seus amigos cabeleireiros para passar por esse processo de aceitação. Segundo o relato dela, seu amigo realizou inicialmente um relaxamento capilar, seguido pelo alisamento com produtos à base de formol, permitindo-lhe temporariamente se adequar ao padrão estético visado pelas meninas da noite.

“Eu procurei um amigo, né? Que ele é cabeleireiro até hoje, um cabelereiro muito bom. Eu procurei ele. E, de fato, também, como ele queria dinheiro, não é? Que naquela época, era uma fortuna, era caro. Ainda continua caro ainda um pouco. Então, ele foi e fez um alisamento para mim, a primeira vez. Só que tem aquele porém também, né? Depois de uns 6 meses, começa a crescer de novo aqueles fiozinhos enroladinho, né? Onde que tem que fazer retoque, tudo de novo pra deixar o cabelo lisinho. Pra ficar naquele padrão que a gente, né? Achar que a gente poderia ser mais vista, né? De forma que a gente se engana, não é? Porque quando a gente assume a nossa própria identidade a gente passa a ser também vista, porque é diferente, é o que atrai..., é diferente que o povo ali se concentra em tudo, não é?” (Camilla, 56 anos).

O amigo que Camilla cita é o mesmo que a ajudou a fazer o processo de transição capilar em meados do ano de 2014. Assim, ao deixar de realizar a frequente rotina de alisamentos e relaxamentos capilares, além da economia sobre o investimento gasto para tal, Camilla passou a dedicar-se aos cuidados de seus cabelos naturais e destinou os valores anteriormente gastos em seus cabelos lisos para produtos dedicados para cabelos cacheados.

Após a decisão tomada sobre o retorno dos cabelos naturais em meados do ano de 2014, Camilla me narrou que apenas uma pergunta passava em sua cabeça por semanas até enfim firmar sua concretude:

“Ah! Pra mim foi assim... Aliás, mesmo quando eu quis assumir minha identidade, né? De cabelo cacheado. Eu ainda fiquei assim, sabe, pensando: aí meu Deus, será que é isso mesmo que eu quero, né? Porque sempre a gente fica naquela dúvida de tudo, né? Mas o cabelo foi crescendo, foi baixando, foi baixando, foi descendo, foi tomando a forma que ele tinha, né? A forma que ele, tipo, os cachos. Foi quando eu... É um processo, tudo na vida é um processo, não é? Que foi que nesse processo que eu fui me adaptando, entendeu? A minha personalidade, entende? Não, não é fácil. Mas, aí eu tinha que assumir um lado que eu não queria. No caso, justamente porque o que o povo falava, né? O povo dizia, que o outro te permitia apontar o dedo. Tu não se permitia fazer, porque teria que fazer sempre o que as pessoas querem. Não! Você tem que fazer o que você gosta e que você sente vontade” (56 anos).

Após me narrar sobre sua decisão, nossa conversa se direcionou, por vontade dela, para narrativas sobre a identidade e como ela está atrelada ao percurso da história do cabelo e todos os seus feitos, entre texturas, formas, tamanhos e sua apresentação. Busquei entender mais sobre isso, perguntei a ela como ela encarou esse processo na prática e quem a incentivou a essa busca. Uma das figuras que se destacam nas falas de Camilla é a atriz brasileira, negra e cacheada, Taís Araújo e a cantora norte-americana Beyoncé. Para ela, essas mulheres marcam não apenas o processo de entendimento de si e dos próprios cabelos, mas são exemplo de “*beleza*” (56 anos).

Ao citar Beyoncé, perguntei se, assim como a cantora, nesse processo ela fazia uso de outros recursos da tecnologia capilar, como dito anteriormente, em relação ao corte do cabelo, e se, em algum momento na transição capilar, ela chegou a usar em público os cabelo ainda curtos. Ela me disse: *“Não cheguei a usar. Ichi... cheguei a usar muita coisa na cabeça, né? Cheguei usar, aplique, os apliques enrolados. Né? Às vezes usava liso também. Então eu cheguei a usar muito, muito, aplique assim, sabe? Até hoje ainda uso, né? Mas é... cheguei a usar bastante aplique, perucas também. Gostava muito, até hoje ainda gosto, não é? Principalmente quando é aquelas perucas cheias, cheias de cachos, né? Eu fico louca. Fico doida. Eu piro minha cabeça”* (56 anos).

Quando terminou de falar sobre os apliques e perucas, ela levantou-se e foi até o canto do quarto onde ficam suas perucas, apliques e acessórios e me mostrou algumas dentro de uma de suas malas de viagens, como ela havia me dito, de cores diversas, curvaturas que variam entre o liso ondulado e o cacheado, e de produções distintas, umas sendo de material sintético e algumas mechas de cabelo natural.

Dada a quantidade de mechas, por volta de 15 (quinze) ou mais, fiquei curioso em saber como ela fazia o uso desses apliques, se o processo era feito sozinha ou com a ajuda de outras pessoas, como o seu amigo cabeleireiro. Ela me disse que não; além de já comprar o material finalizado, ela mesma faz o processo de aplicação em sua própria residência, revelando que foi vendo suas amigas fazendo entre si na preparação para a noite que passou a entender a própria cabeça.

“Eu já compro pronto as perucas. É tipo os aplique, né? Eu mesmo coloco. Porque como eu aprendi olhando as meninas da noite a colocar, né? Os apliques. Os apliques são aquela coisa que você amarra o cabelo, né? Você faz um cocó ali, desse cocó, você pega, coloca o aplique. Muitas das vezes, o aplique já vem com um adaptador, tipo uma presilha na cabeça. Então adaptava e colocava o aplique. Porque tem o aplique, tipo rabo de cavalo e tem aqueles apliques tique-taque, aquelas presilhazinhas que

“você vai adaptando na cabeça. Vai colocando na cabeça, de peça por peça, até encher a cabeça toda. Então era uma coisa que eu colocava e tirava ao mesmo tempo, a hora que eu quisesse lavar o cabelo no dia lá, desprendia a presilha e ficava normal, entendeu? Pro cabelo respirar, entendeu? Porque eu nunca gostei muito daqueles aplicques que é feito, tipo assim, trançado, com cola, amarrado. Nunca gostei porque aquele sufoca o cabelo. Então sempre gostei embutido que você tira e coloca, ou então do tique-taque, aquelas presilhas, porque você pega a hora que você quiser tirar, dormir, dá para respirar o cabelo. Dá para viver o cabelo bem melhor do que você está ali, com uma coisa que está te deixando bonita, mas em compensação, o cabelo não está respirando. É bem mais prático o aplique, entendeu? principalmente quando o cabelo tá muito... não tá com cachos 100 por cento. Tá aquele cacho meio rebelde que às vezes a gente acorda e o cacho às vezes tá rebelde. Ele não fala do jeito que você quer. Ah! não tá do jeito que eu quero, então tá! Então você hoje vai pro aplique! Ai você coloca o aplique pra ficar parecido com a sua adequação, né?” (56 anos).

Essa relação de aprendizado também se estende para uma outra relação com outras amigas: o de ensinar a colocar em si própria os aplicques. Ela me disse que, quando uma amiga sua não tem muita prática ou conhecimento de como fazer sozinha, ela ensina passo a passo o processo. Ainda em pé, ela me mostrou como era feito. Em primeiro lugar é preciso delimitar a área a ser colocado o aplique; após a determinação, é preciso que penteie os fios e se faça o desembaraço dos mesmos.

Ela então separou rapidamente uma parte que compreende mais ou menos um palmo da nuca, onde inicia o cabelo. Após determinar essa medição, ela me disse que é preciso separar as mechas do cabelo que irão receber essas acoplagens; as mechas que não serão utilizadas devem ficar em coque para que não atrapalhe o processo. Ela então pegou uma fina mecha entre o dedo indicador eo dedo médio e deslizou entre esses dedos até a raiz e esticou até as pontas para ver o comprimento, após ter a certeza, ela me disse que, dependendo do material utilizado e as finalidades de terminação, seja presilha, tique-taque, ou outras formas, deve ser aplicado rente à raiz, mas que não pegue nela totalmente para não danificar a raiz do fio. Após a aplicação total, espera-se que a impressão de frente e de costa seja um cabelo volumoso e cheio de fios, mas há que se atentar para esconder bem os mecanismo que seguram as mechas próximo à raiz, para então ter o efeito de naturalidade dos fios.

“Às vezes elas não sabe também colocar aplique e vou lá e eu ensino a colocar ele, é assim. É que nem os cílios têm meninas que às vezes me procuram: ‘ai amiga, eu sinto maior vontade de usar os cílios, mas não sei colocar’. Eu vou lá e digo, olha assim, assim, tudo é um é questão de paciência. Então, aí as minhas amigas, vem. Às vezes: ‘amiga, tu tem um aplique, alguma peruca que tu possa me emprestar pra mim usar só que eu não sei colocar. Você pode colocar em mim?’ Ai eu digo: ‘sem problema algum, vem aqui pra casa.’ E aí eu pego, elas vêm um pouco antes, daí a gente coloca o aplique nelas, né? Amarra o cabelo delas. Se não tiver cabelo, a gente coloca com grampo, né? Haja grampo porque tem que ser muito grampo para segurar, né? Com fita esparadrapo pra segurar e vai metendo o grampo até... ficar bem segura na cabeça, né?” (56 anos).

Após guardar as mechas, ela sentou-se novamente. Ainda no escopo da relação dos apliques, ficou evidente em seu discurso que, além dos modos de ensino e aprendizagem, a relação dos cuidados e embelezamento dos cabelos demonstram relações de sociabilização entre ela e suas amigas, especialmente em dias de festas ou apresentações pela cidade. Não apenas as suas amigas a procuram para tal; amigos homens, e como ela me disse: *“a maioria é homossexual”* (56 anos) também a procuram. *“Amigos meus que dançam quadrilha, faz show, disputa em concurso de Carnaval, né? Que nem eu, então. É isso, entendeu? A gente aprende, tem que... ‘ai, amiga, é tipo, eu quero vestir essa roupa aqui que é tua, mas aí tem tudo. Tem muita educação, aí tem como se educar... ai! É maior coisa! (56 anos).*

O apego a seus cabelos e o cuidado parecia evidente em sua forma de falar e em sua fisionomia facial. Tornamos a conversar sobre a relação da identidade e da identidade do cabelo, como a relação da sua mocidade com o cabelo mudou com o passar do tempo, assim como o desejo de não mais se encaixar e ser *aceitada* no padrão anteriormente citado por ela. Perguntei a ela se suas amigas, as meninas da noite, as mesmas que anteriormente a aceitaram, tinham divergências hodiernamente com sua escolha capilar, segundo ela:

“Eu, pelo menos, eu não vejo, né? Mas a gente vê assim alguns olhares. Só que a gente nem sabe se aquele olhar é olhar de: ‘ai! teu o cabelo bonito ou muitas das vezes é elogio’, entendeu? Porque agora é uma febre, né? Cabelo, cabelo cacheado, né? Agora é uma febre, todo mundo quer, né, realmente botar pra fora seus cabelos, a sua origem, seu cabelo enrolado, né? Mas, assim eu não vejo preconceito não. Como antigamente, não. Hoje em dia é bem mais aceito, né? É bem mais. É bem mais prático, é bem mais visto, né? A gente vê pessoas com cabelo cacheado e o que mais a gente já tem, né? Antigamente, não. Antigamente o povo entrava no padrão. Hoje em dia, não, o povo já quebrou aquele padrão de

tudo, né? Então, o que a gente mais vê são pessoas, não só negras, né? Usando o cabelo, a sua própria identidade. Eu quero mostrar minha identidade, quem eu sou e não tô nem aí pros outros, entendeu? Eu faço por mim, é saúde. Seu cabelo não deixa de fazer parte também da sua saúde, porque ele tá do seu corpo, né? Ele tá acima da sua cabeça, né? Então o preconceito eu não vejo muito” (56 anos).

Nossa conversa passou a ser interrompida por uma notícia na TV; uma tragédia ocorrida na cidade de São Paulo no noticiário chamou sua atenção. Ela se levantou e ficou bem próxima da tela, olhando atentamente o título da matéria. Ela me disse que conhecia o bairro citado no noticiário, o centro, e que já havia andado à noite nas ruas próximas. Após o término da notícia, ela pareceu ficar pensativa e com a mão esquerda apoiada sobre o toráx e a direita sobre a esquerda, ela me disse olhando pra tevê que viver em São Paulo *“é pra quem quer e aguenta a onda, entendeu? Ali todo dia um malandro e um otário sai de casa” (56 anos).*

Já eram aproximadamente 19h quando nossa conversa passou a ganhar um novo rumo após o noticiário. Conversamos ainda sobre alguns crimes ocorridos em Manaus enquanto tomávamos algumas cervejas, ela em sua taça de vidro e eu também em uma taça similar. Após algum tempo, ela pediu minha ajuda para revisar seus dados de pré-check-in de viagem que iria ocorrer dali alguns dias em direção a São Paulo.

Ela cuidadosamente pedia para que eu lesse calmamente e lhe explicasse o que era cada item exigido no formulário eletrônico da companhia aérea. Enquanto eu conferia seus dados, ela me contou algumas de suas memórias de viagens para a Europa. Ela me disse que: *“Era assim, a cafetina comprava as passagens, né? Daí tu já sabe... uma dívida que não acaba. Por exemplo, se eu queria ir pra Itália mas era mais barato tu ir pra França. Como era mais barato, né? O que ela fazia, ela comprava a passagem cheia de paradas em vários lugares e as meninas iam descendo pra onde iam. Ela pegava e falava ‘tu não despacha a mala, quando chegar no país tu desce e passa direto*

da imigração' era assim que nós fazia, entendeu? Por que muitas meninas são deportadas quando desembarcam" (56 anos).

Ela me disse que fez esses trajetos em pontes aéreas diversas vezes. Quando não dava certo, ela tinha que regressar do país de destino final de trem. Curioso sobre como ocorria a deportação se caso elas fossem pegadas, perguntei se ela já havia passado por essa situação alguma vez e ela me disse que apenas uma vez quase foi pega tentando entrar na Suíça via trem: *"Eu só fui quase uma vez e ainda foi tentando entrar na Suíça que eu nem sabia onde era porque a bicha lá mandou eu levar uns banho e umas velas pra uma outra bicha lá" (56 anos).*

No episódio narrado por Camilla, ocorreu entre Paris, na França, e Genebra, na Suíça. Após desembarcar em Paris em uma das viagens escalonadas em vários países, ela seguiu para Genebra de trem e, ao chegar na fronteira entre a França e a Suíça, Camilla foi barrada de entrar no país por portar objetos não autorizados, citados acima, devido à falta de rotulagem nas embalagens que marcam a origem, procedência, modos de uso e validade do insumos. Ela me disse que, para entrar no país, ela *"ficou fazendo hora" (56 anos)* e foi nesse tempo que ela se arrumou para então tentar novamente o processo de passagem. Foi nesse processo que ela conheceu um dos guardas e utilizou de seus dotes de beleza e sedução. Assim, ela me contou que conseguiu atravessar a fronteira com os objetos.

No ato de fazer hora ali na estação na fronteira, segundo ela me narrou, ela foi para o banheiro, arrumou-se toda, maquiou-se e esperou a troca de turno da guarda para então novamente tentar sua passagem, por fim, logrando êxito. Na Suíça, ela me disse que morou com outras mulheres que vivem da prostituição, mas não por muito tempo, até ser direcionada para Milão na Itália, qual me disse ser um reduto *"pra se fazer na noite! Em Milano as monas se fazem, né? Muito homem e mulher bonita" (56 anos)* revelando a mim que, além de Milão e Genebra, as cidades de Madri, na Espanha, e Paris, na França, também possuem um alto fluxo recorrente de mulheres em situação de tráfico sexual ou que buscam crescer e *"se fazer na Europa" (56 anos).*

Vi algumas de suas fotos neste período que compreende a década de 1990 e 2015, onde ela fez muitas viagens. Ali na nossa conversa, ela me mostrou um de seus

passaportes e orgulhava-se em seu modo de falar sobre todos os destinos conhecidos. As fotos ficavam nas prateleiras suspensas onde fica a TV. Eu me aproximei dessa estante junto com Camilla e, a cada foto, ela me contou uma pequena história ou curiosidades sobre o local.

Após conversarmos sobre essas viagens, ela me chamou para ver suas memórias físicas desses locais: seus *souvenirs*. Seguimos para a parte onde funciona sua sala e sua cozinha, para vermos sua estante. Ela me mostrou um a um, mas entre eles, me chamou a atenção, um acessório de cabeça, uma pequena coroa cravejada de cristais brilhantes. Perguntei se se tratava de algum presente comprado fora do país, e ela me disse que se tratava de sua coroa utilizada no desfile de carnaval daquele ano, ela desfilou especificamente como a rainha gay do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba A Grande Família, tradicional escola de samba do grupo de escolas especiais de Manaus, onde sua sede é localizada na Zona Leste da cidade, próximo à sua residência.

3.3. Uma coroa, uma faixa: no carnaval ela é rainha da diversidade

Em sua casa, é possível ver acessórios utilizados em lugares de destaque em sua sala de estar, que também funciona como sua cozinha. Na estante, ela coloca sua coroa mais recente, utilizada na passarela do sambódromo de Manaus, em um lugar de destaque, e em outra prateleira, outros acessórios de cabeça utilizados em suas performances da escola. As penas, plumas e trajes festivos estão dispostos especificamente em um canto de seu quarto, junto a bolsas de luxo compradas em suas estadias na Europa.

Perguntei se o título não a incomodava; para ela, não, já que o público aclama “*como rainha da diversidade da escola*” (56 anos) e sempre é convidada em eventos da agremiação para fazer performances. Sobre a titulação, Camilla me contou que a escola, por ser tradicional, ainda não tem uma visão ampliada das noções de gênero e suas representatividades, mas que busca ser inclusiva e manter constante contato com a comunidade LGBT.

Ela me contou, mostrando outros objetos de cabeça com plumas e penas, que ganhou destaque no espaço cultural da escola a partir do momento que começou a frequentar as rodas de samba, festejos, feijoadas, entre outros eventos promovidos pela agremiação. Ali, além de desfilarem no sambódromo de Manaus, ela também faz performances na quadra da escola aos domingos, isso quando está em Manaus. Já em São Paulo, ela me contou que está buscando entrar em alguma agremiação paulistana, mas que ainda não decidiu. As imagens abaixo trazem alguns elementos incrementados por Camilla em suas performances.



Figura 7

Legenda: Coroa de Camilla.
(Crédito: Acervo Pessoal, 2023).



Figura 8

Legenda: Acessório de Cabeça.
(Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Em certa medida, o cabelo e suas manipulações, bem como outros elementos incorporados ao corpo, como os cuidados estéticos, a maquiagem, a feitura das unhas, têm um impacto em seus comportamentos sociais e consigo. Os pelos faciais são vistos como problema na construção e demonstração do gênero e sua expressão, a expressão da feminilidade e da mulheridade, uma vez que esses pelos, como a barba, que Camilla

chama de “*chuchu*”²⁵ (56 anos), são expressões que remetem à masculinidade. O “*não tá feminina o suficiente*” (Tiffany, 23 anos).

Segundo o antropólogo Marcos Benedetti, em seu trabalho etnográfico desenvolvido no estado do Rio Grande do Sul com grupos de mulheres trans e travestis sobre a construção de seus corpos e seus gêneros, explica que:

É certo que a produção do rosto é, de todo o processo de “*montagem*”, a parte que leva mais tempo, sendo realizada com atenção redobrada. A maquiagem, como todos os produtos, macetes e técnicas, é um fator importantíssimo no processo de construção da corporalidade e do gênero (2005, p. 58, grifo do autor).

Montar-se, do ponto de vista de Camilla, é, então, o processo de produzir-se o mais feminina possível, aplicando técnicas e procedimentos para a eliminação total dos pelos corporais. Enquanto estive com Camilla e Tiffany, o processo que pude presenciar foi o de uso recorrente de barbeadores comuns utilizados pelo menos uma vez ao dia. E não apenas na face, mas nos braços e também nas pernas, partes essas expostas com frequência. No caso de Camilla, ter em mãos ou na bolsa uma pinça para retirar pelos localizados na barba e fazer as sobrancelhas, é um objeto que sempre se faz presente.

Outras duas práticas empregadas pelas interlocutoras desta pesquisa são os métodos com efeito permanente, como o *laser*, e a aplicação de cera depilatória, que tem efeito duradouro, mas não permanente. A remoção permanente pelo *laser* consiste em um procedimento fotovoltaico com emissão de feixes de luzes que são capazes de penetrar na camada da pele onde está alojado o bulbo do folículo piloso (nome tanto científico quanto técnico dos pelos, recorrente no campo da Dermatologia e da Tricologia; eles se diferenciam dos cabelos a partir da sua densidade e disposição na derme), em que a luz emitida danifica sua raiz e, por conseguinte, a haste do pelo, fazendo não mais nascer pêlo algum na região. Sendo esse um procedimento economicamente mais caro que métodos comuns de depilação, como o uso de barbeadores e giletes.

²⁵ Chuchu é uma expressão recorrente no dialeto Pajubá é descrito como “barba malfeita” ou “os pelos durante a noite de montagem”. Para mais: VIP, Angelo; LIBI, Fred. Aurélia, a dicionária da línguaafiada. São Paulo (SP): Editora do Bispo, 2006.

Enquanto o uso da cera depilatória, por se tratar de um método economicamente mais barato, é com frequência utilizado por Camilla para lidar com o pelos de algumas partes do corpo. Seu efeito duradouro, mas não permanente, exige frequentemente sua manutenção. Assim, Camilla dedica, como disse ela: *“pelo menos uma vez no mês me depilo toda, lisinha pra usar meus cremes que eu trago de São Paulo”* (56 anos). Desse modo, a empreitada da eliminação dos pelos cruza com a realidade de outras mulheres trans e travestis, como aponta Marcos Benedetti:

Os pêlos, portanto, são considerados um obstáculo constante na fabricação/construção do corpo travesti [...] Assim, várias técnicas são desenvolvidas e acionadas para diminuir o ciclo de produção de pêlos pelo organismo e eliminá-lo sem que o processo prejudique ou produza efeitos indesejáveis na textura da pele, que precisa ser macia e lisa. (2008, p. 58-59).

Outro método empregado para amenizar os pêlos corporais é descolorir com o uso de pó descolorante e água oxigenada de volume 30. O objetivo do uso do descolorante é torná-los menos visíveis. A aplicação desse método acaba por ser uma alternativa empregada por Tiffany e Camilla. Para Tiffany, quando suas economias mensais não podem proporcionar-lhe o custeamento de depilação com cera, ela recorre a esse recurso. Aos finais de semana ela sobe na laje de sua casa para pegar *“um bronze”* para não ficar *“pálida”* (23 anos), como ela mesmo narra. Ainda na laje, o bronzeamento corporal proporciona a ela a *“marquinha do biquíni que os boys gostam”* (23 anos).

De outro modo, Camila vê no bronzeamento uma forma de deixá-la atraente sexualmente também. Segundo ela, *“os homens que eu saio gostam”* e que eles *“preferem as morenas com marquinha”* (56 anos), além de ser propício para desfilar na passarela do sambódromo. Outro fator que Camilla julga importante para fazer o bronzeamento, diz respeito a sua participação no carnaval.

Após me contar esses detalhes, ela me perguntou se eu gostaria de ver sua faixa de rainha da diversidade da agremiação, elemento esse que ela guarda com carinho e cuidado. Então, ela me falou: *“Tira uma foto minha usando ela, que tu acha?”* (56

anos). Eu lhe falei que seria uma ótima ideia. Então, ela entrou no quarto, me dizendo que era para eu esperar 5 (cinco) minutos para trocar de roupa e colocar a faixa.

Assim, tendo feito o que disse, ela me chamou para adentrar ao quarto. Ela estava vestindo um vestido claro com pérolas ao longo de toda sua forma: “*esse vestido eu usei na preparação pra desfilarmos, né?*” (56 anos). Segurava um espelho de moldura cor laranja na mão esquerda e, na mão direita, ela segurava uma pequena pinça utilizada para fazer *design* de sobrancelhas, retirando alguns pelos de seu queixo, o *chuchu*. Enquanto fazia o *chuchu*, ela me disse que tinha muitos *looks*. Então, perguntei se ela tinha o *look* utilizado no desfile. Ela terminou a ação com o espelho e a pinça, e, entre suas peças, procurou o *collant* bege com pérolas cravejadas, cristais e detalhes em renda vermelha e uma grande fenda ao centro.



Figura 9

Legenda: Camilla e sua faixa de rainha da diversidade. (Crédito: Acervo Pessoal, 2023).

Ela me disse que por ser “*um look com pouco pano, daí eu faço uma boa maquiagem, né? Pra destacar e faço um mega penteado, tipo, eu boto rabo de cavalo liso pra coroa aparecer mais, né? Por que tem uma gente transfóbica, gente que não presta atenção na faixa aí eu vou lá e falo: ‘Ei, eu sou rainha da diversidade! Pra saberem quem sou eu!’*” (56 anos).

Na esteira do término de minha conversa com ela nesse dia, ela me convidou para ir a um evento promovido pela escola no Complexo Viário Bola do Produtor (Rei Pelé). Um amigo seu a convidou para apresentar uma performance de samba em uma aula de zumba gratuita oferecida sempre aos fins de semana para a população do bairro Jorge Teixeira na zona leste da cidade.

Por conta do horário, tive que me despedir de Camilla. Ainda naquela noite, ela tinha um encontro casual marcado com um de seus clientes fixos. Ela me levou até a rua; agradei pela conversa e me despedi dela. No outro dia, às 18h, a encontrei no evento para sua performance. Ela usava o mesmo modo de cabelo em um penteado *black power*. Ela calçava salto alto e um vestido estilo tubinho vermelho, com alguns detalhes, e punha sua faixa sobre seu ombro, que recobria seu colo.

Nos olhos, uma maquiagem inspirada nas cores da escola, unhas pintadas da cor vermelha, nas mãos e nos pés. Lá, ela encontrou seu amigo. Assim como acompanhei Tiffany, observei a uma certa distância de mais ou menos 2 (dois) metros, buscando perceber o comportamento das pessoas ali presentes no ambiente em relação a ela, os olhares e comentários.

Por ser em uma rotatória muito movimentada da cidade, não havia palco. A organização do espaço contava com algumas barracas que vendiam comida. Ao centro da rotatória, havia um espaço delimitado para o público praticar a zumba. Ao redor da rotatória, era possível ver todo o fluxo daquele lugar: o comércio a pleno vapor, pessoas praticando exercícios diversos, flexões de braço, calistenia, caminhada e corrida.

A zumba começou por volta de 18h30, Camilla entrou para sua apresentação por volta de 19h. O enredo musical era o da escola de samba que ela representa e que

promoveu aquele evento. O material visual e fotográfico daquela apresentação, por conta de uma infeliz fatalidade particular, foi perdido. Sua apresentação durou cerca de 10 minutos, ao fim, palmas. Após os aplausos, o professor de zumba promoveu um discurso de inclusão e diversidade de gênero e sexualidade.

Como uma pessoa experiente na arte da comunicação sobre o tema e por ser uma militante transativista, ela discursou contra a transfobia na cidade e o respeito à comunidade LGBTQIA+, um discurso de mais ou menos 10 (dez) minutos do professor e mais 7 (sete) de Camilla. Após essa apresentação total, reencontrei Camilla, feliz, sorridente e satisfeita de mais um trabalho concluído com sucesso, conforme o esperado. A imagem abaixo, mostra mulheres da ASSOTRAM, incluindo Camilla, na militância pelos direitos trans no Amazonas.



Figura 10

Legenda: As meninas da ASSOTRAM. Camilla sentada na faixa azul da bandeira ao lado direito. (Crédito: ASSOTRAM via Facebook, janeiro de 2023).

Nós nos dirigimos para uma das barracas ali armadas. Sua estrutura era simples, uma senhora a atendeu. Seu amigo nos acompanhava. Após comprar três latinhas de cerveja, nos deslocamos para um outro espaço para ouvirmos a música tocando e observarmos as pessoas praticando a zumba. Ao longo do caminho, Camilla falava sobre os homens que lhe chamavam a atenção. Ela me disse ainda que existe uma coisa essencial para um homem agradar visualmente, além do corpo: “*as unhas bem feitas*”. “*Eu gosto muito de estar com as minhas unhas pintada, né? Hoje em dia, eu praticamente eu gosto mais de estar com as unhas postiças, né? Eu gosto muito de estar sempre com as unhas bem-feitas. Mas eu gosto mais é a do pé, né? Do que a da mão*” (56 anos).

Perguntei se havia algum motivo específico e se era um fator determinante para suas escolhas amorosas, e ela me disse: “*Eu acho que... não sei, eu acho é fetiche, né, que tem aquela coisa de olhar e gostar de fetiche de pé, né? Eu não sei, aquilo..., mas coloca o saltinho fica mais bonitinho, né? A unha até gosto, né? Mas, eu gosto mais do pé, não sei por quê. Uma unha do pé bem-feita me atrai, entendeu? Me atrai a unha bem-feitinha, bem bonitinha, entendeu? Eu reparo muito também na do homem: ‘Olha ele é bem cuidadoso, né? A unha dele é bem-feitinha.’ Eu dou uma olhadinha. Vou ali e: ‘Olha, a unha dele, bem feitinha, esmaltada com incolor, né?’*” (56 anos).

Comecei a notar que algumas pessoas começaram a se aproximar de onde estávamos, ao lado daquela pequena barraca de estrutura metálica já enferrujada em algumas parte, recoberta de uma lona azul e com diversas garrafas de bebidas expostas, acima das garrafas, frutas como abacaxi, morangos, bananas... Para a elaboração de *drinks* chamados de batida que consistem, geralmente, na mistura de frutas *in natura* com suco em pó, embebido por *vodka* ou cachaça, tendo um teor alcoólico elevado.

Algumas mulheres, já senhoras, após aproximarem-se pediram para tirar fotos com Camilla. Ela me disse, depois dessa ação, que costuma tirar fotos com pessoas que a assistem. No carnaval de 2023, me contou que muitas pessoas a procuraram, não apenas para tirar fotos, mas para lhe apresentar propostas de trabalho, algo que para ela é sempre bem vindo.

Pude notar também que, nas fotos que ela tirava com essas mulheres, ela pedia para que não tocassem em seu cabelo, mas que o admirassem. Ela me disse que, ocasionalmente, quando pedem para tirar foto com ela, sempre perguntam se seu cabelo é natural e colocam a mão nele, algo que lhe desagradava e a faz sentir violada sobre seu corpo: “*cabelo cacheado a gente só olha, tipo, imagina o trabalho que a pessoa que que arrumo teve? E vem uns querido desse e meter a mãozona? Eu falo logo na cara, comigo é assim, entendeu? Eu sou bastante... Eu sempre gostei de me posicionar em tudo. Eu nunca fui de deixar as pessoas muito querer botar... dizer o que eu tenho que fazer, né? Eu sempre me posicionei, eu sempre gostei de ter a minha palavra.*” (56 anos).

Ela me disse que age como uma onça caso alguém toque em seu cabelo ou desarrume seu penteado, uma vez que ele, além de ser seu companheiro de todas as horas, do apreço que tem por ele e todo o cuidado, também é uma de suas ferramentas de trabalho, de colocação no mundo, de reverência à ancestralidade e, principalmente, de sua identidade. Dotado de experiências, modificações e conhecimento. Assim, ela faz acima de sua cabeça a realidade acontecer, em meio a capilaridade dos fios, Camilla se demonstra, revelando uma forte conexão com esses mágicos fios.

Por volta de 20h30, precisei me despedir de Camilla, afinal, o bairro em que estávamos era um dos bairros mais distantes da cidade. Ela me disse que teria um *after* para ir mais tarde naquela mesma noite, uma festa privada com alguns amigos antes e que não teria hora para voltar. Me despedi de seu amigo e dela, abraçamos e pedi para que ela me mantivesse informado sobre sua segurança na noite. Ela me disse que manteria contato regular via *WhatsApp*. Por fim, ela me chamou para ir a uma outra socialização entre amigas no sábado da semana seguinte, com suas amigas Joyce, Leleca e o marido de Joyce no bairro Ponta Negra, na zona oeste da cidade, em um apartamento de luxo atrás do *Shopping Ponta Negra*. O motivo do festejo foi o regresso de Joyce para Manaus, recém-chegada de Genebra, na Suíça.

3.4. Indo para a *privê* das monas: uma noite de babados

No dia 31 de março, por volta de 15h, Camilla me ligou informando que, na manhã daquele mesmo dia, Joyce, sua amiga de longa data, havia chegado à cidade. Joyce, é uma mulher trans de 50 (cinquenta) anos, “*toda feita na Europa*” (Camilla, 56 anos). Companheira de Camilla desde seus 11 (onze) anos, ela pediu que eu vestisse ótimas roupas, já que se tratava de uma amiga especial. De modo semelhante, pude acompanhar o processo de produção dela. Uma outra amiga sua, também de longa data, Leleca, uma travesti de 45 (quarenta e cinco) anos, estaria presente para recepcionar Joyce em seu retorno. Camilla me perguntou se queria acompanhá-la em sua casa para que, depois, chamássemos um aplicativo de mobilidade urbana para seguir para o local. Logo aceitei e pedi as instruções do *dress code* daquela noite.

Ela me disse que estava de saída naquele momento e que me avisaria assim que voltasse para sua casa. Sua saída tinha um motivo: a falta de uma determinada *vodka* produzida na Polônia que Joyce adora, mas não vende nos supermercados próximos à sua casa; é apenas achada na seção de *Duty-Free* do Aeroporto Internacional de Manaus. Ela me disse na ligação que Joyce é “*uma mona feita na Europa; ela só bebe vodka importada e água com gás*” (56 anos).

Após me falar o necessário ao longo da ligação, ela voltou a me ligar algumas horas depois, confirmando o momento para eu ir até sua casa e que Leleca já estava a caminho. Busquei vestir roupas sóbrias de cor preta, conforme solicitado por Camilla. Fui para sua casa e cheguei lá por volta de 17h; ela me recebeu em e pediu para eu entrar. Ainda não havia vestido suas roupas para a ocasião; na verdade, ela estava apenas utilizando uma toalha de banho de cor branca, já havia tomado banho. Nos direcionamos para seu quarto e lá pude ver em sua cama a roupa escolhida para aquele dia: um salto alto de cor clara em tiras e um vestido estilo tubinho colado ao corpo.

Após a recepção, ela se direcionou para fazer a “*aquecimento da neca pra mala não marcar no vestido*” (56 anos) no banheiro. Não pude acompanhar visualmente o processo, por se tratar de uma técnica, muitas das vezes, feita de modo privado na

individualidade de cada indivíduo. Enquanto apenas ouvia o barulho das fitas, perguntei quem mais iria nos acompanhar para a festa que iríamos; ela me disse que o marido de Joyce e Leleca, sua amiga, que iria, já estava a caminho de sua casa para irmos juntos.

Após aproximadamente 15 (quinze) minutos, ela surgiu fora do banheiro já vestida, ajustando a altura do vestido na altura de sua coxa. Foi até a estante de seu quarto, pegou um pequeno espelho de bordas plásticas laranja e olhou; o volume da sua região íntima havia sido suavizado com a técnica de aquendar. Conversamos sobre como havia sido o dia; ela me disse que havia ido com Joyce até ao aeroporto para comprar a *vodka* à qual ela gosta, alguns aperitivos e água com gás.

Após mais ou menos 30 (trinta) minutos passados desde minha chegada, Leleca chegou à residência. Ela surgiu à porta e foi recepcionada por Camilla; ela vestia uma camisa de mangas curta e lantejoulas pretas, uma calça *legging* justa cor creme, uma sandália estilo plataforma também cor creme e uma bolsa colocada abaixo do braço esquerdo com sua alça sobre o ombro. Seu cabelo era curto, abaixo, mais ou menos 3 (três) dedos do lóbulo auricular; no rosto, um óculos de lentes escuras. Ela entrou na casa e disse a Camilla: “*E ai, bicha? ainda não tá pronta, mana?*” (Leleca, 45 anos). Camilla então abraçou e pediu para que entrasse e se direcionasse para o quarto. Lá, ela me apresentou como seu amigo para Leleca e a disse que eu iria acompanhá-las; ali, fui apresentado como profissional da antropologia, mas como amigo também.

Após ser apresentado, fiquei observando sua interação, Leleca sentou-se à beira da cama, frente à porta do banheiro, enquanto Camilla ficou em pé, virada de costa para sua TV, com o espelho em uma mão e uma pinça de fazer sobrancelhas na outra. Repetiu o ato que eu já havia visto em outro momento em sua casa, a técnica de tirar o *chuchu*. Enquanto fazia o *chuchu*, perguntei a ela se ela se importava de me dizer como fazia a *aquendação*; para ela, não se tratava de nenhum problema.

Ela me narrou que hoje é mais comum encontrar calcinhas destinadas para *aquendação* e que é mais prático, mas que a prática em si requer paciência, frequência e treino com fitas plásticas tipo abrasivas ou com esparadrapos. “*Assim, eu prefiro já deixar as fitas separadas, né? Mais prático. Tipo, eu pego e corto desse tamanho mais ou menos, depois eu deixo tudo colado numa prateleira ou em qualquer lugar que não*

bate vento pra usar um por um. Tu vai pegar teu pipiu e os babadinhos e vai botar pra trás e segurar com uma mão e com a outra vai colar uma ponta da fita na frente e vai puxar pra trás, entendeu?” (56 anos). O tamanho estimado de cada tamanho em tira de fita é de mais ou menos entre 10 (dez) e 15 (quinze) centímetros.

O ato de *aquendar* é uma prática comumente utilizada entre mulheres trans e travestis, como me disse ela. Principalmente associada ao uso das roupas tidas como femininas, como saias, vestidos colados, entre outras peças. O ato técnico de esconder o pênis e os sacos escrotais entre as nádegas requer muita habilidade para não ser desfeita ao longo do tempo, enquanto se está sob o uso dessa técnica, em geral adornada pelas fitas plásticas. Busquei perguntar sobre como ela fazia para durar e se sentia algum incômodo. Ela me disse: *“Dura mais quando a calcinha é mais apertada, entendeu? Por daí, fica bem presinho, entendeu? Até a Pablllo Vittar faz, menino!”* (56 anos). E sobre o incômodo da dor, ela me disse que já havia se acostumado; com anos de prática de *aquendação*, o corpo se adapta à técnica.

Como lembrado por Camilla, o ato de *aquendar* também é uma prática que ocorre no meio artístico das *Drag Queen*, brasileiras e não brasileiras. Fora do país, a técnica do *aquendar* é conhecida como *tucking*, cuja a finalidade é a mesma: esconder o órgão genital para o uso de determinadas peças de roupas, seja em espaço público para apresentações e montações performáticas, como no caso das *Drag Queens*, ou para o uso cotidiano e diário, público e privado, da vida de pessoas trans e travestis.

Ela não me disse ao longo de sua explicação se se tratava de alguma questão relacionada à estética das vestimentas e do melhor apresentar-se, mas disse que a deixava *“mais feminina, bem racha”* (56 anos). Ao longo de sua exposição explicativa, perguntei como ela havia aprendido, ela me disse olhando para Leleca, que já se tratava de anos. Sendo uma das primeiras práticas que se aprende na vida. *“Quando você faz a transição você quer logo ser mulher, né? Acha que vai ser rápido, até tu ver que é todo um processo. Eu aprendi novinha, vixi, quando comecei a sair, aí que eu comecei a fazer mesmo pra ficar bem menininha, entendeu?”* (56 anos).

Leleca ao acompanhar nossa conversa, lembrou alguns momentos de sua mocidade e juventude ao lado de Camilla e as preparações para as *“caçadas”* (45 anos).

Leleca, é amiga de infância de Camilla, uma travesti “*veterana de guerra*” (45 anos). As veteranas de guerra são as travestis mais velhas que viveram seus processos de transição e juventude nas décadas dos anos 80 (oitenta) e 90 (noventa). Constantemente, ela e Leleca lembravam de suas experiências, festas e da forma que se arrumavam para ir às baladas.

A gente girava, a gente morava no Morro, mas a gente girava tudo. Girava a Silves, Betânia, Educandos, São Lázaro, Cachoeirinha, Centro. Então a gente pegava, a gente esperava a nossa família dormir, saía de madrugada e ia girar o mundo. Caçar, né? Ia dar aquelas caçadinhas, né? E aí, nessas caçadinhas, a gente passava pelo centro e a gente via as transsexuais, as meninas, as travestis trabalhando na noite. E comecei a me encantar. Foi quando a gente começou a se encantar e ver que elas chegavam em carro, com dinheiro, não sei o que mais lá. E comecei a me encantar. Foi quando eu resolvi me transformar de fato. Virar uma trans e correr atrás dos meus objetivos no mundo (Camila, 56 anos).

As *caçadas* a que elas se referiam em sua conversa diz respeito a encontrar os boys em encontros casuais, fossem eles com finalidades sexuais ou não. Durante a conversa, perguntei com que idade Camilla começou a ter contato com outras mulheres trans e travestis; ela me contou que a partir dos 13 (treze) anos e que seus primeiros looks femininos eram de sua mãe e de suas primas. Nas noites: “*roubava as roupas dela, aí saía, usava as calcinhas, me mandava pras festas, né? Ia-me embora para as festas e já usava aqueles shortinhos, aqueles topzinhos, entendeu? Bem novinha, de 13 pra 14. Bem feminina, fazia um nó na camisa só na frente, entendeu? E já comecei a usar batom, me maquiar, andar de salto, aí eu aprendi com as meninas a aquendar, entendeu?*” (56 anos).

Ao fim da noite, com a chegada da manhã, ela se “*desmontava toda*” (56 anos) e escondia todos os itens utilizados na montagem da noite. Para ser incluída nos grupos

de mulheres trans e travestis, Camilla escolheu seu nome a fim de concretizar sua vontade, marcando também o início de seu processo de transição. *“Deixei a cueca de lado e pulei pra calcinha. Meu pai já sabia mesmo, minha mãe já sabia também, a família também, entendeu? Ai eu fazia era de tudo, aquendava e ia embora”* (56 anos). A exemplo de Silvana de Souza Nascimento (2019), não apenas as vestimentas, o uso dos atributos ou práticas corporais ditos “femininos” constitui essas identidades; sua inclusão em grupos sociais de iguais faz com que o uso do nome feminino entre esses grupos se identifique.

Ao longo dessas memórias evocadas, Camilla passava em seu rosto uma base facial, segurando uma pequena esponja e dando leves batidinhas no rosto, como se estivesse preparando uma tela para pintura. Passou um batom em tom nude, máscara de cílios, rímel rente à raiz dos cílios e finalizou passando um pó solto translúcido no rosto, retirando seu excesso com um pincel de maquiagem, como quem finaliza as pinceladas em uma tela. Toda a ação durou cerca de 20 (vinte) minutos. Após finalizar a maquiagem, ela amarrou seu cabelo com um coque alto, em que, na parte de cima, as mechas de cabelo caíam e recobriam o coque com vários cachos. Ao centro da cabeça, utilizou um arco cujo revestimento era de um tecido tipo cetim com estampa floral e fundo branco.

Enquanto ela se arrumava, Leleca pedia em seu celular, por meio de aplicativo de mobilidade urbana, um carro para nosso transporte até o apartamento de sua amiga. Nossa conversa se prolongou até a chegada do carro chamado via aplicativo; ao sairmos da casa de Camilla, ela disse: *“Eu vou na frente pra ver se é um gato esse motorista”* (56 anos). Então, assim fez: ela sentou-se no banco carona na frente e eu e Leleca fomos sentados atrás. Ao longo do trajeto, ouvimos músicas tocadas no rádio do automóvel. Camilla trocava algumas conversas com o motorista sobre o dia; não parecia ali ter uma relação de paquera ou similaridade, apenas uma conversa casual.

O percurso levou cerca de 25 (vinte e cinco) minutos da Zona Leste até a Zona Oeste. Ao longo do caminho, refleti sobre o importante apreço demonstrado pela técnica de *aquendar-se* e a importância dessa prática para apresentar-se, bem como os modos de produção da feminilidade e as estratégias adotadas em relação ao corpo e às vestimentas, além dos códigos compartilhados entre outras mulheres que lhe ensinaram.

Dessa forma, é possível interpretar o ato de *aquendar* como uma forma de esconder o sexo e o gênero do corpo, para que a estética das roupas possa acompanhar a estética corporal. Sendo essa uma técnica difundida amplamente entre pessoas trans, mas, da mesma forma, entre artistas *drag queens* para a finalização performática das personagens femininas em relação às vestimentas.

Relevando-se como uma prática ensinada de modo oral e transmitida entre seus pares e iguais, *aquenda-se*, apresenta sentidos da feminilidade, do fazer-se mulher e apresentar-se mulher. Não como um sentido enganador, mas como constituinte pessoal, de uma estética própria. Essa foi minha percepção ao conversar com Camilla e ouvir as suas memórias compartilhadas com Leleca.

3.5. “Toda feita na Europa”: operando sentidos de mulheridade

Por volta de 19h20, chegamos ao condomínio onde reside Joyce. Descemos na portaria e fomos andando até a torre onde ela mora. Tomamos o elevador até o 12º (décimo segundo) andar de uma das várias torres naquele condomínio. Ao chegarmos, fomos recebidos por Joyce, uma mulher trans branca, 50 (cinquenta) anos, cabelos longos e lisos de cor preta, até o meio da costa. Ela usava um conjunto floral branco e verde. Atrás dela seu companheiro, um homem cis, branco de aparentemente 40 (quarenta) anos.

Devo confessar a infalibilidade em relação à descrição do ambiente; eram muitos detalhes, entre vidraçarias, pratarias, quadros e muitas fotos em diversos países da Europa em quadrados ao longo das paredes e estantes desde o *hall* de entrada. O apartamento, luxuoso e suntuoso, não era tão grande, ou, à primeira vista, era o que indicava, uma vez que a grande ilha de informações diante dos olhos pode ter causado alguma percepção distinta do que se apresentava. Ao entrarmos, Camilla sentou-se no sofá ao lado de Joyce, frente à TV, onde tocava música popular brasileira.

Sentei-me próximo à sacada do apartamento, onde se podia admirar uma vasta vista da cidade e do Rio Negro banhando a praia de Ponta Negra. Ao meu lado

esquerdo, sentou-se Leleca, e ao meu lado direito, o companheiro de Joyce, em uma poltrona. Quando chegamos, eles já estavam bebendo há algum tempo. Joyce ofereceu a nós três cervejas e, para mim, ela ofereceu como recepção alguns chocolates suíços trazidos de Genebra.

As conversas entre elas eram acompanhadas de frases em francês outras em inglês. Joyce é, como Camilla me falaria mais tarde em nossa conversa, uma mulher “*toda feita na Europa*” (56 anos). Fui apresentado a ela como um acadêmico que estava acompanhando Camilla, mas logo ela pediu para que esquecêssemos as formalidades e que me sentisse acolhido em sua casa. Em minhas idas ao banheiro social, algumas das vezes fiquei confuso devido à quantidade de frascos de perfumes sobre a bancada da pia, entre eles água de banho, água de *toilette*, água de perfume e águas para casa de banho. Recordo-me de suas finalidades, uma vez que, em uma de minhas voltas do *toilette* social, perguntei a diferença entre eles e Joyce me perguntou se eu tinha alguma noção da língua francesa. Após confirmar, ela me narrou que trouxe aqueles produtos eram de origem franco-suíça e que “*deveria ser comum no Brasil*” (Joyce, 50 anos).

Segundo ela, em sua casa em Genebra, “*sempre tem água com gás, que lá a gente bota com uma máquina. É só colocar como se fosse uma tampa na garrafa*” e “*essências de casa da Chanel e da Dior*” (Joyce, 50 anos). Esses hábitos domésticos são comuns, segundo ela, em países europeus onde ela já reside e, por viver há bastante tempo fora do país, já haviam se tornado parte de sua rotina, que é dividida entre 6 (seis) meses no Brasil e 6 (seis) meses em Genebra, na Suíça. Apesar de já viver há bastante tempo no país, ainda não há o suficiente para a regularização do visto permanente.

No desenrolar ao longo da conversa, Joyce me disse que era empreendedora. Na Suíça, ela possui um estabelecimento voltado à estética capilar, um salão de técnicas brasileiras, que segundo ela “*são as mais procuradas*” (50 anos). Perguntei se tinha algum motivo específico na percepção dela sobre essa grande busca, e ela me disse que, além da tecnologia brasileira no campo estético capilar, as brasileiras são conhecidas pelo cuidado na hora de fazer o cabelo de outra pessoa. Além disso, segundo ela: “*na Europa, as travestis que sabem trabalhar em salão se fazem, baby!*” (50 anos).

Após um período acompanhando-as ao longo da conversa com Joyce, Leleca, Camilla e o companheiro de Joyce, pude notar que os temas fluíam principalmente sobre os cuidados do cabelo e novos produtos do mercado brasileiro e como eles são requisitados em outros países. Apesar de Camilla não ter apreço pela profissão dos cuidados estéticos, ela me disse em nossa conversa após tomar uns *drinks* feitos com *vodka* e água gaseificada, que fez 3 cursos no SENAI em Manaus, voltados à maquiagem, corte de cabelos e atendimento ao cliente. Entretanto, por mais que sua amiga lhe pedisse para ir trabalhar com ela em Genebra, em seu salão, não era de seu interesse.

O regresso à Europa para ela é apenas para “*visitar e turistar, não quero mais trabalhar lá. Já tive apartamento na Inglaterra, já morei na Suíça, em Milão na Itália, em Paris, agora eu só quero descansar e fazer meu curso de cuidadora de idosos*” (Camilla, 56 anos). Apesar de ter cursado diversos cursos qualificadores e profissionalizantes, Camilla nunca se estabeleceu por bastante no mercado de trabalho. Essa instabilidade se apresenta principalmente devido à sua identidade de gênero.

O acesso de mulheres trans e travestis ao mercado de trabalho formal torna-se concomitantemente dificultado depois de iniciado o processo de transição (Oliveira-Silva e Santos, 2021), o que faz com que essas mulheres recorram a outros meios para a garantia e manutenção de suas vidas. Muitas recorrem principalmente aos trabalhos nas ruas, como no caso da prostituição, ou ainda, salões de beleza.

A falta de oportunidades e políticas de acesso e permanência no trabalho para mulheres trans e travestis fez com que Camilla recorre-se à prostituição, período narrado por ela como “*uma vida que, por um lado, foi de muito sofrimento, que não existe um sofrimento sem uma conquista, sem suas vitórias também, com lágrimas, com dor, mas você alcança, mas é complicado a vida de quem vive na noite. Era um babado de confusão, era igual o Papa-Léguas e o Coiote. O Coiote doido pra comer o Papa-Léguas*” (56 anos).

A analogia feita por Camilla em relação ao desenho animado Papa-Léguas diz respeito à sua constante vontade de fuga das ruas, à insegurança de não saber se iria estar viva após mais um programa, se iria ser agredida ou não. Mesmo tendo uma

jornada difícil, ela buscava ao longo do dia se profissionalizar, fazendo cursos para melhorar sua situação. Dessa forma, conseguiu completar seu ensino médio por meio de supletivos para o Educação de Jovens e Adultos (EJA) e aos 48 (quarenta e oito) anos conseguiu sua inclusão no mercado de trabalho em uma de suas idas a São Paulo.

Apesar de possuir cursos no ramo da estética e beleza por meio de projetos de qualificação do SENAC-AM, como os cursos de sobrancelha, maquiagem, bem-estar e beleza, seu foco nunca foi atuar nessas áreas. Seus conhecimentos tornaram-se fonte para o autocuidado. Quando estive visitando-a em sua casa ao longo dos dias das semanas de Março de 2023, Camilla sempre me mostrava algum produto de cuidados da pele ou dos cabelos. Para ela, pelo menos dois itens entre esses cremes são essenciais: as máscaras hidratantes de argila preta e cremes para definição capilar: *“Eu trato meu cabelo em casa, não é? Eu sempre tenho argila preta com fortalecimento e eu uso cremes, né? Que é pra deixar mais cacheado o cabelo. Pra deixar mais mais”* (56 anos).

Ao longo dessa conversa, perguntei livremente o que era *“se fazer na Europa”* e alguns sentidos foram apresentados por Camilla e Joyce. Ambas as definições apresentadas para essa ação êmica me parecem complementares: de um lado, a visão plástica do corpo; e do outro, um visão de situação em uma nova realidade e cultura.

Joyce me disse que *“se fazer na europa é ter o axé! Não basta ser só bonita, tem que ter o axé! Se a gata não tem o axé, ela não lucra”* (50 anos). Ter o axé, é saber trabalhar em várias frentes além do trabalho no mundo do sexo. Aprender a língua, segundo ela, é uma das principais ferramentas para se estabelecer por lá. Ela me disse que, em seus momentos na França, nas casas de cafetinagem, existia uma pessoa que ensinava a ela e às outras meninas que elas dividiam apartamento com ela uma forma mais simplificada da gramática do dia a dia da língua, para conseguir o *“aqué”* (Leleca, 45 anos).

Dessa forma, elas estudavam a língua local francesa pelo menos 3 vezes por semana. Mesmo sem saber falar com fluência a língua, a barreira linguística tornava-se secundária, já que, *“na rua, você sabendo cobrar o PG, todo mundo entende o que se tá querendo”* (50 anos). O PG, ou programa, forma que ela referiu-se, nem sempre são

seguidos de conversas elaboradas. Não soube ali se havia uma conduta estabelecida sobre como esses programas sexuais eram estabelecidos, mas, que nas narrativas de Joyce, a comunicação corporal também é essencial em campo.

Já a visão apresentada por Camilla vai na linha das modificações do corpo. *“Algumas meninas se fazem na Europa, elas colocam peito e a cirurgia de redesignação lá, por que é mais fácil de conseguir e mais barato, entendeu?”* (56 anos). Seguindo o fluxo da conversa, perguntei a ela se ela já havia feito algum procedimento fora do país relacionado a essas grandes cirurgias; ela me disse que não grandes intervenções, apenas pequenos procedimentos.

Ao longo dessa conversa, uma noção sobre a experiência do fazer-se na Europa e no Brasil parece ter ficado evidente quando o assunto foi direcionado para o silicone. Camilla contou sobre sua experiência de fazer-se antes de ir para a Europa e sobre os procedimentos estéticos que realizou em São Paulo, onde mencionou que começou a colocar silicone no bumbum em uma casa de uma menina que realizava esses procedimentos. Ela não disse o nome da pessoa, mas usou o termo *bombadeira* para se referir a ela. Ela detalhou que, para isso, era necessário ir a São Paulo, onde várias mulheres trans se reuniam para realizar os procedimentos. *“Comecei primeiro com o quê? Comecei pelo silicone no bumbum. Silicone industrial. Fiz numa casa de uma menina bombadeira que colocava... E colocavam em São Paulo. A gente tinha que ir pra botar o silicone, a gente tinha que ir pra São Paulo naquela época e era muito caro, mas já saia de lá feita...”* (56 anos).

Na imagem abaixo, Camilla posa de cabelos lisos, trajes íntimos com estampa de animal print, exibindo suas curvas corporais. O período coincide com suas idas para a Europa e expressa o árduo processo que passou para acessar o corpo desejado, as curvas estimadas e a curvatura de fios esperada para aquele momento.



Figura 11

Legenda: Camilla posando com cabelos lisos. (Crédito: Acervo pessoal de Camilla, 2012).

Segundo o que ela narrou, o procedimento era feito na sala da casa da *bombadeira*; lá, o silicone era injetado sem muitos rodeios. Apenas as seringas, as fitas elásticas, álcool e algodão. O pagamento era realizado antecipadamente para a *bombadeira* e para a cafetina que iria cuidar da pessoa. O procedimento feito de modo caseiro “*doloroso [...] fora o risco de morrer na sala delas e ser jogada em qualquer vala*” (56 anos) e precisava que a pessoa ficasse ao menos 3 (três) dias e 3 (três) noites deitada de barriga para baixo, sem executar movimentos bruscos. Esses dias devem ser pagos a cafetina que ficará responsável pelos cuidados da pessoa que passou pelos procedimentos.

Além disso, ela me disse que, é preciso depois da aplicação fazer o uso contínuo de algumas fitas elásticas para deixar o silicone industrial modelado ao corpo: “*assim que aplica tu já vê o resultado. Por isso tem que bota o elástico pra dá forma, entendeu como é? Por se não, pode acontecer o que aconteceu comigo, o silicone pode descer pra perna, pode ir pro pulmão, um monte de menina morre [...]*” (56 anos). O elástico é

passado abaixo da linha do glúteo e amarrado na cintura; por cima, usa-se uma calcinha apertada para sempre deixar o silicone na melhor forma possível, segundo ela.

Já sendo mulheres feitas, perguntei para Joyce e Camilla se as experiências na Europa impactaram de alguma forma seus modos de pensar sobre o que é ser mulher. Camilla me disse que o que talvez tenha marcado muito sua estadia tenha sido a aparência estética das mulheres cisgênero europeias:

Nas primeiras vezes que eu fui pra Europa, eu fiquei chocada com aquelas senhorinhas de mais de 80 anos, as velhinhas todas com os cabelos finíssimos, todos feitos no babyliss, todo na chapinha, toda ajeitadinha com blush e batom. Colarzinho, brinquinho. A gente até vê umas assim no Brasil, né? As que vem de família rica, né? Tem condições, porque as que não tem é só um coquezinho no cabelo e vai embora, né? Eu quero ser uma senhora assim, olha. Vaidosa que nem essas de saltinho todo dia rodando bolsinha pra lá e pra cá, toda ajeitadinha, toda jeitosinha, bem menininha que a gente não pode dizer que é uma senhora, é uma menininha, porque do jeito que ela tá ali, ela tá intacta pra tudo (Camilla, 56 anos).

Joyce, doutro modo, me disse que gostava de ser “perua” (50 anos), que já havia atingido um patamar financeiro economicamente estabilizado para viver uma vida confortável, seja ela no Brasil ou na Suíça, e que a experiência de vivenciar outras culturas lhe possibilitou ampliar sua visão sobre o que é ser mulher. Já Leleca, a única das três que não foi para a Europa, me disse que se sente feliz em Manaus, que já não pensa mais em procedimentos estéticos, apenas que deseja ser “feliz, beber minha cervejinha e caçar no grindr” (45 anos).

A noite fluiu, e a pequena festa durou até meados de 3 (três) da manhã. Fiquei acompanhando e bebendo com aquelas mulheres até o fim; ao longo da noite dançamos, cantamos, compartilhamos histórias, fui apresentado à casa e a toda mobília e sua

história. Após a chegada de nosso carro de transporte urbano, nos despedimos, recebi mais chocolate de Joyce e descemos até o encontro do motorista. Ao longo do trajeto, Camilla perguntou o que eu achei de Joyce e me contou como ela era uma pessoa divertida. Foram 3 (três) paradas: uma no bairro Cachoeirinha, onde Leleca desceu em sua parada para sua casa, posterior à minha e por fim, Camilla, em que tive que me despedir antes para que continuasse a viagem. Naquele retorno eu paguei o valor da corrida e mantivemos nosso contato via *WhatsApp*.

A experiência dessas três mulheres revela, assim, como a vivência na Europa ressignifica os sentidos de operação dos modos de mulheridade, destacando a construção estética, corporal e identitária. Para Joyce, a noção estabelecida ao ser “*toda feita na Europa*” se interliga e se mescla às nuances de glamour, sofisticação e beleza, simbolizados por seus hábitos associados ao consumo de produtos e marcas de luxo, além de comandar um salão de beleza. Essa correlação do cuidado de si se interliga com os cuidados da aparência, revelando sua afirmação sobre a identidade feminina e a experiência trans outras culturas.

Camilla, por sua vez, aborda em seu discurso a noção de mulheridade e identidade a partir de uma perspectiva mais crítica, profundamente relacionada à sua experiência vivida no Brasil entre as cidades de Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo e em países europeus. Sua trajetória demonstra a intersecção associada à estética e a sobrevivência. O que parece ficar evidente que o ato de se “*fazer*” no Brasil ou na Europa está além dos procedimentos cirúrgicos, está em relação com a busca pela autonomia e a dignidade. O espanto, o choque cultural e a inspiração pelo modo de envelhecimento e beleza das mulheres idosas na Europa a inspiram ao ponto de redefinir seu próprio modo de visão de pertencimento no mundo.

Por último, Leleca, única que não tem passagem pela Europa, por mais que seja a mais calada, ela demonstrou em nossas conversas uma perspectiva que contrasta com as de Camilla e de Joyce: uma busca diferenciada pela felicidade. Os três casos demonstram que a experiência com a mulheridade não é uma construção única, por mais que, algumas experiências sejam compartilhadas. Trata-se de um mosaico de vivências que dialogam com diversificadas culturas e situações diferentes, seja pela geografia ou ainda por questões relacionadas à raça. A experiência de Joyce, enquanto mulher branca

Eu Preciso
de liberdade!



CAPÍTULO IV

4.1. *Entre cidades: debutando em Manaus*

Trajetória de Lucy

Ao longo do processo de acompanhamento das interlocutoras em campo, certamente não foi um processo fácil; acompanhar Lucy, do mesmo modo, não foi. Conheci Lucy por um acaso, graças a um de seus orientandos do programa pós-graduação em Zoologia (PPGZOO) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Na desesperança, após 8 negociações com outras mulheres frustradas, já não nutria mais expectativas conhecer uma nova pessoa naquele momento.

Sentado próximo do PPGZOO/UFAM, localizado no setor sul da universidade, quase frente ao programa de pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), com um amigo, Kennedy, orientando de Lucy, ao contar sobre minha situação em campo, ele me sugeriu o nome de sua orientadora, Lucy. Sem muita pretensão, pedi para ele entrar em contato por *WhatsApp* com ela para saber se ela se interessaria em ouvir sobre a presente pesquisa. Após algumas horas, ele me informou que Lucy havia lhe respondido, demonstrando interesse em conversar pessoalmente comigo. Assim, pedi para ter acesso a seu contato telefônico, o que foi logo aceito por ela.

No dia 18 de maio, então, passei a ter contato com Lucy. Enviei uma mensagem via *WhatsApp* me apresentando para ela e passamos, então, a manter contato por mensagem. Inicialmente, nossas conversas, além de assuntos que versavam a filosofia da ciência e os estudos de gênero e sexualidade, eventualmente passaram a ser sobre jogos de RPG e MMORPG, ou, em outras palavras, Jogos de Interpretações de Papéis e Jogos Massivos de Multijogadores de Interpretações de Papéis. Passamos a conversar sobre a estilística de alguns jogos e seus modos de possibilidade de expansão da *lore*²⁶ de algumas personagens de determinadas classes de magos; o jogo a qual me refiro é *League Of Legends* (LoL), da empresa *Riot Games*.

²⁶ Lore é uma palavra de origem inglesa que significa *conhecimento da história*. As histórias narradas em lores são atreladas ao universo ficcional e restritas aos contos internos dos jogos e dos desenvolvimentos das personagens.

Após algumas horas de conversa, Lucy me perguntou se eu estaria na universidade no dia 19 de maio para tomarmos um café pessoalmente. O local combinado seria a cantina da Cleide, um pequeno lanche localizado no corredor do Departamento de Letras - Libra da UFAM. Infelizmente, por um infortúnio ocorrido, já havia marcado para encontrar Tiffany. Sugeri a ela outra data e acordamos em continuar nos contactando para vermos um dia que pudéssemos nos encontrar.

Apenas no dia 21 de maio tive retorno de Lucy. Ela me contou que teve algumas mudanças de planos, me informou que não estava bem de saúde e que estava sob os cuidados de sua mãe, que havia vindo da cidade de Uberlândia e ficaria até o fim daquela semana. Pedi para que ela me mantivesse informado sobre seu quadro de saúde; caso precisasse de alguma ajuda, eu prontamente estaria disposto a lhe ajudar. Mais uma vez não obtive resposta, mas no dia 23 de maio, ela me retornou informando que não sabia se Kennedy havia me falado, mas que, além de docente, também produz conteúdos digitais em seu canal *Make Science BR* na rede *YouTube*, em que passei a acompanhar os vídeos publicados por ela, divididos entre 17 *playlists* públicas que totalizam 178 vídeos e *lives*.

Na descrição do canal na plataforma, é possível ver que o canal foi criado no dia 16 de junho de 2019. De modo semelhante, é explicitado que três principais temáticas são de interesse maior em seus vídeos: transgeneridade na sociedade e ciência, divulgação científica e, por fim, vaidade feminina em uma perspectiva de desconstrução dos estereótipos de gênero. Ainda na mesma descrição, Lucy informa que produz conteúdos digitais junto de seu companheiro Allen, também uma pessoa trans, que posteriormente eu viria conhecer.

Não tivemos muitas interações entre o dia 23 e 27 de maio, quando tornamos a conversar sobre a relação da paleontologia, arqueologia e antropologia. Notei, assim, que tais assuntos despertavam interesse para Lucy. Adotei como estratégia me aproximar dela desse modo, assistindo a seus vídeos e tirando dúvidas diretamente com ela ao longo desses dias, o que, a meu ver, foi benéfico para o desenvolvimento de nosso contato.

Nossas conversas pontuais se encaminharam para um encontro presencial na Biblioteca Setorial Sul da UFAM às 9h da manhã do dia 30 de maio. Na noite anterior, enviei uma mensagem para ela para saber como estava, e ela me disse que no dia seguinte iria passar o dia na universidade orientando os alunos sob sua tutela. Perguntei a ela se eu poderia ir, e ela me confirmou dizendo que sim e que seria bem vindo. Assim fiz, no outro dia, cheguei com 20 minutos de antecedência e fiquei sentado em frente ao portão de acesso da biblioteca, quando vi Kennedy, Yasmin, Naylana e Camila. Aproximei-me de Kennedy e perguntei se ele havia vindo para encontrar Lucy, e ele me confirmou, me convidando para sentar-me com eles.

Após alguns minutos ali, Kennedy me informou que Lucy já havia chegado e que estava na cantina da Faculdade de Ciências Agrárias 2 (FCA 2) tomando café há algum tempo, e que nos encaminhávamos para lá. Quando estávamos chegando perto, pude ver Lucy a poucos metros; ela usava um tênis escuro, uma calça tipo *legging* azul cintilante, uma camisa preta de banda de rock, suas unhas estavam pintadas de vermelho, e ela também usava batom vermelho. Seu cabelo estava penteado para trás e era curto, até a altura do pescoço.

Deixei que os quatro outros alunos que estavam comigo fossem à frente. Quando chegamos à mesa de Lucy, ela estava acompanhada de Allen, seu companheiro. Ambos estavam tomando suco de laranja com pão. Apresentei-me para Lucy e sentei-me junto com as pessoas. Lucy informou que havia demorado para chegar à universidade por conta do trânsito de Manaus; naquele ano, ela residia no bairro Planalto, na Zona Centro-Oeste de Manaus, distante da universidade localizada na Zona Leste.

Fiquei observando os modos de socialização entre Lucy e seus alunos de orientação. Ela brincava fazendo referências paleontológicas difíceis para minha compreensão. Por conta de minha proximidade com Kennedy, ele me explicava algumas referências sobre o que se tratava. Em determinado momento, lembro-me de Lucy falar: *“Vocês estão prontos? Vai ser o dia inteiro hoje!”* (31 anos). Até aquele momento, não era de meu conhecimento, mas Lucy havia analisado a problemática de cada pesquisa de seus orientandos, e aquele dia seria reservado para orientações de estratégias metodológicas de pesquisa e discussões sobre questões de matrizes filogenéticas de dados morfológicos.

Já era aproximadamente 10h da manhã quando nos direcionamos para a biblioteca, prédio ao lado do que estávamos. Lá ficamos no andar térreo, sentamos ao fundo, ao lado do acesso ao acervo de livros das estantes giratórias, recém trazido do Museu Amazônico da UFAM. Em uma das mesas transversais, Lucy sentou-se de costas para o fundo da biblioteca, ao lado de Allen. Na extremidade esquerda, sentou-se Yasmin; na extremidade direita sentaram-se Naylana e Camila; e, de frente para Lucy e Allen, sentaram-se Kennedy e eu ao seu lado.

Fui apresentado ao grupo como alguém que seria ouvinte para aquela seção ao longo do dia. Fui bem recepcionado e pedi licença para participar. Após esse momento de apresentação, entre 10h e 12h30, os assuntos tornaram-se associados às matrizes filogenéticas. Lucy passou alguns exercícios práticos para que os alunos explicassem suas pesquisas e resultados obtidos nas matrizes feitas por eles, de modo *“descomplicado para quem não é iniciado da área”* (31 anos), a fim de que minha presença ali pudesse despertar nos seus alunos modos de transmissão de conhecimento para terceiros não conhecedores daqueles assuntos.

Ela me pediu que fizesse perguntas sempre que fosse de minha vontade, caso não entendesse de determinado conteúdo, e ainda me pediu para realizar uma pequena avaliação da exposição de cada discente ali presente. Ao longo das exposições, quando não era compreensível a explicação para mim, Lucy fazia paralelos explicativos entre o universo da moda, da anatomia humana e animal e da paleontologia. Um desses exemplos fornecidos por Lucy, sobre uma espécie de crocodilo, foi que, nas análises de matrizes, *“algumas espécies são como supermodelos, eles sempre estão nos holofotes da ciência”* (31 anos).

Por volta de 12h30 todos se preparam para almoçar. Lucy e Allen tiveram que regressar a sua casa para resolver algumas pendências pessoais e que, por volta de 13h30, estariam de volta à universidade. Não pude acompanhá-los; nos despedimos na entrada do bloco e fiquei nas redondezas até sua volta. Enquanto pela parte da manhã, achei que apenas iria acompanhar o trabalho de Lucy, pensei que não haveria espaço para conversarmos, até que recebi uma mensagem sua informando que, na sua volta,

poderíamos conversar melhor, uma vez que, seus alunos iria precisar resolver alguns novos cálculos e que teríamos tempo para tal na biblioteca.

Por volta de 13h50, Lucy informou que estava se dirigindo novamente para a biblioteca após o intervalo do almoço. Fui o primeiro a encontrá-la sentada no mesmo local com Allen. Ali tivemos, inicialmente, mais ou menos um lapso de 10 minutos de conversa até o retorno dos outros. Ela me apresentou novamente Allen, me disse que era seu companheiro e que estavam em uma relação transcetrada desde o processo inicial tanto de sua transição de gênero quanto a de Allen.

Allen, naquele momento, era graduando do curso de Ciências Biológicas e também bacharel em Design. Ela me disse que ele estava lá para acompanhá-la, lá que depois iriam desenvolver outras atividades. Lucy, por sua vez, estava atuando como docente superior do curso de pós-graduação e professora no curso de bacharelado em Biologia de uma instituição particular. Nesse primeiro contato, nossas conversas foram intimistas. Allen e Lucy partilham do interesse pela filosofia da ciência e filosofia da biologia. Pude reparar que, nas suas trocas, falavam sobre mundos possíveis, novas espécies de humanos, representações possíveis de gênero e descentralização das atuais noções sobre binaridade de gênero que temos conhecimento.

Curioso sobre essas confabulações das dissidências de gênero e biologia, perguntei o que seriam essas futuras espécies. Lucy me disse que já existiam representantes das novas disrupturas do gênero: *“tem a galera xenogênero, as catgirl [...] não sei se no futuro a biologia humana vai mudar, sabe? Mas um processo inicial é desestabilizar os gêneros, os papéis de gênero, e muitas pessoas não-binárias já estão fazendo isso”* (31 anos). Ela mencionou que sua identificação com essas disrupturas de gênero teve início a partir de um evento crítico ocorrido no ano de 2019, uma tentativa de suicídio. Esse evento foi um ponto de virada para Lucy a buscar terapia e apoio, para posteriormente afirmar-se enquanto Lucy.

A necessidade da autoaceitação de Lucy a faz reconhecer-se como uma mulher trans, xenogênero e também identificar-se com o movimento *catgirl*. Não foi a primeira vez que ouvi a expressão *catgirl* advinda de uma mulher trans. No ano de 2017, ao se tornar a primeira pessoa trans graduada na UFAM pelo curso de Licenciatura Plena em

Filosofia, a filósofa e antropóloga Diana Maria Tereza Brasilis afirmou-se naquele contexto enquanto mulher trans com características de uma *catgirl*. Ao conversar com ela, em minha ignorância, perguntei sobre o que se tratava tal identificação. Naquele contexto, apenas soube da grande influência que a cultura japonesa dos animes tem sobre algumas pessoas dessa população.

Ao que tudo indica, as *catgirls* ou *nekomimis* (猫耳 lit. “orelhas de gato”) são personagens femininas que se utilizam de ferramentas como *kemonomimi* (獣耳, lit. “orelha(s) de fera”) para identificarem-se com as características felinas físicas. Para aproximarem-se dessa estética, elas utilizam artificios como o uso de plugs anais com caudas felpudas, arcos com orelhas de gatos de pelúcia e acessórios para felinos como coleiras. Além disso, elas passam a assumir as características das personalidades felinas. Segundo Lucy: “É, eu sou xenogênero que é *catgirl*, que é a identidade que eu realmente me identifico. Mas para a sociedade me apresento como uma mulher trans ou travesti. Seria um tipo de pessoa que se identifica com aquelas características estereotipadas como ficar recuado, mal-humorado, tímido, curioso.” (31 anos).

Em um de seus vídeos publicado em seu canal no *YouTube*, no dia 10 de janeiro de 2021, Lucy aparece utilizando um arco com orelhas felpudas, cabelos rosas sobre os ombros com cores fantasias, uma coleiras vermelha, uma camisa branca e vermelha, além de fazer uso de batom da mesma cor. Nesse vídeo, Lucy explicita mais sobre o que se trata a identificação como uma *catgirl*. O vídeo em questão, #30 *Make Talk: Catgirl, minha identidade de gênero (Mês da Visibilidade Trans)*, tem mais de 11 minutos dela explicando sobre o movimento *catgirl* e seu processo de autoidentificação. Lucy diz que, ao longo do processo de autoidentificação, seu parceiro Allen foi essencial. Para ela, entender-se como uma *catgirl* travesti “realmente traz um significado existencial pra minha identidade de gênero, e isso foi uma coisa que eu descobri recentemente, tem alguns meses, na verdade, mas isso foi algo que eu descobri com a ajuda do Allen, inclusive. Uma significância à minha existência. Não quer dizer que ser mulher trans e travesti não agrega um significado à minha existência; óbvio que agrega e é uma bandeira de luta e enfrentamento social. Mas a *catgirl* é aquilo que manifesta os meus sentimentos enquanto a minha personificação, enquanto um sujeito social.” (31 anos).

Fica evidente ao longo do vídeo e das palavras de Lucy em nossa conversa presencial na biblioteca que sua identidade, independência e individualidade são processos de luta pela conquista do espaço pessoal e da vontade de manifestação da realização dos desejos próprios. Similarmente à natureza independente dos gatos. Nessa relação do entendimento dos sentimentos humanos-felinos, a carência e afeto surgem ao mesmo tempo. Ela me disse reconhecer essas necessidades enquanto sujeito, mas que, ao expressar-se dessa maneira, sente-se como um gato em busca de atenção em seus próprios termos de rebeldia. Esses sentimentos complexos relacionados à animalidade felina, que contradizem em certos aspectos a própria noção de existência ontológica humana, são fundamentais para a compreensão de sua identidade e os modos como ela se expressa socialmente.

No que diz respeito às interações sociais, a dualidade dos sentimentos evocados nas falas presenciais e no vídeo, influencia Lucy nos modos do encontrar-se e relacionar-se com o outro, criando, assim, um ambiente propício para que não seja vista como uma pessoa constantemente forte e independente, mas rodeada de fragilidades e inseguranças enquanto humana, versando com o merecimento do carinho e do apoio. Desse modo, essas imbricações capilares e complexas de Lucy demonstra-se como uma construção complexa que reflete diretamente seus anseios, lutas e aspirações sociais.

Após algum tempo, os alunos retornaram para a biblioteca, nossa conversa foi subitamente interrompida. Allen esteve conosco naquele instante apenas ouvindo; por mais que eu buscasse interações com ele, não obtive êxito. Lucy me disse que ele é uma pessoa tímida, assim como ela. Tendo me informado, busquei não ultrapassar os limites impostos naquela mesa.

É importante que eu traga aqui esses elementos que constituem a experiência identitária enquanto mulher trans/travesti, com aspectos xenogênero e identificação com as *catgirls* de Lucy, para que entendamos suas relações com as manipulações e experiências capilares ao longo de sua trajetória pessoal, sejam elas relacionadas a tintura, cortes, penteados e adornos utilizados como os acessórios de cabeça, como o arco felpudo com orelhas de gato.

Com o retorno dos alunos, voltamos aos assuntos relacionados à paleontologia. Lucy forneceu um novo cálculo de matrizes para eles. Por saber que a leitura de uma matriz das quais paleontólogos constroem na busca da interpretação da origem das espécies demora, Lucy me disse que teria um tempo livre até que os primeiros resultados pudessem ser debatidos em grupo. Tendo dito isso, ela sugeriu que pudséssemos voltar à nossa conversa em uma outra mesa, deixando aquele espaço em que estávamos para a discussão dos alunos ali presentes.

Ao sentarmos duas mesas distantes da de seus alunos, Lucy, ao retornar o assunto, me narrou sua trajetória e como a cidade de Manaus foi essencial para marcar seu processo de transição de gênero e as novas experiências com seu cabelo. Ela me disse em diversos momentos ao longo de sua narrativa que seu cabelo sempre cumpriu um papel de “*reavivar a alma*” (31 anos), seja a partir de um novo modelo de corte, uma nova coloração ou simplesmente a passagem por uma nova experiência/momento crucial da vida. É no seu cabelo que a experiência encarnada é refletida.

Lucy iniciou nossa conversa informando que racialmente é lida e se entende como uma pessoa branca e que sabe bem de seus privilégios na sociedade. Mesmo sendo parte de um grupo minoritário, Lucy socialmente pertence uma camada do estrato social diferente da de Camilla e de Tiffany. Isso reflete não apenas os seus marcadores sociais da diferença como a raça, acesso à educação e classe social, mas da própria forma como é marcada a experiência trans na cidade de Manaus e o trânsito em outros estados do Brasil, que são marcados pontualmente entre a cidade de Uberlândia e Rio de Janeiro.

Lucy é uma mulher trans/travesti de 31 anos, nascida na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Na cidade em que nasceu, Lucy estudou a dupla graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Após o fim de sua graduação, Lucy fez sua pós-graduação (os cursos de mestrado e doutorado) no programa de pós-graduação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGZOO/MN/UFRJ). Posteriormente, viria a integrar o quadro de professores colaboradores do programa de pós-graduação em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva do Instituto Nacional de Pesquisas na

Amazônia (PPGGCBE/INPA) e do programa de pós-graduação em Zoologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

“Eu nasci em Uberlândia, lá em Minas Gerais, e eu sempre fui uma criança muito tímida, mas que gostava de brincar. Existe muitos períodos da minha vida que eu... eu preferia fazer coisas de mulher, então eu gostava de passar batom. Eu gostava de fingir que estava usando uma saia, de fingir que eu tinha um cabelão, então coisas assim na minha infância e na adolescência foi quando o pau quebrou, né? Foi quando a depressão veio por causa da questão de gênero. Eu ainda não entendia, eu nem sabia o que... o que era uma pessoa trans. Mas eu sempre buscava fugir para jogos online. E nos jogos online, eu sempre era uma mulher e eu fazia fake mesmo de mulher, sabe? Tipo Orkut de uma mulher, pegava nossa que crime, ai meu Deus! Pegava foto de outras pessoas e fingia que era eu pra poder seduzir os boys e tal e eu não seduzia para roubar, aí tem essas coisas. Seduzia porque eu queria alguém gostando de mim, né? Eu sempre fui muito carente. Só que é... logo começou a faculdade. Eu não tive tempo mais de jogos e tal, e aí foi um período muito triste, porque eu tinha que performar, né? Minha masculinidade no ambiente. Bastante estereotipado, né? Que é a universidade.” (31 anos).

A realidade das experiências que transpassam a vivência de Lucy, assim, logo demonstra a disparidade em relação à experiência de vivência de Tiffany e Camilla. Como dito anteriormente, os marcadores principais da diferença social entre elas

aparecem de forma mais latente a partir dos relatos de Lucy. Entretanto, outro elemento aqui chama a atenção para além dos fatores anteriores. Além de um discurso aprimorado pelos conhecimentos científicos e acadêmicos, o fator geracional deixa explícito os processos de atravessamento dessas vivências a partir das marcações para determinar as gerações humanas. Assim sendo, Camilla desponta como uma representante aqui, a meu ver, da geração X, pessoas nascidas até os anos 1980; Lucy como integrante da geração Y ou os *Millennials*, nascidos até o ano de 1996; e Tiffany, como representante da geração Z que são nascidos até o ano de 2010.

Esses elementos geracionais destacaram-se ao longo do campo, principalmente pela forma em que dialogamos. Enquanto com Camilla houve de minha parte um empreendimento maior para entender sentenças linguísticas complexas permeadas pelo dialeto Pajubá, e com Tiffany uma linguagem mais tecnológica associada à mimética dos memes, *gifs* e referências canônicas a eventos de famosos, com Lucy, não tive dificuldades, uma vez que, devido seu grau de formação e posição dentro da universidade, nos proporcionou um diálogo que nos encaminhou para profundas reflexões filosóficas. Como ela mesmo evocou muitas vezes em nossas conversas, considera-se uma “*apaixonada pela filosofia da ciência*” (31 anos).

Entre os anos de 2009 e 2013, ela esteve em Uberlândia cursando a graduação. Em meados do ano de 2013, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro para cursar o mestrado e o doutorado, finalizando seus estudos no ano de 2019. Em meados do ano de 2020 e 2021, Lucy me disse que mudou-se para a cidade de Manaus, onde cursou seu pós-doutorado no Museu da Amazônia (MUSA). Entre o ano de 2009 e 2019, por ter sido anos de enfrentamento da depressão, Lucy me disse que não possui muitas memórias vivas desses períodos, mas que foram marcantes por serem “*extremamente traumático e solitário*” (31 anos), por forçar-se a performar uma masculinidade balizada pela aceitação do público acadêmico.

Naquele contexto, me disse Lucy, que o Brasil não estava preparado para ver pessoas trans alçando patamares altos da ciência, bem como não entendia muito bem sobre gênero e sexualidade. Por conta da performance da masculinidade, ela passou a ter relacionamentos heterossexuais: “*Então, durante o mestrado, a graduação e meio processo do doutorado, eu performava uma identidade da masculinidade bem*

normativa, por assim dizer. É, eu tive várias namoradas, inclusive eu tentava. Eu achava que o vazio que eu sentia era falta de amor e é um pouquinho, mas, eu, eu tentava ser feliz a custa de outra pessoa e, óbvio, que isso deu muito errado. Foram relacionamentos que eu machuquei muitas pessoas. Enfim, me arrependo, mas não dá pra voltar.” (31 anos).

A relação com seu cabelo nesse período não possuía ainda uma expressividade como tem hoje para ela. Em determinado momento de nossa conversa, ela me disse que, ao longo de todos esses anos, ela manteve seus cabelos longos. Virou-se brevemente e me mostrou mais ou menos a altura que seu cabelo possuía nessa época; a altura chegava próximo a seus glúteos. Desde que iniciou seu processo de transição de gênero, ela me disse que foi o momento propício para manipular seus fios, iniciando com um corte tipo *sidecut* raspado. O estilo *sidecut* esteve em sua genealogia capilar atrelado por muito tempo ao movimento *punk* inglês nos anos de 1980. Na visão dela, cortar seus cabelos naquele momento “*marcou o início da minha transição, de me sentir liberta, de rebeldia, eu queria ser eu*” (31 anos).

Após iniciar seu processo de transição na cidade do Rio de Janeiro, Lucy mudou-se para a cidade Rio Branco no Acre em 2019 e, posteriormente, para a cidade de Manaus no período próximo a pandemia da COVID-19, para cursar seu pós-doutorado. Quando chegou à cidade de Manaus, por ser uma nova realidade e não ter rede de apoio e amizade formada, Lucy resolveu definitivamente apresentar-se enquanto Lucy para a sociedade:

“Bom, bem ou mal, não deu certo. Eu estou aqui hoje, né? Nessa tentativa de suicídio, que eu percebi que... que não dava para esconder mais que era Lucy, tinha que acordar. E aí eu busquei terapia, busquei apoio profissional, busquei meus amigos mais próximos para me ajudar, me entender e tal. E então só em 2019 que eu oficialmente passei a existir enquanto Lucy. E foi no finalzinho do meu doutorado, então eu defendi aqui no Amazonas. Eu venho para cá... eu venho

para cá em 2019? Não, eu fui pro Acre em 2019. Para cá, eu vim em 2020. Aham é. Então eu defendi meu doutorado, sendo a Lucy, né? Tipo, foi muito legal, porque eu fiz como se fosse a minha festa de debutante.” (31 anos).

As condições de autoentendimento de si, atreladas ao sofrimento psíquico, levaram Lucy a uma tentativa de retirada da própria vida. E é nesse conjunto de eventos críticos — das mudanças de estados e cidades, entendimento de si, processo de defesa da tese de doutorado e início do pós-doutorado — que Lucy debuta não apenas para a ciência, mas para si. *“Manaus foi libertadora pra mim de certa maneira, né? Foi aqui que as coisas mudaram, que eu passei a ter uma nova vida, que eu fiz meu tratamento, pus meu silicone, foi aqui que eu nasci”* (31 anos). Manaus, dessa forma, demonstra-se como um espaço de transformação da realidade Lucy, de um novo habitar, da criação de novas redes de apoio e amizade, da consolidação de uma relação amorosa. O trânsito das múltiplas identidades encontradas na cidade proporcionou a Lucy identificar o que lhe agradava e o que desejava ser, marcando um novo processo de ser.

Quando debutou, como ela mesma colocou em seu discurso enquanto Lucy, sua primeira ação para marcar essa nova etapa foi refletida em seus cabelos. Seus longos fios, que antes chegavam próximo a seu glúteo, foram cortados um pouco abaixo da linha dos ombros. Seus fios ondulados passaram a estar mais soltos e envolvidos de penteados. Outro momento que marca as experiências expressivas do cabelo para Lucy são as tinturas capilares. Para ela, seus gostos e até mesmo seus sentimentos estão expressos na forma como modela, tingi e corta seu cabelo. Em uma visão e tom filosófico, me narrou que: *“sinto que eu preciso ter cor para ser feliz, sabe? E eu não estou tendo uma boa relação com a maquiagem. E então sobra para o cabelo. Então, para trazer vida para mim, alguma coisa tem que ser colorida e o cabelo? Ele cumpre essa função. De reavivar a alma.”* (Lucy, 31 anos).

Revelando, assim, que os elementos incrementados ao corpo passam a ser fundamentais para a manutenção de sua forma de expressão de gênero, sejam esses agregados vindos pela ação da máquina de cabelo no ato de raspar a lateral da cabeça, a química das tinturas capilares ou ainda o ato do corte da tesoura sobre os fios. Lucy me

disse que, após algum tempo em Manaus e as condições de sua saúde mental, levou-a a fazer muitas manipulações em seu cabelo. No momento em que nos conhecemos, ela utilizava seu cabelo curto, de cor e curvatura natural. Mas que antes daquele corte, seu cabelo estava “*raspado militar, sabe?*” (31 anos) rente à raiz de seus fios.

Essa ação é refletida por ela como um ato de transgressão da norma de gênero: “*A gente ainda tem essa imagem estereotipada que a mulher cis ou trans precisa ter um cabelão pra ser feminina, né? Mas eu já me acostumei, eu não ligo mais, eu gosto do meu cabelo curto*” (31 anos). As sentenças proferidas por Lucy me levam a refletir que, entre a experiência complexa da mulheridade e da experiência capilar complexa, os processos de feminilidade socialmente atrelados ao cabelo refletem uma certa normatividade em relação aos fios. A docilidade, feminilidade e submissão estão atrelados ao cabelo longo, enquanto o radicalismo e a transgressão da norma residem nos atos dos cortes e do desapego dos fios longos.

Assim, não apenas Manaus transformou-se em um local que marca a experiência de nascimento de Lucy; a cidade e transitar entre ela proporcionaram a Lucy entender-se e descobrir novos panoramas e horizontes do entendimento da feminilidade e do gênero. Seja por meio do cabelo ou não, é nessa nova cidade que ela constitui uma nova família. É na cidade que a experiência trans, por meio da fluidez do xenogênero e do ser *catgirl*, revela a ela novas formas de ser e de se expressar.

4.2. Nano(trans)tecnologicamente: RPG e MMORPG como constructos da identidade

Enquanto conversávamos, as falas sobre jogos de interpretação de personagens, sejam eles de tabuleiro como *Dungeons and Dragons* ou jogos on-lines multiplayer como *Tibia* e *League of Legends*, surgiram como denotativos associados à identidade e ao processo de transição de Lucy. Enquanto performava a masculinidade no espaço público, como a universidade, no mundo *online*, ela passou a se identificar com personagens femininas. Esses jogos possibilitaram a ela diferentes formas de explorar os aspectos de sua própria personalidade e seus sentimentos.

Além disso, outro jogo *online* desponta como elemento principal no discurso de Lucy: o MMORPG *League Of Legends*, em sua versão de computador e sua versão *Wild Rift* para aparelhos *mobile*. Nesse jogo, ela também opta em jogar com personagens femininas e formular críticas e reflexões sobre a estética e os estereótipos de gênero presentes no mundo real e no mundo virtual dos jogos. Essas experiências associadas aos games demonstram sua jornada de transição de gênero no processo de autoidentificação, mostrando, dessa maneira, como os jogos podem servir, além de um espaço de fantasia, como espaço de exploração e da afirmação da identidade.

Duas das personagens citadas por Lucy em relação ao jogo *Wild Rift*, Seraphine e Luxanna, a seu ver, surgem pela necessidade da reprodução estereotipada que acompanha a imagem de uma certa fragilidade do feminino, bem como suas armaduras sexualizadas e cabelos longos em suas artes de divulgação. “*A gente vê aqueles cabelões lindos, né? Como, por exemplo, da Seraphine, da Lux, né? Cabelos gigantescos. São personagens belíssimas, mas a custo de quê?*” (31 anos).

Os jogos serviram para ela experienciar de forma mais ampla esse processo de identificação com o feminino, que viria a se consolidar no ano de 2019 e 2020, entre as cidades do Rio de Janeiro, Rio Branco, no Acre, e em Manaus. Ela me disse que, ao longo de sua infância e a fase da adolescência, os jogos de RPG e MMORPG serviram como válvula de escape da sua própria realidade material.

Outro elemento sobre o mundo virtual que surgiu foi a relação com a criação de perfis *fakes* ou falsos na rede social *Orkut*, em que ela fingia ser uma mulher para então interagir com a rede de pessoas formadas nesses perfis, em especial com homens, na busca pelo carinho e da aceitação. “*Eu sempre buscava fugir para jogos online. E nos jogos online, eu sempre era uma mulher e eu fazia fake. Mesmo assim, de mulher, sabe? Tipo Orkut de uma mulher, pegava nossa... crime, ai meu deus! Pegava foto de outras pessoas e fingia que era eu pra poder seduzir os boys e tal e eu não seduzia para roubar, aí tem essas coisas seduzia, porque eu queria alguém gostando de mim, né? Eu sempre fui muito carente. Daí, outras pessoas trans femininas que fazem isso são conhecidas nessa bolha como shemales*” (31 anos).

Lucy me explicou que o termo *shemale* é uma forma de denominar homens ou garotos que se passam por garotas ou apenas jogam com personagens femininos, a fim de transformar e validar a identidade criada e apresentada para esses personagens na esfera dos mapas virtuais dos jogos como verdadeiras, sustentando a partir das *calls* (sistemas de comunicação de áudio interna entre os jogadores) essa veracidade da identidade. *“Nos jogos online, pessoas que faziam o que faziam eram chamadas de shemale. Eu era shemale no meio de monte de homem. E isso é uma visão ruim, porque geralmente shemale eram pessoas que queriam roubar item dos outros, fingindo que era mulher e tal. Eles chamam a gente de traveco, acham que a gente vai roubar skin deles e na interação com os outros on-line, eles fazem questão de te humilhar se descobrirem. A única parte boa é que dá pra excluir e criar um novo personagem, né? Apesar de depois ter que ir farmar e evoluir tudo de novo”* (31 anos).

Assim, a estigmatização sobre a travestilidade no mundo dos jogos *online* demonstra-se associadas a uma relação negativa com a identidade de gênero, o que afetou Lucy nos dois mundos. Isolada no mundo dos jogos e isolada no mundo real, Lucy me falou que começou a transportar características dessas personagens para si e agregá-las na sua rotina, como a manipulação dos cabelos.

“Eu realmente só tinha um cabelo grande pra performar a feminilidade, eu não tinha o cabelo que eu queria até vim pra Manaus. Então, aqui em Manaus, que eu tinha mais liberdade, eu fiz logo um undercut primeiro, depois eu pintei meu cabelo de várias cores ao mesmo tempo, tipo arco-íris, aí eu raspei. Foi quando eu raspei e comecei a usar o meu cabelo curto que daí pra frente eu nunca mais tive cabelo grande, só chega no ombro, mais ou menos. Porque eu me identifico assim, quando eu fecho o olho, imagino como seria a Lucy perfeita igual minhas campeãs nos jogos. Ela não tem cabelo grande. Acho que isso quebra um pouco o paradigma de que toda mulher hoje tem que ter cabelo grande, né? Olha, eu não vou negar que o fato de eu ter cabelo curto me isenta de sofrer

violência como qualquer outra, na verdade eu tenho chance de sofrer mais ataques justamente por não tá desejando esse ideal.” (31 anos).

A narrativa de Lucy sobre os jogos, assim, demonstra o grande advento de experiências que a internet tem possibilitado em relação à constituição da identidade dos sujeitos entre o mundo real e o virtual, onde a fronteira entre os dois mundos parece, nesse caso, ser transpassada por ela. Os jogos servem, assim, como ferramenta significativa para tal. Nessas interações, ela pode criar para si, mesmo sob alguns ataques, um espaço seguro para se expressar por meio da manipulação das características métricas e físicas das personagens femininas. Suas críticas sobre as artes de divulgação dos jogos, as armaduras sexualizadas etc., refletem seu modo crítico em relação a essas imagens e como elas estão entrelaçadas com o mundo real.

Por fim, a transição de Lucy é profundamente marcada por essa não-limitação entre o corpo-matéria e o corpo-virtual do avatar. Esse entrelaçamento permeado pelo que é imaginado e o que é real, possibilitou a ela experienciar um modo único de vivência e descobrimento de si, usando como metáforas de transformação o cabelo. Nessa esfera de reflexão, o cabelo apresenta-se como elemento de libertação ao que se pensa sobre o ideal feminino. Os jogos servem, nesse sentido, ainda como campo de experimentação e resistência, seja essa experiência permeada pelo fictício dos perfis *fakes* ou no ato de ser uma *shemale*. O que me leva a crer que, de modo simultâneo, a vida social fora das telas e dentro delas se relaciona como um palco de atuação em que os atores sociais performam dramas e ritos que passam pelos processos de aceitação, afirmação, exclusão, violências e descobrimentos, permitindo ao indivíduo, por fim, em sua experiência singular, reimaginar sua própria identidade a partir dos confrontos e desafios para com as normas sociais convencionais.

4.3. Constructo corporal-capilar: experiência da liberdade na metrópole

A relação entre a cidade e a cidade atravessando a experiência capilar de Lucy demonstra-se em uma relação estritamente associada uma à outra. As mudanças ocorridas no seu estabelecimento na cidade transpassam também seu corpo a partir da conquista do implante de silicone, possibilitado a partir da estabilidade financeira adquirida em sua chegada a Manaus. *“Eu cheguei aqui em Manaus, ninguém reconhecia, então eu tinha a oportunidade de ser livre da pessoa, me conhecer já sendo livre. De mudar meu cabelo sem ninguém falar, de fazer meus procedimentos sem precisar dar satisfação pra ninguém”* (31 anos).

Ela, assim, relaciona a experiência da mudança dos cabelos na cidade como ato de liberdade e dos múltiplos modos de ser e suas possibilidades. Em Manaus, ela passou a se sentir mais à vontade para experimentar diferentes formas e estilos de cabelos, cores e procedimentos diversos, refletindo desse modo sua satisfação pessoal ao longo de sua jornada após seu *debut*.

Ainda em nossa conversa, ela me disse que esse processo de transformações se direcionou também para seu corpo: *“é uma coisa de outro mundo, porque é maravilhoso. Nos meus seios, eu tenho silicone hoje em dia eu consegui pelo plano de saúde. Mas eu cheguei a ter uns peitinhos, assim era muito, muito. Ai, olha assim eu ficava coisa linda e eu tenho um problema com a minha genitália.... A harmonização fez uma coisa maravilhosa que é tornar ele minúsculo e praticamente nada funcional. Está controlado. Então, além da pele do cabelo que ficou bem melhor e inclusive, a terapia hormonal afeta a minha cabeça. É isso no começo foi bem evidente, assim eu me tornei uma pessoa muito mais centrada, confiante com o hormônio atuando, sabe? Eu não sei explicar exatamente o que que aconteceu.”* (31 anos).

Seu processo de hormonização em Manaus foi e é feito a partir de tratamento na rede privada de saúde, mas Lucy me disse que conhece os programas voltados à população trans na cidade. O conhecimento sobre as políticas amazonenses sobre a temática da saúde trans chegaram a ela através de Allen, até então seu parceiro, que iniciou seu processo de transição aproximadamente no mesmo período que Lucy, entretanto pelo projeto TransOdara situado na Policlínica Codajás.

Ela me disse que em seu processo de terapia hormonal com a equipe multidisciplinar de médicos, psicólogos e terapeutas, tem feito exames de acompanhamento trimestralmente para acompanhar a adequação do seu corpo à prótese de silicone, bem como o acompanhamento das medicações. *“Eu estou tomando sandrena gel de 2 miligramas, 2 bloqueadores, ciproterona de 50 miligramas e espirolactona de 100 miligramas”* (31 anos). Traçando um paralelo com a experiência da terapia hormonal de Tiffany, Lucy não tem pressa pelos resultados clínicos. Ela me diz que *“vivo todos os sentimentos vindos nessa fase, sabe? Eu não sei explicar, é único. Não pensei que seria assim tão intenso e tão rápido”* (31 anos).

Essas constantes mudanças de humor enfrentadas por ela devido ao tratamento são refletidas principalmente nos seus gostos estéticos e capilares. Lucy me disse que, naquele período, por estar passando por estresses relacionado à sua condição de saúde, sua autoestima foi afetada: *“Ultimamente não tenho vontade de maquiar, amo maquiagem, amo me produzir, mas não tô bem e, quando tô assim, eu tento me animar mudando meu cabelo. Eu sinto que preciso ter cor, preciso ter vida, quando me entendi como Lucy, eu nasci assim, entende?”* (31 anos).

O cabelo, como elemento de reavivamento da alma, aqui aparece em um contexto associado à transformação pessoal interna e externa. Esses eventos tiveram início após passar por situações críticas em sua vida. Após o incidente da tentativa de suicídio, Lucy passou a colorir e a fazer cortes em seu cabelo com uma frequência maior, como uma forma de trazer cor e vida à sua existência: *“Eu sinto, sabe? Eu sinto que preciso mudar o cabelo para acompanhar minhas mudanças. Isso me deixa feliz, às vezes eu erro e nem sempre dá certo, mas é sempre uma nova experiência. Então, para trazer vida pra mim, alguma coisa tem que ser colorida, daí eu faço isso no meu cabelo. Ele cumpre essa função de reavivar a minha alma, meu espírito”* (31 anos).

Desta forma, ela relaciona a experiência da mudança dos cabelos com os momentos decisivos de sua vida, ação essa que pode ser compreendida a partir das elaborações discursivas de Lucy ao relatar que determinados momentos de sua vida afetam diretamente a forma seu cabelo irá se apresentar a essas novas relações, seja por meio da cor, do corte ou dos arranjos a ele incrementados, como as orelhas de gato. O

cabelo, portanto, demonstra-se como uma expressão de vitalidade e, de certo modo, um constructo da manifestação de sua identidade.

Os sentimentos constantemente evocados por Lucy demonstram como a relação do cabelo está intrinsecamente relacionada com a autoestima da mulher, e, em especial, para mulheres trans e travestis. Essa relação demonstra-se como mais relacionalmente social e física, no tocante à interpretação dos sentimentos e às expectativas atreladas a novas experiências pessoais e/ou coletivas.

O corpo, juntamente com a identidade, é considerado como uma entidade material sujeita a diversas possibilidades de flexibilidade, modulações e formas de expressão dentro das sociedades. E aqui trago dois pontos expressivos: sendo o primeiro o cabelo e suas inúmeras possibilidades de ser apresentado, seja ele trançado, solto, armado, com penteados elaborados, tingindo ou até mesmo em sua ausência. E, como segundo ponto, a arte do *visagismo*²⁷, que configura-se como técnicas de embelezamento, não apenas da beleza do rosto. Entram também no agrupamento dessas técnicas o uso de maquiagens, modelagem da sobrancelha, cores e formatos das unhas, as vestimentas etc.

Segundo Pierre Bourdieu, pode-se entender a reprodução do gosto e do estilo de vida a partir do desenvolvimento do *habitus* na sociedade. Nesse caminho, o *habitus*, a partir da visão de Bourdieu, é a inserção das estruturas sociais em indivíduos, seja de modo particular ou em coletivo. Dessa maneira, o *habitus* é introjetado aos indivíduos a partir de suas posições sociais e suas condições de vida (BOURDIEU, 1983, p. 82) desde a tenra idade, quais irão determinar o “gosto” de cada indivíduo. Assim, o “gosto” e o “estilo de vida” seriam determinados e direcionados para as coisas, como o gosto particular por estilos de vestimentas, práticas estéticas, estilo musical preferido etc., de modo individual e subjetivo, mas não inerente aos sujeitos. O “gosto” pode-se dizer nas palavras do ditado popular expressado recorrentemente no Amazonas: “gosto é que nem cu, cada um tem o seu.” Assim sendo, Bourdieu propõe que:

²⁷ O termo visagismo é uma derivação da palavra “*visage*” em francês, que significa “rosto”. O visagismo consiste em uma técnica que busca combinar elementos da arte e da ciência na construção de uma imagem pessoal do rosto, a partir de uma harmonização entre o cabelo, corte, colorimetria capilar, cuidados da pele e geometria facial. Em suma, o visagismo é uma arte de esculpir o rosto, proposta essa surgida em meados do ano de 1936 pelo cabeleireiro e maquiador francês Fernand Aubry.

Os “*habitus*” são princípios geradores de práticas distintas e distintivas — o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e suas maneiras de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes (1996, p. 22, grifos do autor).

Enquanto estive acompanhando Tiffany, Camila e Lucy, questões relacionadas ao gosto foram pertinentes em suas narrativas, gostos esses, principalmente relacionados à sua relação com o feminino e à atração sexual. Camila me confidenciou seus gostos pelos cuidados do corpo, pelos tratamentos estéticos corporais como limpeza de pele frequente em clínicas estéticas renomadas da cidade de Manaus, a qual, segundo ela: “*gosto de ir em lugares em que sou bem tratada e que saibam o que estão fazendo*” (Camila, 48 anos). Ainda com Camila, como ela mesmo pontuou: “*só saio de casa produzida e montada, com as unhas feitas*” (Camila, 48 anos). Pude notar seu apreço não apenas por suas unhas frequentemente pintadas em tons de vermelho profundo, mas também pela maquiagem.

De outro modo, para Tiffany, a moda e a maquiagem refletem diretamente sobre seu estilo. Para ela, acompanhar as tendências de moda lhe faz sentir: “*mais bonita, mais feminina*” (Tiffany, 23 anos). Na maioria das vezes que a encontrei, Tiffany trajava mini saias e *croppeds*. O gosto por essas peças está atrelado também pela constante evolução de seu corpo, como pontua ela: “*começou na academia desde cedo*” (Tiffany, 23 anos). O corpo feito que Tiffany se refere está atrelado à estética muscular, ao corpo torneado e a músculos bem definidos. Uma de suas inspirações para tal é a blogueira e criadora de conteúdo digital da rede social *Instagram*, Vivi Winkler, que compartilha nas redes conteúdos chamados de “*gym vlogger*”, em outras palavras, sua rotina gravada na academia de musculação. A maquiagem é parte de sua rotina; Tiffany não sai de casa sem base facial; Para ela: “*é a morte*” (Tiffany, 23 anos). Em nossas conversas em sua casa, Tiffany quase não usava base facial, entretanto, se necessário ir ao mercado ou à academia, a base é um produto essencial e social que imediatamente deve ser posta na face.

Por fim, enquanto com Lucy, a recepção da maquiagem não tem sido bem elaborada. Entretanto, como fica evidente no percurso de nossas conversas, por mais que esse outro elemento, introduzido como técnica de embelezamento do rosto, apresente-se como um dispositivo também para Lucy, o mesmo não desempenha um papel fundamental ou primário, como foi demonstrado. Nessa relação dos gostos, o foco de Lucy direciona-se para seus cabelos como constituintes primeiros da demonstração pública dos afetos, dos sentimentos, das frustrações e das mudanças. Em outras palavras, o cabelo demonstra-se como potência.

*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isso não é uma conclusão. Finalizo a escrita desta pesquisa com considerações finais acerca da temática do cabelo, corpo e identidade, delimitados à cidade de Manaus, trazendo as considerações sobre a temática analisada ao longo da escrita desta dissertação. Investigar uma temática aparentemente tão banalizada por sua constituinte material, como o cabelo, parece até mesmo ser irrisório. Cabelo, o que pode ele nos falar acerca do comportamento humano em sociedades complexas? Essa pergunta foi o que me norteou a entender como a constituição do corpo e da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus é perpassada por experiências únicas do cabelo, sejam essas experiências particulares ou coletivas.

O processo da constituição da identidade do sujeito é uma complexa relação de operadores não universais. Me arrisco a desafiar os estudos do campo da Lógica e suas investigações sobre o princípio da identidade, seja no campo da Antropologia ou da Filosofia. Buscar compreender a formação da identidade de mulheres trans e travestis que vivem em Manaus ou possuem algum tipo de relação com a cidade demonstrou elementos próprios que pertencem aos sujeitos que vivem nessa cidade ou passam a viver nela, como é o caso de Lucy.

Quando iniciei minhas pesquisas por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) sobre identidade, ainda na graduação em Filosofia, no ano de 2017, e posteriormente com complemento de formação em Ciências Sociais, o cabelo parecia ser um ser abjeto a mim. Afinal de contas, o que ele tem a ver com identidade? Quando adentrei o universo da pós-graduação, inicialmente com uma proposta investigativa do campo da Antropologia Médica cruzada com estudos da identidade e da doença alopecia (e suas variantes), na relação da escolha homoafetiva, não esperava migrar de área de modo tão surpreendente.

Logo na primeira sessão de orientação coletiva que tive, uma colega, **Melissa**, me perguntou, junto com minha orientadora Flávia Melo, sobre pensar o cabelo para além das relações homoeróticas e homoafetivas: mulheres trans têm alopecia? Como a queda dos cabelos afeta a autoestima dessas mulheres? Me lembro bem dessas duas perguntas.

Insisti na pesquisa da doença e suas variantes, agora buscando entender como ela afetava a autoestima de mulheres trans e travestis em Manaus. Meu primeiro contato efetivo com os discursos sobre os cabelos foi em um fórum virtual no Facebook de mulheres que convivem com alopecia. Nas narrativas que recebi de 13 (treze) mulheres, a autoestima era um assunto recorrente em suas falas. Os frutos desse trabalho culminaram na publicação do paper “Cicatrizes da beleza e da dor: sobre as mulheres que convivem com alopecia androgenética e suas variantes” no ano de 2022.

Não satisfeito, em uma outra orientação coletiva realizada no Departamento de Antropologia Social (DAN/UFAM), algumas amigas me perguntaram se a doença era algo mais importante que a própria noção de autoestima. Decidi buscar nas minhas próprias memórias minha experiência com os diversos tipos de cabelos que tive ao longo da adolescência: curto, grande, verde, azul, rosa etc. Meu cabelo mostrou um ponto importante que busquei ao longo dessa pesquisa: I) o cabelo enquanto potência. O cabelo enquanto potência está para além do mero gosto pessoal, o que me pareceu, ao longo de exaustivas leituras, que o gosto não é o único elemento atrelado à mudança dos fios. Pelo contrário, o gosto é um dos elementos constituintes do desejo, da manipulação e da própria ação sobre os fios.

O desejo apareceu muitas vezes nas falas das interlocutoras. Para Tiffany, o cabelo longo, cheio e alinhado revelou os “jogos” do cabelo e a sedução por ele proposta. Enquanto acompanhei o alisamento capilar realizado por sua própria mãe, a palavra “jogar” muitas vezes aparece associada às formas do desejo. Esse desejo, pelo que pude notar em relação a Tiffany, está relacionado à moda, ao mundo fitness e às suas relações afetivas ou não.

O ato de jogar os cabelos mostrou-se frequentemente em nossas idas ao supermercado. No espaço do supermercado, Tiffany usava o molejo dos seus fios para preencher o local com sua imagem. E certamente essa ação do jogo funciona na prática. Pude ver muitos olhares direcionados a ela, principalmente de homens. Em dois casos dessas idas ao mercado, os jogos do cabelo se revelaram nas relações afetivas: a primeira sendo com um dos seguranças do estabelecimento e a outra com um funcionário do setor de hortifruti.

O jogo do cabelo acabou se revelando como não apenas um termo êmico para falar sobre a vida dos fios — por mais que, para algumas áreas de estudo, os fios sejam considerados matéria morta, aqui não o tratarei como tal —, mas como uma ação prática do cotidiano. A ação das jogadas de cabelo também apareceu muitas vezes diante do espelho ou da câmera selfie do celular. De algum modo, o ato de jogar introjeta vida às hastes capilares, o que, para ela, não apenas rende comentários pessoalmente e na internet, como lhe confere sentido à feminilidade e à própria noção de ser mulher.

Os jogos de cabelo requerem um cuidado meticuloso não apenas com os fios, mas com o próprio corpo, o que fica evidente ao acompanhar a rotina fitness de musculação, alimentação e outros cuidados estéticos que pude presenciar. Mas não apenas a ação dos movimentos ou da manipulação dos fios apareceu em campo. Quando estive com Camilla, a temática sobre o alisamento apareceu de modo mais complexo e envolto de uma realidade social totalmente distinta da de Tiffany e de Lucy.

O alisamento entra na vida de Camilla como uma forma de se adequar a um grupo de mulheres trabalhadoras do sexo que ela chama de “meninas da noite”. O que Camilla me narrou e que eu pude presenciar em campo é que a sua relação com o cabelo teve que passar por um duplo processo de aceitação: o primeiro sendo a aceitação das meninas da noite para a inclusão dela naquele grupo e o segundo o de si, após deixar de fazer o procedimento.

Para ser aceita no grupo das meninas da noite, Camilla me disse que o padrão de beleza era o do cabelo liso e longo. Isso rendeu a ela pelo menos 5 alisamentos consecutivos que afetaram a sua saúde psicológica e física, uma vez que os alisamentos que ela havia feito eram à base de formaldeídos, e, por consequência, afetaram seu couro cabeludo. O longo processo para aceitar o próprio cabelo a levou a compreender a si e a se autoafirmar enquanto pessoa negra, revelando que o cabelo, para além de uma característica pessoal, também possui códigos de partilha e inclusão social.

No processo de transição capilar, Camilla me contou que passou a fazer uso frequente das tecnologias capilares, sejam elas as perucas, os apliques, os mega-hairs, tinturas etc. Essas tecnologias aparecem também nos discursos da sua amiga Joyce, no

discurso de Tiffany e no de Lucy. O que demonstra o avanço dessas tecnologias e sua facilidade de integração ao dia a dia. Além dessa integração, essas tecnologias têm o intuito de se parecerem o mais próximas do real possível, como no caso de produtos feitos com cabelos humanos. Outro ponto de integração que surgiu nas falas de Joyce foi o fator de demanda por essas tecnologias fora do Brasil, na cidade de Genebra, na Suíça.

Ao fim, o que se revela nas experiências de Camilla, Joyce, Tiffany e Lucy é um complexo mosaico que entrelaça a identidade, resistência e adaptação. Cada uma, à sua maneira, através dos fios de cabelo, navega entre as expectativas sociais e a busca pela própria aceitação. O cabelo, então, deixa de ser apenas uma questão estética e se torna uma extensão de suas histórias, mostrando que, no cabelo, a verdadeira vitória está na capacidade de se afirmar e brilhar com autenticidade, independentemente das normas impostas.

Não diferente, Lucy trouxe outras concepções sobre o aceite do cabelo e a relação com ele. Seus cabelos curtos demonstram-se como rebeldes a normas de gênero e estética. Como ela mesma pontuou em diversos momentos, seu cabelo é o que “reaviva a alma”. O processo do reavivamento da alma, na perspectiva de Lucy, vem através das manipulações dos fios. Seja na pintura, no corte ou na aplicação de uma nova tecnologia capilar, ela “se joga” e abraça novas possibilidades.

Reavivar a alma também aparece atrelado ao cabelo quando ela se refere a novas mudanças internas. É no cabelo que essas mudanças são refletidas. Ou seja, o cabelo, além de atuar como um elemento de cura, possibilidade e potência, também sinaliza novos processos da vida de Lucy, enfrentamento de novas etapas ou simplesmente a vontade e o desejo de mudar, de sair da mesmice. É no ato de cortar os longos fios que ela se encontra e, curiosamente, o ambiente que proporcionou a ela essa mudança foi a sua chegada na cidade de Manaus.

O cabelo não aparece como um elemento essencial no discurso de Lucy, como aparece no de Camilla e Tiffany. Pelo contrário, seus contrapontos refletem que o cabelo é um elemento a mais de sua identidade fluída, xenogênero, que incorpora elementos felinos e a transporta para o grupo das catgirls. Os processos identitários pontuados por

Lucy, de certa forma, relacionam também a noção de jogo. Os jogos que Lucy fala são os RPG e os MMORPG, fundamentais para ela se entender e se descobrir Lucy.

Lucy começa suas mudanças corporais após chegar em Manaus e mergulhar profundamente nos RPGs e MMORPGs. E aqui eu ressalto outro ponto importante complementar ao ponto I, do cabelo enquanto potência: II) a não homogeneidade da experiência trans/travesti em Manaus. O primeiro ponto é a noção de pertencimento de classe. Lucy é uma mulher que se autodeclara branca, com grau de pós-doutora. Tiffany é uma jovem que começa sua vida, sua transição de gênero, e reside em um bairro periférico. Camilla, uma mulher mais experiente, mas não da mesma camada do estrato social de Lucy, é uma trabalhadora do sexo na noite e do trabalho formal de dia, que vive entre Manaus e São Paulo para conseguir seu sustento.

O segundo ponto é a própria noção geracional. Não foi intencional que essa pesquisa fosse marcada por esse recorte. Contrário a isso, essa disposição geracional demonstrou-se com o fluir do próprio campo. Os principais fatores que destacam esses fatores geracionais entre Tiffany, Camilla e Lucy são, além do pertencimento social de classe, os modos de comunicação, expressão e cuidado de si.

Com Tiffany, tive que me ater por dias, constantemente consumindo memes em redes sociais para, então, entender as referências que ela utilizava em nossas conversas, fossem elas dos memes ou de criadores de conteúdo. O que me demandou tempo e, de certa maneira, uma reeducação para o avanço da língua visual.

De outro modo, com Camilla, tive que desenferrujar meus conhecimentos do dialeto Pajubá para entender o que é o tal chuchu e como ele impacta na estética feminina trans. Esse empreendimento de voltar a entender o Pajubá, dialeto principalmente marcado por seu mantimento oral, é que ele, aos poucos, tem perdido força, já que se trata de um dialeto que surgiu nas ruas entre as travestis e os homossexuais em contexto de ditadura no Brasil. O Pajubá constitui-se como uma linguagem criada entre esses sujeitos, a partir do contato do português brasileiro com a língua iorubá e nagô, que tem caído no desuso, mas segue vivo entre seus falantes, como Camilla.

Por fim, conheci Lucy já em ambiente acadêmico. Nossas conversas não foram marcadas por grandes dificuldades, exceto pelas referências à Paleontologia. O modo de conversar com Lucy me direcionou para outro espaço, um espaço que me possibilitou assistir a uma *outside* do gênero, crítica ferrenha, mas humana. Dotada de fragilidades, inseguranças, desejos, vontades etc.

No contexto da questão geracional, é observada uma significativa variação na faixa etária das interlocutoras, que influencia a formação de suas identidades. Nesse sentido, as idades das participantes variam entre 23 e 56 anos. No que se refere aos aspectos étnicos, há diferenças marcantes entre elas: uma se identifica como mulher transexual negra, outra como mulher travesti parda e apenas uma como mulher transexual branca. Quanto à educação, todas as três participantes tiveram acesso ao ensino, uma possuindo ensino médio completo, outra com ensino superior incompleto e a terceira com ensino superior completo, abrangendo graduação, mestrado e doutorado.

Significativamente, devo ressaltar que os dados obtidos através das entrevistas presenciais, observações participantes e encontros, fossem eles nas dependências das casas das interlocutoras ou em espaços alheios a esse, e via *WhatsApp*, demonstram que na singularidade da construção do corpo, bem como da identidade dessas mulheres, existem aspectos de particularidades únicas, mas que, a partir de suas narrativas, cruzam-se em determinados momentos, considerando-se as experiências narradas. Todavia, não são e nem devem ser generalizadas.

Por se tratar de uma pesquisa sobre a relação da tríade cabelo-corpo-identidade, o enfoque nas relações com a cabeleira, seja ela “natural” ou o uso a partir das tecnologias capilares como perucas, apliques, implantes capilares, dentre outros, pude notar, ao longo do período em que estive acompanhando minhas interlocutoras colaboradoras, que ele — o cabelo — demonstrou aspectos simbólicos essenciais que estão relacionados à própria fabricação de suas identidades, bem como seus corpos.

Assim, o cabelo passa a ter um status essencial na relação com suas próprias trajetórias, que incluem a infância, a juventude, a relação familiar e as manipulações das madeixas, haja vista que o cabelo, o corpo e a identidade estão estritamente interligados. O corpo pode ser compreendido, nesse caminho, como um elemento cuja compreensão,

para além da experiência própria, é entendida a partir das relações humanas e do cotidiano. Assim, o corpo experimenta sentidos das práticas públicas e particulares.

Assim, nesse entrelaçamento de narrativas, a relação cabelo no corpo demonstra-se para além de um simples elemento estético; ele é um símbolo de afirmação e de luta. Um fio que conecta identidades diversas e ricas em significados. Cada uma dessas mulheres, a partir de suas experiências de vida singulares, contribuiu para uma compreensão ampliada e profunda da relação do cabelo na constituição da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus, onde o cabelo é um dos muitos fios simbólicos que tecem o entrelaçamento dessas narrativas.

*

A centralidade na discussão a respeito do conceito de mulheridade e feminilidade tornou-se central no entendimento de como essas mulheres constituem suas experiências identitárias na cidade. Elas são a própria experiência corporificada do contato com a realidade. Assim, os contornos que a noção de mulher assume são, de certo modo, uma amplificação das noções já conhecidas.

Essa abertura para entendermos essas realidades dissidentes, atravessadas por incontestáveis experiências, revela-se a partir do entrelugar. Esse entrelugar entende-se como sendo o espaço de habitação entre o período anterior à transição de gênero e o firmamento pós-transição. Esse lugar revelado nas narrativas demonstra um universo único em que a diversidade se expressa e mostra compartilhamentos singulares, como as ideias atreladas ao cabelo e como ele expressa a feminilidade social.

No espaço entrelugares, o corpo dessas mulheres se constitui enquanto matéria. Constrói-se o corpo, suas curvas, manipula-se a carne, a pele, os fios de cabelo. Em suma, a experiência dessas mulheres no entrelugar demonstra como a realidade social dos encontros e desencontros ocorre entre iguais.

No percurso da construção da noção de mulheridade, a experiência anterior à transição de gênero também aparece como ponto importante para o início do processo de transição e expressão de gênero. Lucy, antes de sua transição, já tinha cabelos grandes. Tiffany também. Não distante, Camilla passou por esse lugar. As três

narrativas que se cruzam revelam que, de algum modo, a associação da feminilidade passa antes por um andrógino do corpo.

A dualidade da experiência pela androgínia nesses corpos reflete-se no firmamento do gênero. Com firmamento, não quero dizer fixidez dessas categorias. Contrário a essa estabilização e normatividade, o firmamento pode ser entendido como o direcionamento ocasionado pela própria orientação de si e do próprio gênero. Assim, a orientação sexual perpassa pelo corpo andrógino, parecendo confundir-se com uma certa neutralidade estética. Entretanto, não é essa neutralidade; a performance é constante nos discursos delas.

O que se constrói em torno da categoria mulher, reforçando o que já disse, não se trata de uma experiência universal. A mulher universal não existe em medida de experiência compartilhada. O que uma mulher trans/travesti passa, por exemplo, em países asiáticos, certamente não é a mesma experiência de uma mulher amazônica. A experiência da mulheridade é uma prática social, identitária, cultural e, principalmente, política, que é perpassada pela interseccionalidade de raça, classe, gênero e também pertencimento étnico.

Outro momento importante atrelado à experiência do fazer mulheridade é o das relações com suas iguais, demonstrando como elas são distintas em seu cerne. A título de exemplo, Camilla, para ser aceita no grupo das meninas da noite, precisou adequar seu estilo de roupas e, principalmente, cabelo, para passar pelo processo de “aceitamento”. Em uma outra perspectiva, Tiffany não passou por esse lugar de inserção em um grupo de iguais; pelo contrário, ao longo de nossas conversas, ela afirmou que seu espelho inspirador é sua própria mãe. Dentro de seu núcleo familiar, ela passou a experienciar, vivenciar e expressar.

Assim, as interseccionalidades demonstradas no decorrer da pesquisa servem como ferramenta crítica e analítica para o entendimento da realidade. A apreensão dessa ferramenta proporciona uma análise minuciosa das relações sociais e do cenário que ocorrem. A multiplicidade identitária e as formas diferenciadas de articulação de gênero demonstram sistemas ritualísticos e performáticos do cuidado.

Performar o cuidado é cuidar de si. Esse cuidado constante, rigoroso e disciplinado, seja pela vontade de manter o corpo esteticamente bonito e torneado,

como no caso de Tiffany, ou pelos cuidados clínicos-estéticos de Camilla e Lucy. De certo modo, esse cuidado é também compartilhado no que diz respeito à continuidade do tratamento hormonal, que desemboca também na clínica dermatológica. O processo marcado pela transição de gênero abre um leque de possibilidades e entendimentos dessa complexa relação corpo-hormônio-subjetividade.

São as latências internas ao ser que pulsam constantemente, revelando desejos e vontades, um processo constante a todos os seres humanos. Um processo de devir. Assim, o vir a ser mulher é entrelaçado como uma trança em longos cabelos. São fios que se cruzam, descruzam e se sobrepõem. É único. Certamente não é lindo, não é um processo simples.

São trajetórias marcadas pela desigualdade social, educacional e pela violência contra seus corpos, contra suas existências. A necessidade de inserção no trabalho formal também é um dos desafios enfrentados por essas mulheres. E é ressignificando suas próprias trajetórias que o direito de ser e viver se manifesta. Ser é uma possibilidade, não é uma certeza. E é nessa possibilidade que elas se fazem, fazem seus corpos e suas identidades.

*

Por fim, o esforço laboral dessa etnografia busca colaborar com os entendimentos sobre a transgeneridade e a travestilidade no contexto amazônico em Manaus. Não cabe a mim o papel de porta-voz desse grupo; as mulheres que ajudaram a construir esta etnografia demonstram quão consciente, politizado e articulado é esse grupo. Na busca pela representação dos modos de vida na cidade de Manaus, espero verdadeiramente que esta etnografia tenha cumprido seu papel e que as lacunas que a academia tem em relação à inserção de pessoas transgênero e transsexuais sejam preenchidas, permitindo que elas participem ativamente na produção de conhecimentos em torno da experiência trans. Desejo a TRANSformação. Agradeço, sem delongas, às mulheres que participaram dessa pesquisa e que suas trajetórias sejam gravadas na ciência.

* * *

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Denison Melo de. Dignidade humana e autonomia da vontade na liberdade de ser da pessoa intersexual. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 72–75, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/5719>. Acesso em: 27 mar. 2024.

ARÁUZ, Lorena Campos. **Diccionario básico de Antropología**. 1. ed. Quito-Ecuador: Abya-Yala, 2008. p. 1-164.

BARCELOS SOLIVA, Thiago. Stonewall, silêncios e mágoas: uma análise a partir do documentário A morte e vida de Marsha P. Johnson. *In: Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (18): 131-144, setembro a dezembro de 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11794>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do Sexo. *In: LOURO, Guacira, Lopes. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Trad. de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições & Crocodilo Edições, 2019.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. de Mariza Corrêa. 9ª. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. Gostos de classe e estilo de vida. *In: ORTIZ, Renato (org.). Sociologia: Pierre Bourdieu*. Trad. de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

DOUGLAS, Mary. Impureza ritual; Profanação secular; As abominações do levítico. *In: DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2010, pp. 19-74.

CRIANDO um mundo em que todas as gestações sejam desejadas, todos os partos sejam seguros e cada jovem alcance seu potencial. **UNFPA Brasil (on-line)**. Disponível em:

<https://brazil.unfpa.org/pt-br/quem-somos#:~:text=O%20Fundo%20de%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20das,reprodutiva%20e%20igualdade%20de%20g%C3%AAnero.> > Acesso em: 09/10/2023.

EMBAIXADOR da Irlanda visita projeto da ONU que acolhe migrantes em Manaus. **Nações Unidas Brasil**. 31 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/84507-embaixador-da-irlanda-visita-projeto-da-onu-que-acolhe-migrantes-em-manaus>> Acesso em: 09/10/2023.

FONTGALAND, Arthur; CORTEZ, Renata. "Manifesto ciborgue". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>>. Acesso em: 10 de abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 - 1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 1. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970 - 1982)**. Tradução de Andréa Daher; consultoria de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 1, p. 13-41.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 237-265.

GOLDENBERG, Mirian et al. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC, p.1-18, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. **Cadernos Cepia nº 5**, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/341846/mod_resource/content/2/Heilborn%20-%20genero,%20corpo%20e%20sexualidade%20pdf.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; HARI, Kunzru; TOMAZ, Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HÉRITIER, Françoise. **La différence des sexes explique-t-elle leur inégalité?: petite conférence**. Montrouge, France: Bayard Éditions, 2010.

JESUS, Cassiano Celestino de. O que é a Teoria Queer? Notas introdutórias de um saber subalterno, subversivo e contra-hegemônico. In: **Veredas da História**, [on-line], v. 9, n. 2, p. 21-34, dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48021>. Acesso em: 09 de abr. 2024.

KRISTEVA, Julia. **Power of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

KVELLER, Daniel Boianovsky; NARDI, Henrique Caetano. Performance, performatividade, perfechatividade: repensando nós conceituais nos estudos queer. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 66, p. e226617, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672105>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LAFONT, Suzanne. Gender. In: **The International Encyclopedia of Human Sexuality**. 2015, p. 1-3.

LAURETIS, Teresa de; SILVA, Gabriel Bosco Vaz da; SOUZA, Leonardo Lemos de. Gênero e teoria Queer. In: **Albuquerque: revista de história**, v. 13, n. 26, p. 165-176,

28 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/12446> > Acesso em 10 de abr. 2024.

LAURETIS, Teresa de. "Queer Theory. Lesbian and Gay Sexualities: an introduction. In: **Differences: A Journal Of Cultural Studies**, vol. 3, nº 2, p. 11, 1991.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241. Disponível em: <http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

LANCASTER, Roger. **Life is hard: Masculinity, Danger, and the Intimacy of Power in Nicaragua**. Berkeley: University of California Press, 1992.

LEACH, Edmund. Cabelo mágico. In: DA MATTA, Roberto (Org.). **Edmund Leach: antropologia**. São Paulo: Ática, 1983.

LEGOUGE, Patricia. La Sexualité, un produit social et un objet sociologique. In: **Raison Présente**, no 183, 3e trimestre 2012. Sexualité normativités. pp. 13-21. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_2012_num_183_1_4406#:~:text=La%20sexualité%20constituerait%20un%20«ensemble,et%20de%20genre%2C%20fut%20importante.> Acesso em: 12 de abr. 2024.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MAZZARIELLO, Carolina Cordeiro; FERREIRA, Lucas Bulgarelli. 2015. "Gênero". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/genero>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MELO, Flávia da Cunha. **Cadastrar, Incluir e Proteger: as malhas das assistência social na fronteira Amazônia**. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-19042021-132559/pt-br.php>. Acesso em: 15 de dez. 2024.

MENDES, Diego Costa. Teoria Queer e Gestão da Diversidade: uma aproximação possível. In: **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 23, p. 589-604, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/7225/4555>. Acesso em 10 de abr. 2024.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Marxismo e feminismo**: afinidades e diferenças. Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 89-97.

NINGUÉM deve ser obrigado a deixar sua casa em razão de sua orientação sexual ou identidade de gênero. **Agência da ONU para refugiados**. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/temas-especificos/lgbti/> > Acesso em: 09/10/2023.

ORTNER, Sherry B. Está a Mulher Para o Homem Assim Como a Natureza para a Cultura?. In: Rosaldo, Michele Z.; Lamphere, Louise (orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. RJ: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. In: **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 68–91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 1 jun. 2024.

PIRES, Bárbara Gomes. Uma visão antropológica sobre a resolução 1.664/03 do CFM. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 71, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/57190>. Acesso em: 27 mar. 2024.

PRECIADO, Beatriz (Paul). **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopotnográfica. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro & Verônica Daminelli Fernandes. N-1 Edições, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p.71-99, 1990.

SCOTT, Russel Parry. Vulnerabilidades e conexões entre cuidados “de si”, cuidados “dos outros” e cuidados “pelos outros” na IV Reunião de Antropologia da Saúde (IV RAS). Ano 27, Vol. 34(2), 2023. In: **Revista AntHropológicas**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/26082>. Acesso em: 15 de dez. 2024.

UNFPA no Brasil. **UNFPA Brasil (on-line)**. Disponível em: <
<https://brazil.unfpa.org/pt-br/content/unfpa-no-brasil> > acesso em: 09/10/2023

A referência conforme as normas da ABNT (NBR 6023:2018) para a dissertação que você mencionou ficaria assim:

WITTMANN, Isabel. **Corpo, gênero e identidade: experiências transgênero na cidade de Manaus**. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Editora Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

SITES CONSULTADOS

AS MINA NA HISTÓRIA. Sylvia Rivera - 1973. As Minas na História. Mato Grosso, 22 de ago. 2016. On: **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1072693816149181>. Acesso em 12 de abr. 2024.

HELIO FILHO. Astral. **Ezatamag**, 16 de mai. de 2022. Disponível em: <https://ezatamentchy.com.br/astral/>. Acesso em: 10 de abr. 2024.

GRUPO DIGNIDADE. ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados. **Grupo Dignidade**. Seção Coleções. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/astral/?order=ASC&orderby=date&view_mode=cards&perpage=12&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=. Acesso em: 10 de abr. 2024.

LU SUDRÉ. Transexualidade deixa de ser considerada doença, mas ainda é patologizada. **Brasil de Fato (BdF)**, 03 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/03/transexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-ainda-e-patologizada>. Acesso em 28 de mar. 2024.

QUEIROZ, Nana. “Não é só o gênero que é socialmente constituído, o sexo biológico também”. **AzMina**, 2 de mai. 2016 (atualizado em 17 de jan. de 2019). Seção: Saúde e Sexo. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-s-exo-biologico-tambem/>. Acesso em 10 de abr. 2024.